

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO  
DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL - CPDOC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS  
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS**

**ROQUETTE-PINTO IMORTAL:  
CONSTITUIÇÃO, TRATAMENTO E USOS DO ARQUIVO ROQUETTE-PINTO NA  
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS**

**APRESENTADA POR  
JULIANA AMORIM DE SOUZA**

Rio de Janeiro, Maio de 2015

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO  
DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL - CPDOC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS  
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS**

JULIANA AMORIM DE SOUZA

**ROQUETTE-PINTO IMORTAL:  
CONSTITUIÇÃO, TRATAMENTO E USOS DO ARQUIVO ROQUETTE-PINTO NA  
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS**

PROFESSORA ORIENTADORA ACADÊMICA LUCIANA QUILLET HEYMANN

Rio de Janeiro, Maio de 2015

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO  
DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL - CPDOC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS  
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS**

JULIANA AMORIM DE SOUZA

ROQUETTE-PINTO IMORTAL:  
CONSTITUIÇÃO, TRATAMENTO E USOS DO ARQUIVO ROQUETTE-PINTO NA  
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

PROFESSORA ORIENTADORA ACADÊMICA LUCIANA QUILLET HEYMANN

Dissertação de Mestrado Acadêmico em História, Política e Bens Culturais apresentada ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História, Política e Bens Culturais.

Rio de Janeiro, Maio de 2015

Souza, Juliana Amorim de

Roquete-Pinto imortal: constituição, tratamento e usos do arquivo Roquete-Pinto na Academia Brasileira de Letras / Juliana Amorim de Souza. – 2015.  
125 f.

Dissertação (mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais.

Orientadora: Luciana Quillet Heymann.

Inclui bibliografia.

1. Arquivos pessoais. 2. Arquivologia. 3. Roquette-Pinto, E. (Edgar), 1884-1954.  
4. Academia Brasileira de Letras. I. Heymann, Luciana Quillet. II. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. III. Título.

CDD – 025.1971

**JULIANA AMORIM DE SOUZA**

**ROQUETTE-PINTO IMORTAL: CONSTITUIÇÃO, TRATAMENTO E USOS  
DO ARQUIVO ROQUETTE-PINTO NA ACADEMIA BRASILEIRA DE  
LETRAS**

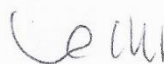
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Bens Culturais e  
Projetos Sociais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do  
Brasil para obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais

Data da defesa: 29/05/2015

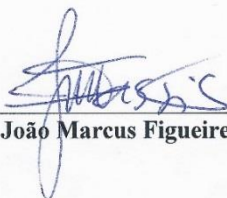
**ASSINATURA DOS MEMBROS DA BANCA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO**



**Luciana Quillet Heymann**  
Orientador (a)



**Verena Alberti**



**João Marcus Figueiredo Assis**

Para Carlos (*in memoriam*), Thereza,  
Maurício e Bruno, com todo o meu amor.

## Agradecimentos

Dizem que escrever é uma tarefa solitária. Ao escrever essa dissertação pude ver como isso é verdade. Mas também descobri que por trás há outra realidade, feita de solidariedade e companheirismo. Colocado o ponto final neste trabalho, quero registrar minha gratidão a todos que, voluntariamente ou involuntariamente, me ajudaram e incentivaram.

Registro aqui a minha especial gratidão a minha orientadora Luciana Heymann, por ter aceitado me guiar nessa tarefa tão difícil. Sem esse apoio meu trabalho não seria possível. Prontamente, lia tudo o que eu escrevia, sempre com críticas refinadas. Com delicadeza me chamava para a realidade quando eu “desaparecia” ou “travava” na escrita. Foi uma honra tê-la conhecido, uma autora que sempre foi referência em minhas leituras, com ela eu pude aprender mais do que eu imaginava. Sabia que eu estava em “boas mãos”. Sentirei saudades “até” dos calafrios que eu sentia cada vez que recebia seus e-mails.

Ao professor João Marcus Figueiredo Assis, que foi o professor da minha primeira aula do curso de graduação em Arquivologia da UNIRIO, há quase nove anos. Não pude ter recebido as melhores boas-vindas ao “universo dos arquivos” de outra pessoa, se não dele. O entusiasmo e a paciência com que ministra as aulas foram os grandes responsáveis pelo meu encantamento por essa área. Fico honrada em tê-lo em minha banca de Mestrado.

À professora Verena Alberti, que prontamente aceitou compor a minha banca, com a sua leitura apurada, trouxe dicas valiosas no momento da minha qualificação, contribuindo com ótimas sugestões para o enriquecimento e andamento do meu trabalho.

Aos professores do CPDOC/FGV com os quais tive o prazer de frequentar suas aulas, permitindo aguçar meu senso crítico: Paulo Fontes, Mônica Kornis, Lucia Lippi e Celso Castro.

A minha família diurna, meus companheiros de trabalho da Academia Brasileira de Letras, que foram envolvidos nesta caminhada: Paulino Cardoso, Cintia Overvag, Ana Renata Tartaglia, Cátia Soares, Isabelle Brandão, Marcio Castorino, Terezinha Lima, Dona Joana, Ana Laura, além dos estagiários do Arquivo da “geração 2013 - 2015” que compreenderam as minhas ausências e vinham até a mim sempre com uma palavra de incentivo, em especial, à Maria Oliveira, responsável por me inserir no “mundo particular” de Edgard Roquette-Pinto; mais do que coordenadora, é uma amiga que esteve ao meu lado durante todo este tempo, com valiosas dicas, e “aliviando a minha barra” quando estive com a “corda no pescoço”, sou eternamente grata pela confiança em que deposita em mim.

Ao Acadêmico Alberto Venancio Filho, quem eu tive a oportunidade de conhecer melhor nesta temporada. Um especialista em Roquette-Pinto, sempre bastante interessado com

o andamento de minha pesquisa. Sua contribuição neste trabalho foi fundamental.

Ao Claudio Roquette-Pinto Bojunga, quem eu também tive a honra de conhecer durante essa trajetória, contribuindo para o andamento deste trabalho. Seu entusiasmo foi um “gás” a mais para a minha pesquisa.

À Dominichi Miranda de Sá e Sheila Schvarzman que prontamente me atenderam e foram peças fundamentais neste “quebra-cabeça”.

As minhas amigas de todas as horas, que entenderam a minha ausência: Brunna, Gabi e Chris. Mesmo sendo administradora, química e contadora, sempre estiveram dispostas a ouvir com atenção sobre a minha pesquisa e vida profissional. Amigas de longa data e para a vida toda.

Ao Pascoal, uma pessoa muito importante na minha vida, que sempre acreditou no meu potencial e foi o principal estimulador para que eu fizesse este mestrado. Sem o apoio e o incentivo dele, eu não teria nem tentado.

Por último, mas não menos importante, a minha família, minha base de sustentação, começando pela matriarca, Thereza. Se não fosse pela educação que ela me deu (isso inclui os “puxões de orelha”), eu não teria alcançado 1/3 do que consegui até aqui, devo tudo a ela, em todos os sentidos, principalmente pela minha formação como ser humano. Além dos meus irmãos, Maurício e Bruno, que assumem bem o papel de irmãos mais velhos, desde a implicância até a seriedade; minhas cunhadas Fernanda e Talita, e meu “pacotinho de pêlos”, Shaika. O amor e a gratidão que sinto pela família Amorim é imensurável.

Deixo aqui os meus agradecimentos pela paciência, cada um de vocês foi essencial!



## **Resumo**

A dissertação apresenta uma análise acerca da produção, custódia e uso do arquivo pessoal de Edgard Roquette-Pinto, hoje sob a guarda definitiva da Academia Brasileira de Letras (ABL). Busca-se evidenciar as representações que circulam o local de guarda deste acervo, sugerir a reconstituição da relação do titular com seu arquivo, iluminar os diversos padrões de acumulação e interferências a que o arquivo teria sido submetido, bem como, possibilitar a reflexão sobre os efeitos das interferências realizadas pelos pesquisadores que antecederam à organização, e pelos arquivistas no momento de sua organização.

**Palavras-chave:** Arquivos pessoais; Memória; Academia Brasileira de Letras; Edgard Roquette-Pinto; Arquivologia.

## **Abstract**

The dissertation presents an analysis of the production, custody and use of the personal papers of Edgard Roquette-Pinto, today in the permanent custody of the Brazilian Academy of Letters (ABL). The aim is to highlight the representations circulating local guard this archive, suggest the reconstitution of the holder of the relationship with your file, illuminate the various patterns of accumulation and interference that the file would be submitted as well, enabling the reflection on the effects of interference made by the researchers leading the organization, and by archivists at the time of your organization.

**Keywords:** Personal papers; Memory; Brazilian Academy of Letters; Edgard Roquette-Pinto; Archives.

“Dentro de um século, não se escreverá sobre raças, especialmente sobre índios, assim como sobre educação e sobre rádio no Brasil [...], sem consultar o que eu deixei. Tudo que um homem de pensamento aspira, e que é a sobrevivência na memória dos homens de amanhã, eu tenho como certo.”

Edgard Roquette-Pinto

## Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo 1: A Academia Brasileira de Letras .....</b>	<b>18</b>
1.1 A fundação da Academia Brasileira de Letras e a “fabricação do imortal” .....	19
1.2 O Arquivo da Academia Brasileira de Letras .....	29
1.2.1 O Arquivo dos Acadêmicos .....	41
<b>Capítulo 2: A construção do legado de Edgard Roquette-Pinto .....</b>	<b>48</b>
2.1 Edgard Roquette-Pinto (1884-1954) .....	50
2.1.1 Roquette-Pinto, um homem de letras .....	61
2.2 A institucionalização do Arquivo Roquette-Pinto .....	69
2.2.1 A doação do arquivo e a primeira pesquisa 30 anos depois .....	70
<b>Capítulo 3: 50 Anos depois: a organização do arquivo Roquette-Pinto .....</b>	<b>88</b>
3.1 Projeto Comissão Rondon 1912 – 2012 .....	91
3.2 Ativações e interferências .....	94
3.3 Arranjo e descrição .....	104
<b>Considerações finais .....</b>	<b>110</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>114</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>121</b>

## Introdução

O presente trabalho tem por objetivo refletir acerca da produção, custódia e uso do arquivo pessoal de Edgard Roquette-Pinto, hoje sob a guarda definitiva da Academia Brasileira de Letras (ABL). Atuei como arquivista responsável pela organização deste fundo documental, durante o período de 2011 até 2015 e, portanto, o exercício de investigar o tratamento arquivístico ao qual o fundo foi submetido impôs a reflexão sobre minha prática profissional.

Meu primeiro contato com o arquivo Roquette-Pinto se deu antes de imaginá-lo como objeto da minha dissertação, em 2009, quando era estagiária do curso de graduação em Arquivologia. Durante o período compreendido entre janeiro de 2009 e julho de 2010 atuei como estagiária do Arquivo dos Acadêmicos da Academia Brasileira de Letras e, dentre as atividades que exerci, o atendimento aos pesquisadores era uma das rotinas.

Considerado o segundo arquivo mais consultado da ABL, o arquivo Roquette-Pinto foi objeto de pesquisa de diversos consulentes como Vanderlei Sebastião de Souza<sup>1</sup>, que durante os anos de 2009 e 2010 pesquisou nesse arquivo para escrever a tese *Em busca do Brasil: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905 – 1935)*, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Fiocruz, com a qual venceu o Terceiro Prêmio de Teses da Associação Nacional de História (ANPUH-Brasil), que selecionou a melhor tese defendida entre 2010 e 2011 em programas brasileiros de pós-graduação em História.

Durante o tempo em que Vanderlei de Souza fez a sua pesquisa no arquivo Roquette-Pinto, eu, na qualidade de estagiária, o atendia, permitindo o acesso aos documentos desse arquivo, através da separação e contagem dos itens documentais do acervo, já que o mesmo encontrava-se aberto à consulta, porém, sem organização.

Para dar o acesso aos documentos do arquivo Roquette-Pinto, utilizávamos uma espécie de “instrumento de pesquisa” que, na realidade era a relação de todos os itens documentais deste acervo, juntamente com uma descrição sumária de cada item, preparado pela pesquisadora

---

<sup>1</sup> Vanderlei Sebastião de Souza é historiador, com mestrado e doutorado em História das Ciências e da Saúde, pela Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ. Atua principalmente nos seguintes temas de pesquisa: nação, raça e identidade nacional, pensamento médico, história da saúde pública, interpretações do Brasil, trajetórias e biografias intelectuais, história da eugenia, da genética e da antropologia física.

Dominichi Miranda de Sá<sup>2</sup>, quando esta se debruçou sobre este arquivo durante o ano de 2001.

De sua pesquisa, juntamente com Nísia Trindade Lima<sup>3</sup>, resultou a organização do livro *Antropologia Brasileira: Ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*, publicado em 2008 pelas editoras UFMG e FIOCRUZ.

Em entrevista realizada com Dominichi Miranda de Sá, em dezembro de 2014, para o desenvolvimento dessa dissertação, a pesquisadora contou que, inicialmente, a pesquisa tinha por objetivo obter informações para uma biografia de Roquette-Pinto, mas, devido à surpresa de encontrar um arquivo extenso - além de diversificado e desorganizado -, teria sido necessário fazer um recorte e abordar apenas a atuação do titular como antropólogo e educador.

O livro foi, na verdade, o último produto da pesquisa realizada nos documentos de Roquette-Pinto na ABL por Miranda de Sá. Antes de o livro ser publicado, com base no material pesquisado na ABL, foram realizados seminários e exposições, que começaram pequenos e foram tomando proporções maiores, acabando por tornarem-se itinerantes, percorrendo várias regiões do Brasil. Hoje, uma das exposições está permanentemente em Rondônia, região em que foi realizada a expedição conhecida como Comissão Rondon, em 1912<sup>4</sup>, da qual Roquette-Pinto participou sob a liderança do Marechal Rondon. O nome do futuro estado foi uma homenagem a essa liderança, sugerida pelo próprio Roquette-Pinto durante uma conferência no Museu Nacional, em 1915.

Do caderno de campo escrito durante o tempo em que esteve na viagem, parte integrante do arquivo Roquette-Pinto na ABL, resultou a sua obra de maior renome, *Rondonia: Anthropologia - Ethnographia*, publicada em 1917. Esta obra inseriu o nome de Roquette-Pinto no rol dos escritores, abrindo as portas da Academia Brasileira de Letras para sua passagem.

A pesquisa realizada por Dominichi Miranda de Sá foi o germen para a criação do projeto que visava à organização do arquivo Roquette-Pinto na ABL. No entanto, antes dela, outros pesquisadores também consultaram este fundo documental. A primeira foi Sheila Schvarzman<sup>5</sup> que, mediante autorização da filha do titular, conseguiu a abertura deste arquivo,

---

<sup>2</sup> Dominichi Miranda de Sá é historiadora, com mestrado e doutorado em História Social pela UFRJ. Atualmente atua como pesquisadora e professora do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ.

<sup>3</sup> Nísia Trindade Lima é socióloga e doutora em Sociologia pelo IUPERJ. Atua como pesquisadora e professora do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ e do curso de Sociologia da UERJ.

<sup>4</sup> Viagem realizada por Edgard Roquette-Pinto, a convite do Marechal Candido Mariano da Silva Rondon, militar e sertanista mais conhecido como Marechal Rondon, entre os meses de junho e novembro, do ano de 1912, como membro da Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas, popularmente conhecida por Comissão Rondon.

<sup>5</sup> Sheila Schvarzman é pós-doutora em História, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atualmente atua como professora da Universidade Anhembi/Morumbi e como conselheira científica na Sociedade

no ano de 1998, três décadas após a doação do arquivo Roquette-Pinto à ABL. Dessa sua pesquisa, resultaram trabalhos sobre cinema educativo e Humberto Mauro.<sup>6</sup>

No ano seguinte, em 1999, outros pesquisadores se interessaram por este fundo documental, dentre eles Eduardo Morettin<sup>7</sup>, também para pesquisar cinema educativo, e Ricardo Ventura Santos<sup>8</sup>, interessado na história da antropologia e do Museu Nacional.

De 1998 até o início de 2011, em suma, diversos pesquisadores consultaram este material. Após 13 anos de disponibilização do arquivo sem organização arquivística, em abril de 2011, iniciou-se o *Projeto Comissão Rondon 1912 - 2012* que visava à organização dos documentos referente à participação do titular nesta viagem, em função do centenário da viagem e das efemérides que se estavam planejando. Concluído o projeto, em 2013, a organização do restante do arquivo foi continuada, o que não deixou de produzir efeitos na configuração da fonte documental hoje disponível na ABL.

Ao ingressar no mestrado e entrar em contato com uma bibliografia diversificada, que sugeria investigar os processos que conformam as ações dos agentes sociais, sejam eles instituições, grupos ou indivíduos, por um lado, e os condicionantes que determinam a constituição das fontes históricas, por outro, interessei-me por percorrer os caminhos que haviam levado a documentação de Roquette-Pinto até a ABL, bem como a sua trajetória no ambiente institucional.

Sendo assim, meu objetivo na presente dissertação, que não se propõe a explorar a história de vida de Roquette-Pinto, nem sua produção intelectual, é estudar como o seu arquivo foi constituído, doado, disponibilizado e organizado. Como veremos, esta trajetória não foi sempre linear, já que o acesso à documentação se deu antes de seu tratamento, ocasionando ativações e influências que se fizeram sentir no momento de sua organização. Esse interesse no processo de constituição e tratamento do arquivo Roquette-Pinto pode ser traduzido nos seguintes objetivos específicos:

- Compreender as representações que circulam no local de guarda deste acervo, ou seja, analisar o ideal de memória de arquivo da Academia Brasileira de Letras, para dar à instituição

---

Brasileira de Estudos do Cinema (SOCINE). Sua linha de pesquisa é “Processos midiáticos na cultura audiovisual”, seu interesse de pesquisa no arquivo Roquette-Pinto foi à área do cinema educativo.

<sup>6</sup> Edgard Roquette-Pinto foi um dos fundadores do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), criado em 1936 na cidade do Rio de Janeiro, juntamente com o cineasta Humberto Mauro. Juntos, Roquette-Pinto e Humberto Mauro, produziram diversos filmes educativos.

<sup>7</sup> Eduardo Morettin é formado em História, mestre em Artes e doutor em Ciências das Comunicações. Possui experiência na área de Cinema e História.

<sup>8</sup> Ricardo Ventura Santos é PhD em Antropologia pela Indiana University. Professor adjunto no Departamento de Antropologia do Museu Nacional/UFRJ e pesquisador titular na Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz.

a qualidade de “lugar de memória”, responsável por abrigar, organizar, preservar e divulgar arquivos diversos, entre os quais o arquivo Roquette-Pinto.

- Analisar a construção do legado documental de Roquette-Pinto, sua transição do domínio privado para o domínio público;

- Refletir sobre a formação do processo de disponibilização desse material à consulta, quando ainda não dispunha de organização arquivística, bem como analisar quais as impressões dos pesquisadores ao se debruçarem sobre a documentação, e os efeitos que essa disponibilização produziu;

- Desnaturalizar a produção e a acumulação documental operadas pelo titular, de modo a analisar a trajetória do acervo, desde o momento de sua constituição, acumulação, usos e interferências, bem como analisar os esforços para transformar o conjunto documental em fonte de pesquisa organizada.

Para tal, cabe esboçar o caminho que será percorrido ao longo das páginas que se seguem. No primeiro capítulo discuto a Academia Brasileira de Letras como um lugar de memória, bem como a “fabricação do imortal” (ABREU, 1996), ou seja, as estratégias utilizadas para cultuar os membros da instituição e ela própria. Em seguida, analiso a criação do arquivo da ABL, entendido como um local estratégico para o culto da língua portuguesa, da memória de seus membros e da própria instituição, procurando situar, brevemente, o leitor acerca de *o que é e quais os significados* da ABL e de seu Arquivo, local de guarda do arquivo Roquette-Pinto.

No segundo capítulo analiso a construção do legado documental de Edgard Roquette-Pinto, iniciando com uma breve abordagem da constituição de legados em arquivos pessoais. Em seguida, apresento, brevemente, quem foi Edgard Roquette-Pinto, suas atuações, pensamentos e redes de sociabilidade, de modo a dar informações básicas sobre a sua trajetória. Meu objetivo, nesta etapa do capítulo, é apresentar a figura de Roquette-Pinto para que, a partir daí, seja discutida a criação de seu legado. Nesta etapa do capítulo, a entrada do titular no quadro de membros efetivos da Academia Brasileira de Letras, bem como os sinais de prestígios associados a esse ato serão objeto de reflexão. Fundamental para essa análise foi o artigo do Acadêmico Alberto Venancio Filho (2006) que, dentre outros temas, discute a visão da associação do titular com o atributo de “homem de letras”. Apresentado o personagem e o seu lugar na instituição, abordo a institucionalização do arquivo pessoal de Roquette-Pinto, além



do significado e da relevância desse acervo *na e para* a instituição, bem como a reação das primeiras pesquisadoras que tiveram contato com essa documentação ainda sem organização arquivística.

No terceiro capítulo passo à análise específica do arquivo Roquette-Pinto, mas antes dessa análise, discuto, ainda que de forma breve, a relação entre arquivistas e historiadores, partindo da sugestão de Angela de Castro Gomes (1998) de que os arquivos pessoais são capazes de “enfeitiçar” aqueles que sobre eles se debruçam. Em seguida, é a vez de analisar os investimentos realizados pela Academia Brasileira de Letras para tornar possível a organização desse importante arquivo, bem como a sua configuração como fonte de pesquisa. É neste momento que será apresentado o *Projeto Comissão Rondon 1912 – 2012*, e serão discutidos os encaminhamentos da equipe responsável pela organização do arquivo. Por meio desse percurso, ensaio uma etnografia dessa documentação, de modo a recuperar as diversas instâncias responsáveis pela produção da massa documental. Para tal abordagem, Heymann (2012) foi fundamental; ao sugerir reconstituir a relação do titular com seu arquivo, iluminar os diversos padrões de acumulação e de diversas interferências a que o arquivo teria sido submetido. Seguindo essa pista, o capítulo chega à sua última etapa, que é a reflexão sobre os efeitos das interferências realizadas pelos pesquisadores que antecederam à organização, e pelos arquivistas que, ao definirem o arranjo material, produziram hierarquias, valorizando determinadas parcelas de documentos e obscurecendo outras.

Por fim, espero que o presente trabalho possa contribuir para a reflexão sobre a organização de arquivos pessoais, demonstrando que a organização de um arquivo vai além do tratamento técnico de ordenamento dos itens documentais que estão à frente do profissional de arquivo. Ela é mais do que isso, é uma análise que deve transcender o arquivo físico, e buscar entendê-lo em todo o seu contexto, de maneira orgânica, como uma forma – entre outras - de configuração da memória, contribuindo assim, para um campo ainda pouco explorado no Brasil, o da *antropologia dos arquivos*.

## Capítulo 1

### A Academia Brasileira de Letras

Vocacionada desde a sua gênese para o cultivo da memória e da tradição, a Academia Brasileira de Letras (ABL) sempre procurou investir em ritos e celebrações. As eleições, as posses, as comemorações dos aniversários de nascimento e falecimento dos membros; publicações de obras destes e seus símbolos tais como insígnias, bandeiras e fardões atualizam constantemente o desejo dos fundadores da ABL de perpetuar a memória da instituição e de si próprios, autointitulados “imortais”. Uma tradição inventada que, segundo Hobsbawm (2012), é um processo de formalização e ritualização caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (HOBSBAWM, 2012:8)

No ano de 1997, quando se comemorava o centenário da fundação da ABL, a acadêmica Nélida Piñon ressaltou brevemente, em seu discurso de posse na presidência, a importância que a Casa dava para as tradições, bem como a intenção de continuidade em relação ao seu passado. Um atributo de “sobrevivência moral”, muitas vezes, utilizando-se das tradições inventadas como forma de valorização do ato de recordar e de celebrar o passado:

Vivemos, nesta Casa, sob o regime da memória. Uma memória que não se deixa abater pelas tentações do esquecimento, não se curva ao comando de que é necessário apagar as lembranças inaugurais a pretexto de erigir discursos triunfalistas, impregnados de inovações transitórias. Não cede à lenta erosão dos dias. Recordar é, para nós, o atributo da sobrevivência moral, sobretudo em face de uma sociedade em ebulição, sob o risco de dispensar registros, emblemas, galardões civilizatórios.<sup>9</sup>

Desta forma, na medida em que se faz referência ao passado histórico através de repetições de rituais, as tradições inventadas caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações e situações novas que ou

---

<sup>9</sup> Discurso da acadêmica Nélida Piñon ao tomar posse na presidência da Academia Brasileira de Letras, em 12 de dezembro de 1996. Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=8319&sid=290>

assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase obrigatória. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de se estruturar de maneira imutável e invariável.

Em um trecho publicado na reportagem do jornal *O Globo* sob o título “Academia Brasileira de Letras prepara festa para comemorar o seu centenário”, de 2 de março de 1997, a jornalista Daniela Matta comenta uma das tradições que a ABL criou para homenagear acadêmicos falecidos. Matta explica que os novos ocupantes deverão ser escolhidos dentro de três meses após o falecimento de um acadêmico, depois da solenidade conhecida como “Sessão Saudade”, uma cerimônia tradicional da Casa, onde os acadêmicos externam o seu pesar pelo companheiro falecido. Nesta mesma reportagem a então presidente Nélida Piñon é taxativa quanto à memória dos membros da ABL: “A Academia se dedica muito aos que se foram. Trabalhamos com a memória durante todo o tempo”.<sup>10</sup>

As tradições da preservação da memória dos membros e da instituição sinalizam a presença de ritos e rituais desde o momento de sua criação. Busca-se nesse capítulo caracterizar o espaço da ABL, enquanto um lugar de memória (NORA, 1984), apresentando a instituição que abriga o arquivo *Roquette-Pinto*, objeto dessa dissertação, a constituição do arquivo de seus membros, bem como as influências exercidas nesta instituição na produção dos arquivos como fonte, e como ela é vista pelos imortais.

## 1.1 A fundação da Academia Brasileira de Letras e a “fabricação do imortal”

Para reconhecer a ABL como um lugar de memória, foi necessário percorrer as atas e os regimentos internos da instituição e procurar vestígios que nos indicassem as intenções dos fundadores ao criar a Academia Brasileira de Letras. Notou-se que seus ideais, desde as primeiras *Sessões Preparatórias*<sup>11</sup>, indicavam conjunturas, interesses e atores distintos.

Fundada na Sessão de 20 de julho de 1897<sup>12</sup>, a ABL nasceu de uma ideia que já vinha

---

<sup>10</sup> Reportagem do jornal *O Globo*, 02/03/1997.

<sup>11</sup> Ao todo, foram realizadas sete sessões preparatórias, compreendidas no período de 15 de dezembro de 1896 a 28 de janeiro de 1897. Nessas sessões, realizadas na sala da redação da *Revista Brasileira*, na Travessa do Ouvidor, n. 31, Centro do Rio de Janeiro, discutiu-se a criação de uma academia de letras no país.

<sup>12</sup> Foram indicados 30 fundadores da ABL: Araripe Junior, Artur Azevedo, Graça Aranha, Guimarães Passos, Inglês de Souza, Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Machado de Assis, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Pedro Rabelo, Rodrigo Otávio, Silva Ramos, Teixeira de Melo, Visconde de Taunay, Coelho Neto, Filinto de Almeida, José do Patrocínio, Luis Murat, Valentim Magalhães, Afonso Celso Junior, Alberto de Oliveira, Alcindo Guanabara, Carlos de Laet, Garcia Redondo, Pereira da Silva, Rui Barbosa, Sílvia Romero e Urbano Duarte. Em seguida procedeu-se à eleição dos que faltavam para perfazer os 40 membros, sendo eleitos: Magalhães de Azeredo (15 votos), Raimundo Correia (15 votos), Aluisio Azevedo (15 votos), Salvador de

percorrendo as mentes dos intelectuais e literatos brasileiros nos últimos anos do século XIX, como podemos perceber no trabalho desenvolvido por Alessandra El Far:

A ideia de uma academia de letras não constituía uma novidade. No final dos anos 1880 e início de 1890, diversos literatos engajados na nascente profissão das letras almejavam estabelecer um novo padrão de sociabilidade literária. Os encontros casuais, as módicas remunerações, o grupo de dispersos e descompromissados já não lhes bastavam; queriam reconhecimento social e uma identidade que os diferenciasse dos outros setores da sociedade intelectual. (EL FAR, 2000:42)

Em 15 de dezembro de 1896 tiveram início as chamadas *Sessões Preparatórias*, que duraram até o dia 28 de janeiro de 1897, todas elas sob a direção de Machado de Assis, que assumiu a presidência da instituição quando de sua fundação até o ano de 1908, quando veio a falecer.

Criada seguindo os moldes da Academia Francesa de Letras, a ABL foi formada por “40 cadeiras”, possuindo cada uma um patrono. Segundo a tradição francesa, os patronos eram os primeiros ocupantes da cadeira; já os brasileiros inovaram. Os primeiros acadêmicos brasileiros<sup>13</sup> escolheram seus próprios patronos – escritores brasileiros já falecidos, cujas obras marcaram a história literária do país.

Sendo a forma de homenagear estes escritores falecidos um ideal de memória, tentava-se também conferir credibilidade e visibilidade à ABL que, naquele momento, buscava reconhecimento social. Podemos entrever aí uma tradição inventada, já que ao adotar o modelo francês dos patronos, os acadêmicos brasileiros tentavam ancorar no passado um ritual que, na verdade, eles próprios estavam instituindo. Esse passado era tanto a tradição da Academia Francesa, que os brasileiros copiavam e adaptavam, como também a definição dos nomes que deveriam dar credibilidade à instituição.

Na sessão inaugural, Machado de Assis ressaltou a unidade da instituição e a importância que essa tradição traria, principalmente porque o Brasil vivia um contexto político de incerteza, no qual a República estava dividida e se apregoava a ameaça monarquista. Dizia ele em seu discurso:

---

Mendonça (15 votos), Domício da Gama (13 votos), Luís Guimarães (12 votos), Eduardo Prado (12 votos), Barão de Loreto (11 votos), Clóvis Beviláqua (11 votos) e Oliveira Lima (11 votos). Fonte: Ata da sessão de 28 de janeiro de 1897.

<sup>13</sup> Só podem ser membros efetivos da ABL os brasileiros que tenham, em qualquer dos gêneros de literatura, publicado obras de reconhecido mérito ou, fora desses gêneros, de valor literário. Até o ano de 1977, era permitida apenas a entrada de autores do sexo masculino. A primeira acadêmica a tomar posse na instituição foi Rachel de Queiroz, em 4 de novembro de 1977.

O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária [...]. A Academia Francesa, pela qual se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda casta, às escolas literárias e às transformações civis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o batismo das suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica, e da eloquência nacional, é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que ele perdure. Passai aos vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles o transmitam aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas de nossa vida brasileira. (ASSIS *apud* NEVES, 1940:23)

Segundo o regimento interno da instituição (ABL, 2004), além desses 40 membros efetivos e perpétuos, dos quais 25 devem residir na cidade do Rio de Janeiro; a ABL conta ainda, desde o início, com um quadro de 20 sócios correspondentes estrangeiros, que também são eleitos, assim como os acadêmicos, mediante escrutínio secreto.

Após formalizarem e institucionalizarem, por meio dos patronos, uma ligação com o passado literário brasileiro, os fundadores reafirmaram esta tarefa, também, através de certos rituais, como o ato da posse acadêmica. Ao tomar posse, o novo acadêmico obrigatoriamente faz um discurso de elogio ao antecessor, uma homenagem ao patrono e aos demais antecessores da cadeira para a qual foi eleito. Em seguida um membro da ABL dá as boas-vindas ao mais novo integrante da instituição com o discurso de recepção. Com o passar do tempo, essas cerimônias tornaram-se cada vez mais solenes. Outras sessões comemorativas são também realizadas com o objetivo de reafirmar o prestígio daqueles que representam o passado da Casa.

Em seu discurso de posse na presidência da instituição, Nélida Piñon ressalta a importância da Academia para o processo de construção e afirmação de uma identidade nacional.

Uma honra, contudo, que se reparte com o passado brasileiro, com seres e fatos que permeiam ainda agora a história desta augusta instituição, enquanto impõe-nos o convívio com a memória. Seguidas evocações que, relativizando o impacto da história e o furor do esquecimento, ensinam-nos a acatar as simetrias que governam os habitantes desta Casa. O reconhecimento de que, acima do debate circunscrito às correntes estéticas, aos preceitos linguísticos, às especulações políticas, filosóficas, teológicas, que cada qual de nós encarna ou defende, une-nos a convicção de sermos herdeiros do legado desta Casa. Uma instituição sobre a qual paira a inabalável crença de que é forçoso preservar, enriquecer a amada língua portuguesa. Para que por meio sempre de seu intenso uso jamais se esgarce o tecido dos sentimentos brasileiros, as razões profundas do nosso ser nacional.

E continuou:

Por força desta irrepreensível vocação para memorizar o mundo, a trajetória da Academia Brasileira de Letras confunde-se com a História do Brasil. Onde encontra-se esta Casa, o Brasil está sempre presente. Coincidimos em múltiplas instâncias. A profunda arqueologia brasileira que deixa à mostra comoventes camadas de enredos humanos, jamais nos faltou. A história da nossa história colaborou em definitivo para fixar as pautas cardinais do nosso espírito.<sup>14</sup>

Segundo a acadêmica, por força desta vocação para memorizar tudo, a trajetória da Academia Brasileira de Letras confunde-se com a História do Brasil.

Com a associação entre a formação da ABL e a história do país, pode-se compreender a lógica da formação de uma comissão de acadêmicos, logo após a sua fundação, para discutir a escolha das armas e brasões a fim de firmar a identidade da ABL, em paralelo com a identidade nacional.

Essa comissão inicialmente não obteve sucesso, já que diversas propostas foram apresentadas por outros acadêmicos, mas nenhuma foi aprovada. Em 1923, numa retomada desse processo, a Academia adotou, por proposta do acadêmico Afrânio Peixoto, então presidente, o emblema utilizado até hoje, que serve também de *ex-libris*: uma coroa de louros, formada de dois ramos, presos por um laço de fitas; no seu interior, o dístico *Ad Immortalitatem*; por bandeira foi adotado emblema verde sobre campo branco. (OLIVEIRA, 2009:17).

O fardão dos acadêmicos brasileiros, adotado em 1910, foi inspirado também no da Academia Francesa, encomendado por Napoleão Bonaparte, quando foi instituído que seria utilizado nas solenidades de posse. O modelo seguiria a farda dos embaixadores brasileiros: verde escuro, tendo como emblema a folha de murta, em vez de folhas de fumo e café. Em 1923, o uniforme configurou-se de forma definitiva, com os bordados em forma de louros, a espada e o bicorné de veludo preto com plumas brancas.

Percorrendo as atas das sessões da instituição, é possível notar o esforço da Casa em tornar os acadêmicos atores de uma encenação que pudesse legitimar perante o público sua tradição e prestígio.<sup>15</sup> Além do *ex-libris* e do fardão, foram confeccionados bustos,

---

<sup>14</sup> Discurso da acadêmica Nélida Piñon ao tomar posse na presidência da Academia Brasileira de Letras, em 12 de dezembro de 1996. Disponível em

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=8319&sid=290>

<sup>15</sup> As Sessões da Academia Brasileira de Letras são realizadas, atualmente, todas as quintas-feiras dos meses entre março e dezembro, em sua sede – o prédio conhecido como *Petit Trianon*. Todas essas Sessões são registradas em atas, desde as Sessões Preparatórias, que estão disponíveis para consulta, perante autorização do chefe do arquivo ou do presidente da ABL. Só participam das sessões ordinárias os acadêmicos e os funcionários em serviço.

encomendadas fotografias, arquivados bens pessoais de acadêmicos já falecidos, organizadas sessões solenes com o objetivo de evocar a grandiosidade de seus integrantes e garantir um papel fundamental para a Academia como espaço de cultivo das letras. A autora Regina Abreu (1996), explica que nesse processo de “fabricação do imortal”, a memória é essencial:

O longo processo que redundou na socialização do indivíduo relaciona-se intimamente com a invenção da memória individual. Para o culto do eu, a memória é vital. É preciso salvar do esquecimento, do esfumaçamento provocado pela morte, individualidades tão ricamente elaboradas. O sujeito busca então a eternização na memória dos outros sujeitos, guardando e arquivando testemunhos evocativos de suas obras e realizações. Desse modo, acredita-se poder superar, ao menos em parte, a tragédia da mortalidade humana. A questão da imortalidade adquire sentido plenamente laico. Pois, durante muito tempo, a memória permanecia impregnada de um sentido religioso. Atribuía-se a imortalidade não aos indivíduos, mas, sim, às almas individuais. Estas podiam sobreviver indefinidamente após a morte. Agora, não. Mais do que tudo, é o indivíduo em sua realização terrena, material que é preciso salvar. (ABREU, 1996:100)

Com o decorrer dos anos, os acadêmicos começaram a investir em outras maneiras de celebrar a imortalidade de seus antepassados. Além de comunicar, durante as sessões, as efemérides da semana subsequente que diziam respeito a um ou outro imortal, os membros começaram a enviar ao arquivo textos sobre outros acadêmicos e algumas correspondências esparsas. Era preciso cultivar a memória visual das pessoas através de monumentos, fotografias, pertences e, especialmente, sessões comemorativas abertas ao público.<sup>16</sup>

A confecção de estátuas e máscaras mortuárias de seus membros foi uma iniciativa constante da ABL nos seus 20 primeiros anos de existência. Para Abreu, esse é um dos mecanismos utilizados para a “fabricação do imortal”. Segundo a autora:

No campo da memória, os contornos do sujeito são delimitados fundamentalmente a partir das construções póstumas. Máscaras mortuárias, discursos por ocasião do enterro e biografias são algumas das formas de manter viva a memória do indivíduo. Memória que, diga-se de passagem, é construída item por item. (ABREU, 1996:67)

Confeccionadas em gesso, a partir do molde tirado do rosto do cadáver, a máscara mortuária constitui uma homenagem póstuma, cujo sentido consiste em reter o derradeiro momento do sujeito. Uma vez em locais de memória, a máscara mortuária está ligada ao sentido que lhe é atribuído pelo conjunto da instituição. Ela significa o fim da vida em sociedade e, ao

---

<sup>16</sup> ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Estatuto e regimento interno. Rio de Janeiro, 2004:11.

mesmo tempo, o sopro de uma nova vida no templo dos imortais, sendo assim, nada mais que uma aparência, que permite uma interpretação da morte do homem em carne e osso e do nascimento do imortal (ABREU, 1996:67).

Todo o investimento institucional opera no sentido de tornar a memória dos membros da ABL indissociavelmente vinculada à Academia, que a partir de uma série de práticas e ritos torna-se uma agência cristalizadora de representações materiais das memórias individuais. Abreu complementa:

As homenagens póstumas recriam a pessoa no templo da memória. Algumas pessoas que se notabilizaram nos campos da arte, da política ou da ciência contratam em vida escritores de sua preferência para redigir biografias. Outras chegam a organizar um arquivo pessoal induzindo a elaboração de sua posteridade. Neste caso, fica evidente o valor crescente que o ocidente moderno, por intermédio da memória, tem conferido à imortalidade dos sujeitos. O conjunto desses memoriais dos sujeitos é incorporado à história da humanidade, em sua trajetória linear de acumulação das várias histórias individuais. (ABREU, 1996:67-68)

Além das esculturas, a Academia procurou formar ao longo dos anos uma galeria de retratos de todos os membros e patronos. Desde 1910, o acadêmico Mário de Alencar, animado pelas muitas invenções que marcaram o início do século XX, pedia aos colegas que colaborassem trazendo fotografias de todos os acadêmicos. Dada à escassez do material reunido, porém, foi preciso contratar um fotógrafo profissional para dar continuidade a tal tarefa. As fotografias ocupam um lugar especial nesse contexto, já que com a sua invenção tornou-se possível “documentar” a trajetória dos indivíduos e, principalmente, suas obras e realizações. Regina Abreu aponta para atributos constantemente associados às imagens, que explicam a valorização desse tipo de registro em processos que pretendem narrar ou representar trajetórias de vida:

Numa coleção biográfica as fotografias formam um conjunto altamente revelador. Elas contam histórias, revelam o ambiente, falam sobre a atmosfera que cercava o personagem principal de nossa trama. É preciso desvendá-la em seu conjunto e dissecar cada uma em sua arquitetura interior. Tal como os objetos tridimensionais, elas, também, são semióforos, pontes entre um mundo visível e um outro, invisível, sobre o qual repousam os significados. (ABREU, 1996:101)

Mário de Alencar ainda discutiu a aquisição de certos bens que haviam pertencido aos membros, com o objetivo de criar um museu ou relicário destinado à guarda de manuscritos,



autógrafos e objetos relacionados à vida e ao trabalho de escritores brasileiros já falecidos, como podemos ver na ata da sessão da Academia Brasileira de Letras do dia 12 de junho de 1919:

Na Europa há um culto generalizado pelos objetos e lembranças dos grandes escritores. Em Weimar, a casa de Goethe é um templo de peregrinação, em que, entre as coisas de uso doméstico, se conservam até os sapatos velhos do poeta; e há carinho em guardá-los e vê-los. Assim também na Inglaterra pelo que foi Shakespeare. (...) Eu, que proponho a ideia de reuni-los e perpetuá-los aqui, quero ser o primeiro no exemplo da abnegação em benefício da Academia. Começarei oferecendo o que possuo do nosso mais recente morto, que foi Olavo Bilac, e comprometo-me a dar em seguida, logo que me seja possível a busca, o que tenho de outros companheiros mortos, Machado de Assis, Souza Bandeira, José Veríssimo e, ainda mais tarde, os manuscritos de José de Alencar.<sup>17</sup>

O arquivo e a biblioteca, embora precários, já reuniam algumas cartas e inúmeros livros. Além desses documentos, Mário de Alencar desejava expor os objetos de uso pessoal de seus companheiros de ofício para que pudessem ser admirados pelo público. A ABL, mesmo sem a antiguidade das instituições europeias, seria um museu das imagens do que foi ou serviu ao trabalho dos escritores. Esses objetos seriam contemplados, resgatando na memória dos espectadores o passado de cada um dos acadêmicos falecidos, servindo de ligação entre o visível e o invisível.

Para Pomian o ato de colecionar confere prestígio, enquanto testemunha o gosto de quem adquiriu ou as suas profundas curiosidades intelectuais, ou a sua riqueza, ou generosidade ou, ainda, todas estas qualidades conjuntamente (POMIAN, 1984:54). Muitas vezes as coleções particulares se dispersam após a morte do titular; todavia, recuperar essa coleção ou parte dela, era a intenção da Academia, reunindo todos esses pertences para criar um verdadeiro templo da memória.

Podemos comparar os objetos dos acadêmicos (entende-se por objetos, também, quaisquer documentos textuais e iconográficos) às relíquias que representariam não apenas o universo das letras e das artes, associado a uma dimensão “sagrada”, mas também ao passado vivenciado pelos membros da ABL. Para tornar a sede da Academia um lugar de memória e lhe conferir maior legitimidade e solenidade, era preciso reunir relíquias dos seus membros, sobretudo dos mortos, para serem expostas ao público, fazendo a mediação entre os homens e os imortais.

---

<sup>17</sup> Ata da sessão da Academia Brasileira de Letras, dia 12 de junho de 1919.

Construir a “imortalidade” de seus membros por meio da preservação de suas obras, relíquias e feitos constitui um dos pilares da ABL, visando reforçar a associação entre cada um dos membros com a instituição. Segundo Pollak:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc. A referência do passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis. (POLLAK, 1989:9)

Ainda segundo Pollak, o controle da memória é efetuado nas organizações mais formais pelo acesso dos pesquisadores aos arquivos e pelo emprego de “historiadores da casa”. (POLLAK, 1989:10)

Além de uma produção de discursos organizados em torno de acontecimentos e de grandes personagens, os rastros desse trabalho de enquadramento são os objetos materiais: monumentos, museus, bibliotecas, etc. A memória é assim guardada e solidificada nas pedras: as pirâmides, os vestígios arqueológicos, as catedrais da Idade Média, os grandes teatros, as óperas da época burguesa do século XIX e, atualmente, os edifícios dos grandes bancos. Quando vemos esses pontos de referências de uma época longínqua, frequentemente os integramos em nossos próprios sentimentos de filiação e de origem, de modo que certos elementos são progressivamente integrados num fundo cultural comum a toda a humanidade. (POLLAK, 1989:10)

Serão os historiadores, arquivistas e documentalistas que irão preparar a coleção de objetos para dar acesso ao público. Para Pomian a coleção de objetos de mortos representa o ausente, o oculto, sendo objetos intermediários entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, entre o espectador que os olha e os tocam e o invisível (POMIAN, 1984:64-65).

Segundo o autor:

Apesar da sua aparente diversidade, todas estas coleções são, com efeito, formadas por objetos homogêneos sob um certo aspecto: eles participam no intercâmbio que une o mundo visível e o invisível [...]. Ver-se-á em seguida como, exatamente por causa da função que lhes é atribuída, são considerados objetos preciosos e que, portanto, sempre se tentou reintroduzi-los neste circuito para trocá-los por valores de uso, por coisas; por esse motivo devem ser submetidos a uma proteção especial. Constata-se então que os objetos não podem assegurar a comunicação entre os dois mundos sem serem expostos ao olhar dos seus respectivos habitantes. Só se esta condição for satisfeita é que

se tornam intermediários entre aqueles que os olham e o mundo que representam. (POMIAN, 1984:66)

A coleção referida, especificamente nesta dissertação, trata-se da reunião particulares dos membros da ABL representada por seus documentos pessoais. Apoiando-se no conceito de Pomian para coleção como:

[...] Qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e exposto ao olhar do público [...] estas condições são satisfeitas não só pelos museus e pelas coleções particulares, mas também pela maior parte das bibliotecas e arquivos. (POMIAN, 1984:53)

Ainda em seu texto Pomian comenta que os especialistas [Buchalski, Konarski e Wolff, 1952] definem o arquivo como um local destinado a pôr em segurança, recolher, classificar, conservar, guardar e tornar acessíveis os documentos que, tendo perdido a sua antiga utilidade cotidiana e considerados supérfluos nas repartições e nos depósitos, merecem, todavia, ser preservados (POMIAN, 1984:53).

Essa coleção é a linguagem que engendra o invisível, permitindo ao pesquisador ter acesso aos documentos pessoais de acadêmicos já falecidos, o que muitas vezes encanta os pesquisadores dos arquivos pessoais, permitindo falar dos mortos como se ainda estivessem vivos, dos acontecimentos passados como se fossem presentes, do longínquo como se fosse próximo, e do escondido como se fosse manifesto (POMIAN, 1984:68).

A relação entre o visível e o invisível sugere uma superioridade atribuída ao último em relação ao primeiro, levando as pessoas a se interessarem por objetos deixados pelos mortos e buscando nos arquivos esses meios de “comunicação” com o invisível. Mas é bom reforçar a ideia de que uma coleção, apesar de sedutora, não significa exatamente o espelho da vida do titular, pois sabemos que coleções documentais e, mais especificamente, arquivos pessoais, são, de fato, construções, como afirma Felipe Brandi (2013):

Sedutoras, as fontes contêm, desse modo, algumas ciladas ao pesquisador. Entre elas está, em primeiro lugar, a sensação – ela sim, bastante real – de se ter, finalmente, acesso ao autor “real”, despojado de todas as máscaras da vida pública, tal como ele genuinamente foi. Ora, a própria constituição, organização e disposição dos arquivos é já uma tela deformadora, que distorce a vista do pesquisador e lhe impõe, ainda que de modo não friamente calculado, determinada orientação. Inelutavelmente. Pois o arquivo pessoal é, ele mesmo, um filtro, e o importante talvez seja procurar, não tanto transpor ou dissipar a tela (o que, por direito, é irrealizável), mas tomá-la, primeiro,

como um objetivo em si mesma e, logo depois, como ferramenta facultando a observação do autor estudado. Isto é, fazer desse filtro não mais um obstáculo a ser superado, mas um artefato auxiliar do questionário do investigador. (BRANDI, 2013:111)

Tal “tela deformadora”, a que Brandi se refere, é comum em arquivos pessoais desde o momento da doação de um arquivo para uma instituição. Valores estão em jogo e a escolha *do que* será doado e *para onde* será doado são questionamentos presentes para o titular e/ ou seus herdeiros.

No arquivo de Roquette-Pinto não seria diferente. Desde a escolha da ABL como órgão custodiador deste acervo, passando pela triagem dos documentos que seriam doados, responsáveis por expurgos, acréscimos e silenciamentos, supostamente realizada pela filha do titular e, posteriormente, o arranjo documental que o arquivista responsável pela organização deste arquivo daria a este acervo, todo o processo contribuiu para a construção da “tela deformadora” desse arquivo.

A construção da “tela deformadora” mostra ao pesquisador *o que e como* os agentes externos gostariam de mostrar, criando além de uma “tela deformadora”, uma “ilusão biográfica”.<sup>18</sup>

Discutir a construção da “tela deformadora” do arquivo Roquette-Pinto é o objeto desta dissertação, bem como a percepção sobre a produção, custódia e uso deste arquivo pessoal. Após compreender a preocupação que a Academia Brasileira de Letras tem com a memória de seus membros, adiante será apresentada a constituição dos arquivos da ABL para, enfim, discutir o lugar do arquivo Roquette-Pinto dentro dessa instituição e a constituição do seu legado.

---

<sup>18</sup> A “ilusão biográfica” a que me refiro é o artigo *A ilusão biográfica*, de Pierre Bourdieu (1996). Neste artigo o autor trabalha a ideia de que a biografia de um indivíduo não é passível de ser descrita de forma coerente e linear por apresentar diversas possibilidades de atuação, em diferentes campos mutáveis, sendo, por isso, uma “ilusão” narrar toda uma história de vida de um indivíduo. Desse modo, um arquivo pessoal não reflete toda a trajetória de vida de seu titular, já que nela acontecem acréscimos, expurgos e silenciamentos que refletem apenas o que se deseja mostrar.

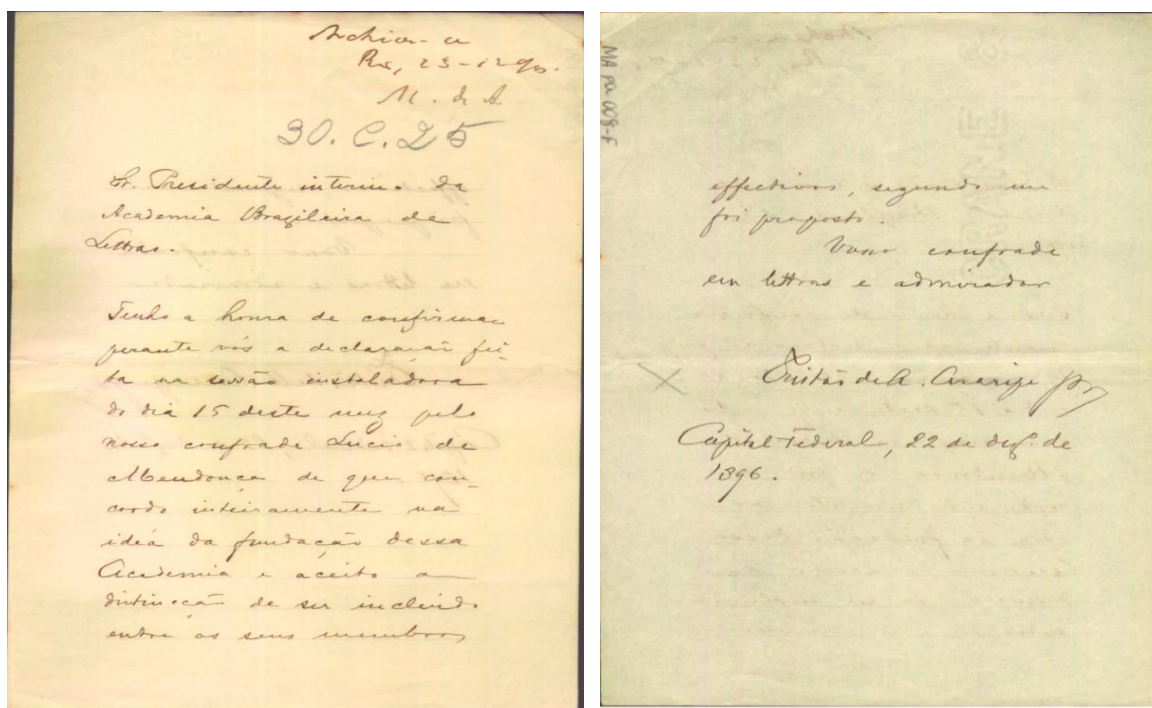
## 1.2 O Arquivo da Academia Brasileira de Letras

A história da criação e formação do Arquivo da Academia Brasileira de Letras teve dois momentos marcantes.

O primeiro se refere à época de fundação da Casa, quando aparece, basicamente, em algumas falas de acadêmicos, nas sessões preparatórias de 1896, e nas atas da ABL a expressão “Arquive-se!”, comum no dia a dia de uma instituição. O segundo momento refere-se ao centenário da instituição, em 1997, onde ocorreu a revitalização do arquivo da instituição.

Iniciando pelo primeiro momento, encontramos o primeiro registro do arquivamento de um documento na ata da sessão preparatória de criação da instituição de 23 de dezembro de 1896. A ordem partiu do presidente, Machado de Assis, que solicitava o arquivamento da carta em que Araripe Junior concordava com a ideia da criação da Academia Brasileira de Letras e aceitava a inclusão de seu nome entre os membros efetivos da Casa, com data de 22 de dezembro de 1896.

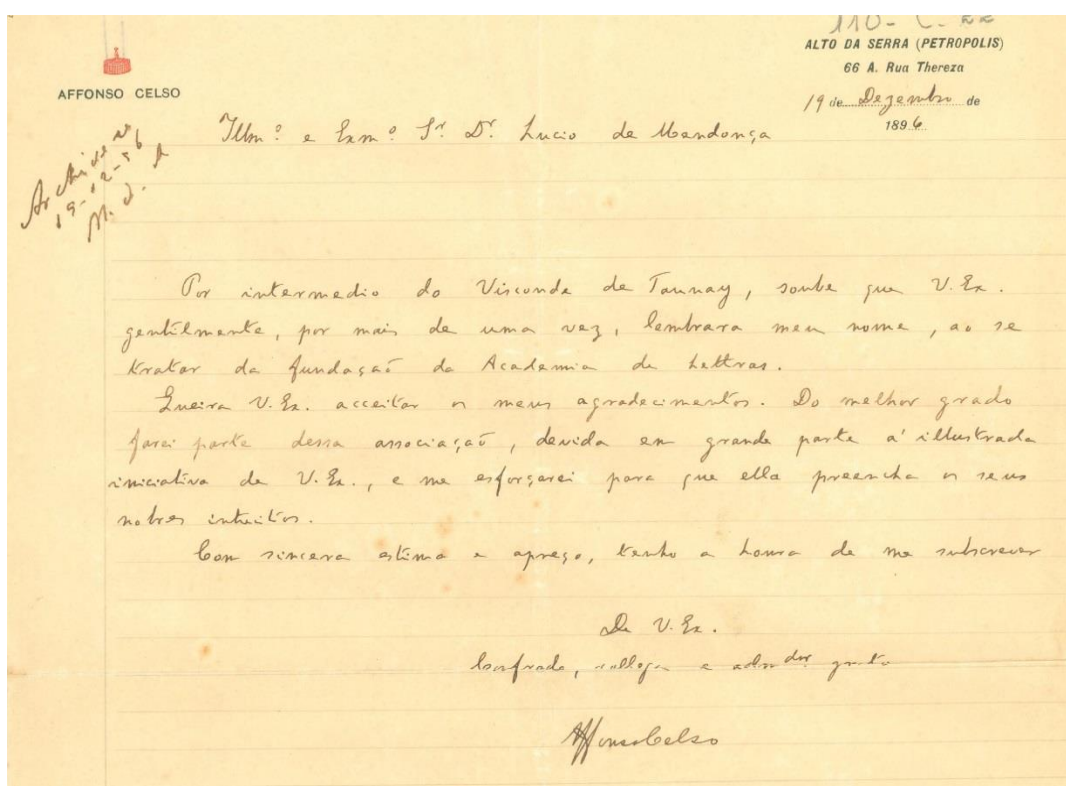
Recorrendo a esta carta, que encontra-se no arquivo Machado de Assis (ABL), é possível ver a ordem do dia através da expressão “Archive-se”, seguida da data e da rubrica de M. de A [Machado de Assis].



Carta assinada por Tristão de Alencar Araripe Junior para Machado de Assis, em 22/12/1896. Na parte direita superior da frente da carta vemos a ordem “Archive-se” seguida da data 23/12/1896 e a assinatura M. de A. (Machado de Assis). Fonte: Arquivo Machado de Assis, ABL.

Recentemente, quando o arquivo do fundador Afonso Celso estava em fase de organização<sup>19</sup>, encontramos outro documento com a expressão “Arquive-se” seguida da rubrica do presidente Machado de Assis. Seguindo o mesmo modelo da carta de Araripe Junior acima citada, trata-se da carta de Afonso Celso para Lúcio de Mendonça agradecendo e aceitando a sugestão de seu nome entre os membros e fundadores da Academia Brasileira de Letras.

Esta carta, de 19 de dezembro de 1896, é ainda mais antiga do que a primeira apresentada aqui. Apesar de não ser citada em ata de sessão o seu arquivamento, como a carta de Araripe Junior, acredita-se que este documento seja o primeiro da instituição destinado ao arquivamento pelo presidente Machado de Assis.



Carta assinada por Afonso Celso para Lúcio de Mendonça, em 19/12/1896. Na parte esquerda superior vemos a ordem “Archive-se” seguida da data 19/12/1896 e a assinatura M. de A. (Machado de Assis). Fonte: Arquivo Afonso Celso, ABL.

Os acadêmicos indicavam, então, que determinados documentos deveriam ser guardados, sugerindo a existência de um serviço ou setor “Arquivo”. No entanto, a primeira referência direta à estruturação de um arquivo na ABL aparece na ata da sessão do dia 9 de

<sup>19</sup> O arquivo Afonso Celso começou a ser organizado em outubro de 2014 e foi concluído em abril de 2015. Trata-se de coleções de documentos reunidos artificialmente pela Academia Brasileira de Letras.

dezembro de 1926, quando o acadêmico Constâncio Alves propôs que fosse criado o cargo de “arquivista” independente das funções do bibliotecário. (OLIVEIRA, 2009:18).

O primeiro documento depositado no Arquivo da ABL foi a ata de sua primeira reunião preparatória, ocorrida em 12 de dezembro de 1896. Tanto o registro da sessão quanto o arquivamento da ata revelam a preocupação de seus fundadores em preservar a memória da Casa.

Na sessão do dia 16 de dezembro de 1943, quando a ordem do dia era a “discussão do Projeto de Reforma do Regimento Interno da ABL”, o acadêmico Múcio Leão, referindo-se à necessidade de se dar a definitiva organização aos arquivos da Academia, apresenta a seguinte emenda para ser aditada ao Projeto:

#### CAPÍTULO IV DO ARQUIVO

Art. 21 – De três em três anos, após a eleição da Diretoria e a do Bibliotecário, proceder-se-á à eleição do Diretor do Arquivo.

§ 1º - Compete ao Diretor do Arquivo:

- a) Ter sob sua direção e vigilância o Arquivo da Academia;
- b) Solicitar dos Senhores Acadêmicos, e bem assim das famílias dos Patronos e dos Acadêmicos falecidos, papéis e documentos que devam figurar no Arquivo da Academia;
- c) Promover a aquisição das peças que forem necessárias à reconstituição da história da Academia;
- d) Dar organização definitiva ao Arquivo, solicitando para isso à Diretoria o pessoal e os recursos materiais de que houver necessidades;
- e) Fazer registrar em livro especial as novas aquisições que forem feitas;
- f) Publicar, no mais breve prazo possível, o catálogo circunstanciado do Arquivo;
- g) Publicar, anualmente, a relação das novas aquisições que tiverem sido feitas.<sup>20</sup>

O Projeto de Reforma do Regimento Interno foi aprovado, por unanimidade, na sessão do dia 23 de dezembro de 1943. Nessa sessão deveria ser eleito o primeiro Diretor do Arquivo, mas, por sugestão do acadêmico Pedro Calmon, o recém-eleito presidente da ABL, o acadêmico Múcio Leão, acumulou a Presidência da instituição e a diretoria da “primeira fase de organização” do Arquivo da ABL. A criação do cargo de Diretor do Arquivo na Diretoria da ABL repercutiu na imprensa brasileira após um ano de trabalho. Em um artigo publicado no jornal *A Noite*, do dia 4 de janeiro de 1945, intitulado *Arquivos Literários*, o autor, ao descrever o Arquivo da ABL, apresenta uma das formas originária dos documentos:

---

<sup>20</sup> Ata da sessão da Academia Brasileira de Letras, dia 16 de dezembro de 1943.

A Academia Brasileira de Letras acaba de criar em sua diretoria o cargo de diretor do arquivo. Instituição que tem congregado algumas das figuras mais altas do pensamento brasileiro, possui, de suas atividades, preciosos documentos e reminiscências, e a ela chegam, de todas as origens, importantes ofertas de peças raras que pertenceram a seus membros ou a escritores nomeados do país e do estrangeiro. Não lhe cabe apenas a guarda e vigilância da língua nacional, mas também a do patrimônio literário, compreendido no seu mais alto sentido, que inclui, por certo, dentre outros aspectos, a correspondência dos escritores, os inéditos, as primeiras edições de suas obras, as publicações esparsas em jornais e revistas, as entrevistas concedidas à imprensa, a crítica publicada a respeito de cada qual, as atividades praticadas na Academia e fora, no domínio das letras e nas demais profissões que acaso exercesse, a coleta de retratos, caricaturas, bustos, máscaras e quantos elementos possam fixar a imagem dos acadêmicos e outros grandes vultos de nossas letras. Essa função de arquivo vai além. A seu serviço, devem estar o cinema e o disco, aquele para a filmagem, como sonorização, de quantos seja possível passar para a película perpetuando-lhe imagem, movimento e som; este, para registro da voz e do pensamento. O Instituto Nacional de Cinema Educativo, que tem na direção o mais moderno e completo dos pesquisadores e documentadores, prof. Roquette-Pinto, já iniciou essa tarefa. Também a discoteca da Prefeitura tomou a si as primeiras gravações. O concurso das duas instituições será em favor de enriquecimento do Arquivo da Academia.

Assumi a sua direção o Sr. Mucio Leão. O presidente da Academia passa além da chefia de seu executivo para o recinto das reminiscências da vida acadêmica, a cujo estudo, organização e divulgação dará o carinho e a paciência com que rebusca sempre as coisas do passado literário, e o eficiente espírito de pesquisa com que as examina, delas tirando o melhor material para a crítica e história de nossas letras. Quem acompanha os suplementos dominicais de Mucio Leão no “A Manhã” conhece perfeitamente o grande pesquisador que ele é e o amor que tem pelos documentos, de par com uma verdadeira vocação pelo arquivo literário em geral. Responsável agora pelo da Academia, que ele tão bem conhece e que tem revelado em parte, através de publicações, inclusive de seu suplemento, há de imprimir-lhe uma sistemática moderna, não só na coleta, ampliada consideravelmente (tantas são as pessoas desejosas de cooperar para arquivos realmente organizados e seguros), como na classificação, no fácil manuseio (acessível que deve ser a todos os estudiosos) e na difusão de seus subsídios, por meio de publicações especializadas.

O Arquivo da Academia, nos moldes em que se vai estruturar, poderá vir a ser a mais preciosa fonte de estudos das nossas atividades literárias.

C. K. (Jornal A Noite, 04 de janeiro de 1945).

Alguns anos mais tarde, na sessão de 23 de dezembro de 1948, Mucio Leão é reeleito para Diretor do Arquivo, cargo que ocupou até o seu falecimento, em 12 de agosto de 1969. Quatro meses após a sua morte, realizou-se a Sessão Pública para posse da Diretoria de 1970. Neste dia, o Presidente, acadêmico Austregésilo de Athayde, ao ler o relatório da Diretoria e o Programa para o ano de 1970, pronunciou as seguintes palavras com relação ao Arquivo:



Neste [arquivo] foi grande o trabalho realizado este ano, tendo começado também a organização dos arquivos que nos foram doados por Múcio Leão, inclusive o Dicionário Bibliográfico, obra de extraordinária paciência realizada por esse nosso grande e saudoso companheiro, cujo nome foi, com toda justiça, dado a tão importante departamento da Academia Brasileira de Letras.<sup>21</sup>

E em seguida complementou:

Quando cheguei aqui, a Academia dispunha apenas de 16 malas de flandres, dentro de uma cafunho escura onde estavam os papéis das nossas memórias. Hoje dispomos de 40 fichários onde estão os arquivos, mas queremos dar uma expansão muito maior, porque eles não serão apenas da Academia, mas da vida literária do Brasil. Por enquanto, nós nos preocupamos apenas com o que diz respeito à Academia, para o futuro, porém, eles poderão compreender os papéis, as revistas, tudo aquilo que nos for entregue e que se relaciona com a vida literária do Brasil inteiro.<sup>22</sup>

Podemos encontrar um dos embasamentos teóricos para esse “desejo de memória” e obsessão dos acadêmicos em constituir o Arquivo da ABL, de modo a materializar a memória desses intelectuais, em Pierre Nora, quando o autor fala de lugares de memória. Para o autor, os lugares de memória são, antes de tudo, restos. Museus, arquivos, cemitérios, coleções, comemorações, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, são os marcos testemunhais de outra era, das ilusões de eternidade (NORA, 1993:13).

Ressaltemos que o momento em que foi criado o Arquivo da Academia Brasileira de Letras inscrevia-se uma conjuntura onde profundas alterações ocorreram na sociedade brasileira. No Rio de Janeiro daqueles tempos, então capital da República, a sociedade se modernizava, a população crescia, e o espaço urbano transformava-se, impondo novos hábitos e costumes. Essa preocupação com a modernização e mudanças atingiram também aos membros da ABL, no sentido de preservar a memória da instituição e de seus membros.

Nora, em sua obra *Entre memória e história: a problemática dos lugares* (1993), discute este momento de transformação das sociedades e da necessidade de materializar a memória para preservá-la. Segundo o autor, na medida em que desaparece a memória, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhas, documentos, imagens, discursos,

---

<sup>21</sup> O Arquivo da ABL recebeu o nome de “Arquivo Múcio Leão”, em homenagem ao seu primeiro diretor, que esteve neste cargo desde o ano da criação em 1943 até o ano de seu falecimento em 1969. Nas dependências do Arquivo, consta na parede, um retrato do acadêmico Múcio Leão, com o seu fardão acadêmico, como uma forma de homenagem.

<sup>22</sup> Livro de atas das sessões da ABL, 1970.

sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova.

[É impossível prejudicar o que deverá ser lembrado] daí a inibição em destruir, a constituição de tudo em arquivos, acarretando a dilatação indiferenciada do campo memorável, o inchaço hipertrófico da função de memória, ligada ao próprio sentimento de sua perda e o reforço correlato de todas as instituições de memória (...) assim a materialização da memória, dilatou-se prodigiosamente. (NORA, 1993:15).

Para Nora, são lugares de memória, com efeito nos três sentidos da palavra: material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diferentes. Segundo o autor:

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é um lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. [...] É material por seu conteúdo demográfico, funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão, mas simbólica por definição, visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por um pequeno número uma maioria que deles não participou. (NORA, 1993:21-22)

Revestido de uma aura simbólica, pressupunha-se que os acadêmicos pretendiam, desde as primeiras sessões, transformar a Academia Brasileira de Letras em um lugar de memória da literatura nacional. O Arquivo seria então um investimento estratégico para alcançar tal objetivo, já que uma das ferramentas utilizadas para a ABL assumir o lugar de memória dar-se-ia através da guarda dos registros e das “reliquias” capazes de conferir legitimidade ao “templo das letras”, servindo ao mesmo tempo para a constituição da imortalidade dos membros da Casa e de fonte histórica para a sociedade.

Para Nora, o suporte é a manutenção da memória, objeto buscado naquele momento pelos acadêmicos, conforme pesquisados nas Atas, para a constituição do Arquivo da ABL:

Menos a memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas. Daí a obsessão pelo arquivo que marca o contemporâneo e que afeta, ao mesmo tempo, a preservação integral de todo o presente e com a incerteza do futuro para dar ao mais modesto dos vestígios, ao mais humilde testemunho de dignidade virtual do memorável. Já não lamentamos o bastante, em nossos predecessores, a destruição ou o desaparecimento daquilo que nos permitiria saber, para não cair na mesma recriminação por parte de nossos sucessores? A lembrança é passado completo em sua reconstituição a mais minuciosa. É uma memória registradora, que delega ao arquivo o cuidado de se lembrar (...). (NORA, 1993:15)

A passagem de registros documentais acumulados por particulares a uma instituição como a ABL não é algo sem efeito. Ao contrário, confere um novo significado a esses registros, incluídos a partir de então no rol dos bens que contribuem para a constituição de “lugares de memória”, e também em fontes para a nossa história.

O arquivo da ABL apresenta para a sociedade uma opção de um lugar onde é possível a realização de pesquisas sobre a história da literatura brasileira, como desejava Austregésilo de Athayde. Seu acervo é constituído hoje por 281 arquivos de acadêmicos, vivos ou mortos, formados por fundos e/ou coleções de documentos do titular do arquivo<sup>23</sup>, que será apresentado mais adiante.

Com o falecimento de Austregésilo de Athayde, após mais de três décadas consecutivas à frente da presidência da ABL (1959-1993), ocorreu uma renovação nos objetivos da Academia, empreendida pela nova diretoria que se formava. A proximidade do centenário da instituição, em 1997, fez com que os preparativos para a comemoração comesçassem a ser discutidos em sessões acadêmicas desde 1994.

Em 1997, como uma das principais formas de comemoração do seu centenário, algumas mudanças visíveis aconteceram na Academia. A casa abriu-se para a sociedade, aumentando o acesso direto do público à ABL através de visitas guiadas<sup>24</sup>, exposições e consultas ao Arquivo. Com esse objetivo em vista, uma das prioridades da Diretoria passou a ser a execução de um projeto de revitalização do Arquivo, até então consultado apenas por um pequeno e seletivo grupo de pesquisadores. Como podemos ver na fala de Nélida Piñon, em seu discurso de posse na presidência da instituição no ano do centenário:

Zelo pelo rigor orçamentário, pelo acervo patrimonial, pela Biblioteca e Arquivo, ambos a caminho da imediata informatização. Zelo pela Revista Brasileira<sup>25</sup>, pelos Anais, pelas publicações. Por um Centro de Memória<sup>26</sup> enriquecido por um ativo Banco de Dados, todos a servir de pontes entre

---

<sup>23</sup> Cada arquivo recebe o nome do acadêmico. Exemplo: Arquivo Machado de Assis; Arquivo Roquette-Pinto; Arquivo Austregésilo de Athayde; Arquivo Joaquim Nabuco, etc. A equipe de arquivistas da ABL não faz distinção do termo “arquivo”, pois chama de “arquivo” tanto os fundos, quanto as coleções de documentos reunidas artificialmente pela ABL.

<sup>24</sup> As visitas guiadas são realizadas por atores que contam a história da Instituição para um público estimado de 25 pessoas. Essa iniciativa contou com o apoio inicial do programa Leia Brasil, da Petrobrás. A atividade destina-se, até a atualidade, a alunos acima de 12 anos, do Ensino Fundamental e Médio, universitários, grupos da terceira idade e turistas.

<sup>25</sup> A *Revista Brasileira* é uma publicação da ABL que existe desde antes da sua fundação. Inicialmente, os encontros para a fundação da ABL ocorriam na sala da *Revista Brasileira*.

<sup>26</sup> O Centro de Memória, implantado fisicamente e reformulado em 1997, tem por função a guarda e a preservação dos acervos arquivístico e museológicos, bem como a promoção da pesquisa e a difusão das informações sobre os seus acervos, abrangendo os setores do Arquivo, do Núcleo de Conservação e Restauração de Documentos, e do Departamento de Acervos Museológicos.

tradições centenárias e os apelos do futuro. Todos juntos querem celebrar este centenário em sintonia com a sociedade. Do mesmo modo como resistimos às intempéries históricas, ocupando nossas cadeiras com uma plêiade de criadores e expoentes, deveremos auscultar, sempre mais, o que a cultura brasileira forjou de mais expressivo.

Quando Machado de Assis, no seu discurso inaugural, confessa que os moços inspiraram a fundação desta Academia, ousou repetir, cem anos mais tarde, que é momento de reduzir a distância que separa os jovens das instituições que os precederam no tempo, forjaram a psique e a cidadania. [...] Convém lembrar-lhe que entre nós se abriga um patrimônio intelectual, que pertence à nação brasileira. É momento, pois, de frequentarem de novo esta Casa, reviverem simbolicamente, junto a nós, outra Semana de Arte Moderna. Poucas coisas são hoje tão brasileiras quanto esta instituição.

Este ideal da acadêmica Nélida Piñon de revitalização do Arquivo foi alimentado desde o ano de 1990, quando ela assumiu a direção do Arquivo, e nesta função permaneceu até 1994.<sup>27</sup> Atividades já citadas como as visitas guiadas, mesas-redondas, exposições e a criação do Centro de Memória, todas implementadas na presidência de Piñon, contribuíram para que tal objetivo fosse alcançado. Retomando a reportagem intitulada “Academia Brasileira de Letras prepara festa para comemorar o seu centenário”, do jornal *O Globo*, citada no início do capítulo, Nélida comenta sobre o desenvolvimento desses trabalhos:

Uma comissão especial foi criada apenas para cuidar das comemorações. Um dos principais projetos é o Centro Memória. Pesquisadores estão garimpando e informatizando todos os documentos reunidos pela ABL nestes cem anos. A modernização do arquivo passa também pela sua abertura ao público, que poderá ter acesso a obras raras como um bilhete escrito por Victor Hugo e a foto do prédio onde foi feita a primeira sessão.

- Estamos mergulhando nos retratos e papéis para mostrar quem somos – afirma Nélida.

E continua:

Até mesmo o Petit Trianon, sede da ABL desde 1923, será aberto ao público. Através de visitas guiadas, quem quiser poderá conhecer, a partir de abril, os antigos salões e ver de perto relíquias como objetos pessoais de Machado de Assis. O famoso salão de chá, no entanto, continuará impenetrável. O ambiente no segundo andar é um dos pontos mais frequentados, mas só pelos acadêmicos. É ali que toda quinta-feira, pontualmente às 15h, os imortais se reúnem. Entre bolos, pasteizinhos, empadas e biscoitos, eles conversam e trocam ideias antes das sessões. (*O Globo*, 02/03/1997)

---

<sup>27</sup> Ata da Sessão de 20 de Maio de 1990.

Nesta etapa foi contratado o arquivista/conservador Sérgio Conde de Albite Silva<sup>28</sup> para prestar consultoria ao Arquivo da ABL. Em pesquisas aos relatórios realizados por Albite, encontramos um documento com a data de 18 de fevereiro de 1997, onde consta o laudo informativo da situação em que o acervo do arquivo da Academia Brasileira de Letras se encontrava. Neste documento, o arquivista/consultor informa que a maioria dos documentos são textuais sobre suporte papel, com predominância de recortes de jornais e alguns documentos originais e manuscritos. Existiam, também, documentos audiovisuais (películas, videocassetes e fitas de som) e material iconográfico (fotografias, diplomas, cartazes e cartões de visita).

Este acervo foi acumulado sem qualquer tipo de tratamento ou critério arquivístico, apesar de uma considerável parte ter recebido algum tipo arranjo e acondicionamento. Os originais da produção literária, as correspondências, as declarações de voto etc., ainda que em menor quantidade, são documentos únicos, originais, diferenciados, impossível de existirem em algum outro lugar. Trazem a marca, a “impressão digital” de seus autores. De modo semelhante, ocorrem com as fotografias, muitas vezes registros de um exato e único instante.

Este tipo de documentação formava o que seria o “arquivo permanente” da ABL. A situação em que se encontrava o arquivo da instituição nos leva a observar que as idades anteriores, fase corrente e intermediária dos documentos, aparentemente não existiram na formação desse acervo. É fundamental lembrar que o documento produzido hoje pela administração da ABL, incluindo os documentos de acadêmicos de cunho institucional – documento da idade corrente – no futuro, dependendo de sua natureza, será o documento de valor permanente e, portanto, histórico, informativo, cultural, social...

Percebida a ausência de organização seguindo critérios arquivísticos, bem como a separação dos documentos permanentes dos documentos de outras idades, ficou patente a necessidade da criação de um sistema de arquivos na Academia Brasileira de Letras, onde o privilégio dado ao ciclo vital dos documentos formasse um arquivo dinâmico, eficaz, atrativo, seguro e referencial aos seus usuários.

Foi então realizada por Sérgio Albite uma proposta para a implantação desse arquivo em duas etapas, a primeira em 1997 e a segunda em 1998.

A primeira etapa compreendida de fevereiro a julho de 1997, quando, a partir do levantamento documental do acervo “permanente” encontrado criou-se um novo arranjo, além do remanejamento de mobiliário, identificação, descrição e acondicionamento para

---

<sup>28</sup> Sérgio Conde de Albite Silva é doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), mestre em Memória Social e Documento e bacharel em Arquivologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Atualmente é professor associado pela UNIRIO.

preservação. Esta etapa foi considerada o início da implantação de um sistema de arquivo na ABL.

Em um segundo momento, a partir de julho de 1997, um novo projeto começaria a ser executado, buscando a criação de um sistema arquivístico propriamente dito. Surgiria o arquivo corrente, com a documentação protocolada e avaliada; o arquivo intermediário e tabelas de temporalidade; e o arquivo permanente, com a definição de fundos arquivísticos, contendo um fundo da instituição e outro fundo dos acadêmicos, dos imortais.

O Arquivo da ABL passaria a compor o *Arquivo dos Acadêmicos* e o *Arquivo Institucional*. O primeiro refere-se à guarda de documentos, sejam eles fundos documentais ou coleções, dos patronos e dos acadêmicos onde a referência principal é o nome do membro, sendo ele um “arquivo”. Já o segundo, compõe os documentos da instituição, sejam eles da fase corrente, intermediária e/ou permanente.

Em outro relatório, datado de 28 de fevereiro de 1998, o arquivista consultor-técnico informa a enorme desigualdade na quantidade dos documentos disponíveis em nome de cada Acadêmico, no Arquivo dos Acadêmicos. Assim, nas pastas de alguns encontravam-se originais literários, depoimentos, discursos, fotografias pessoais, etc. Em outras pastas encontravam-se apenas duas ou três folhas sem maior significado, tanto para o Arquivo, como para a Academia ou para o próprio acadêmico.

Para constituir o arquivo dos acadêmicos, e ter condições mínimas para um atendimento mais homogêneo aos pesquisadores que recorreriam ao Arquivo dos Acadêmicos, o consultor sugeriu que cada um dos acadêmicos enviasse, senão seus arquivos acumulados pessoalmente e guardados em casa, pelo menos os originais com uma fotografia de fardão, o discurso de posse e o discurso com a saudação feita e/ou recebida.

Importa destacar que nenhum arquivo havia sido organizado seguindo as normas arquivísticas, apesar do esforço anterior dos próprios acadêmicos, em reunir documentos que visassem à manutenção da memória de seus membros. Não era comum, como é atualmente, a pesquisa externa aos arquivos da ABL, ficando ela restrita aos funcionários, acadêmicos ou a pessoas com indicações e permissões. O arquivo pessoal de Roquette-Pinto, doado em 1964, segundo conversas com antigos funcionários, ficava no porão do *Petit Trianon*, sede da ABL a partir de 1922, e vedado à consulta.

Em abril de 1998 iniciava-se a segunda parte da implementação do sistema de arquivos da ABL. Em documento interno, de 07 de abril de 1998, Sérgio Albite informa à então chefe do Centro de Memória, Maria Eugênia Stein, a necessidade de conhecer os procedimentos,

trâmites e fluxo documental da instituição, para iniciar os estudos para a implementação do Arquivo Institucional, solicitando reuniões para entrevistas com os responsáveis de todos os setores.

A implantação do Arquivo Institucional da ABL, dentro de um programa de gestão de documentos aconteceu, de fato, em outubro de 2000, após a finalização das entrevistas realizadas nos setores e os estudos para a criação da Tabela de Temporalidade Documental e a criação do Código de Classificação Documental.

Paralelamente à implantação do Arquivo Institucional, a organização dos documentos do Arquivo dos Acadêmicos continuou e o Núcleo de Conservação e Higienização de Documentos foi criado, em 1998<sup>29</sup>, para atender o acervo arquivístico no suporte papel e fotográfico, com o tratamento dos documentos pertencentes ao Arquivo dos Acadêmicos, visto que este acervo encontrava-se em plena fase de arranjo e indexação, oferecendo respaldo e condições para a aplicação de tratamento de higienização e pequenos reparos. Os novos acervos recebidos pelo Arquivo deveriam, exclusivamente, dar entrada pelo Núcleo de Conservação, onde receberiam tratamento adequado.

Como dito anteriormente, para a documentação da ABL foram instituídas, então, duas linhas de acervo: Arquivo dos Acadêmicos, composto pelos documentos pessoais de seus membros, entregues à custódia da instituição e coleções documentais sobre os membros, acumulados artificialmente pela Academia; e o Arquivo Institucional, composto pelos documentos administrativos e funcionais, produzidos e acumulados em decorrência das atividades-meio e atividades-fim da instituição. Após revitalizado o Arquivo da ABL, foi montada uma equipe de arquivistas e estudantes de Arquivologia para que fosse possível a realização dos trabalhos, com a adoção e implementação de técnicas e metodologias arquivísticas.

Em 2003, foram publicados os primeiros instrumentos de pesquisa desenvolvidos pelo Arquivo, o *Guia Geral do Arquivo dos Acadêmicos*, e o *Inventário do Arquivo Machado de Assis*. O *Guia Geral do Arquivo dos Acadêmicos* contém as normas e diretrizes de tratamento técnico utilizado e a descrição do conteúdo, identificação, dimensão e suporte de todos os conjuntos documentais pessoais sob custódia do Arquivo, dividido em duas partes: arquivos já tratados e arquivos em tratamento. O *Inventário do Arquivo Machado de Assis*, contém a descrição das séries e subséries do Arquivo Machado de Assis, o primeiro inventário do arquivo da ABL que estabelece as diretrizes para a produção dos subsequentes inventários dos demais

---

<sup>29</sup> Hoje, Núcleo de Conservação e Restauração Guita Mindlin. Inaugurado em 1998.

arquivos dos Acadêmicos.

Atualmente o Arquivo conta com uma equipe de 5 arquivistas, 10 estagiários de Arquivologia e uma pesquisadora/prestadora de serviços. O Núcleo de Conservação conta com uma equipe de 3 conservadoras/restauradoras, e o setor de museologia com um museólogo.

Segundo o Artigo 47 do capítulo VIII do Regimento Interno da ABL, o arquivo tem como finalidade e competências:

#### CAPÍTULO VIII

O Arquivo, composto por documentos textuais, iconográficos e audiovisuais, tem por finalidade a preservação, a organização e a criação de facilidades para o acesso à documentação produzida, recebida e acumulada pela Academia e por seus membros.

§ 2º - Ao Arquivo compete:

- a) Preservar e proporcionar acesso à documentação produzida, recebida e acumulada pela Academia e cada um dos Acadêmicos;
- b) Incentivar a pesquisa do seu acervo, por intermédio de eventos e publicações referentes à documentação e ao tratamento do acervo sob a custódia;
- c) Estabelecer e divulgar dados, normas, procedimentos e técnicas arquivísticas referentes ao tratamento do acervo sob custódia;
- d) Gerenciar um sistema de arquivo dinâmico, no âmbito administrativo e funcional, controlando o fluxo e a gestão de documentos.<sup>30</sup>

Ao contrário dos arquivos de natureza pública, cujo recolhimento aos arquivos nacionais, estaduais e municipais se dão de maneira compulsória, em função de instrumentos legais, os arquivos privados dos acadêmicos se integram ao acervo da Academia em decorrência da intenção deliberada dos doadores, sejam os próprios titulares ou os herdeiros, que procuram a Casa para que a memória daquele imortal esteja sob a guarda da ABL. É claro que um arquivo de uma grande personalidade traz prestígio à instituição depositária, mas no caso da Academia, é mais comum a família dos herdeiros procurar a instituição do que o inverso.

O crescimento gradual do Acervo da ABL é resultado do interesse principal dos doadores em transformar seus registros particulares em fonte histórica, por meio da transferência desses registros da esfera particular à pública. Supomos que isso se dá ao fato da atividade-fim da ABL não ser a pesquisa documental, apesar de ser considerada de suma importância pelos próprios acadêmicos, mas sim o cultivo da língua e da literatura nacional.

No ano de 2013 houve uma nova reformulação do arquivo da ABL, com a modernização das instalações físicas do setor e alterações nos procedimentos técnicos, com mudanças na

---

<sup>30</sup> ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Estatuto e regimento interno, Rio de Janeiro, 2004:28.



metodologia aplicada ao Arquivo dos Acadêmicos, e a revisão do Código de Classificação de Documentos e da Tabela de Temporalidade no Arquivo Institucional. Essas mudanças trouxeram maior visibilidade ao Arquivo dentro da instituição. Um fator determinante para que isto tenha acontecido foi o apoio do atual diretor do Arquivo, o acadêmico José Murilo de Carvalho<sup>31</sup>, que por se tratar de um historiador reconhecido mundialmente, possui grande interesse na preservação das fontes históricas que a ABL possui sob a sua guarda.

### **1.2.1 O Arquivo dos Acadêmicos**

O Arquivo dos Acadêmicos da Academia Brasileira de Letras é um local especializado para a guarda e a difusão dos arquivos pessoais de seus membros. De acordo com Bellotto:

Arquivo pessoal é entendido como [...] o conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/ atividade de estadistas, políticos, administradores, líderes de categorias profissionais, cientistas, escritores, artistas, etc. Enfim, pessoas cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram suas atividades; ou ainda pessoas detentoras de informações inéditas em seus documentos que, se divulgadas na comunidade científica e na sociedade civil, trarão fatos novos para as ciências, a arte e a sociedade. (BELLOTTO, 2004:266)

No Arquivo dos Acadêmicos, os documentos podem integrar fundos documentais – quando doados pelos herdeiros do titular, ou pelo próprio titular em vida – ou coleções artificiais de documentos, reunidas pela própria instituição.

Para a ABL é importante a reunião de documentos sobre os seus membros, como fonte de pesquisa. Assim, os conjuntos documentais da ABL são reunidos por doações, como dito anteriormente, ou são produzidos pela própria instituição, que acumula documentos cujo conteúdo trate de temas, impressões e aspectos relativos aos acadêmicos. Essas coleções complementam as informações do fundo arquivístico, quando este existir, ou se constituem nas únicas fontes sobre determinado acadêmico, quando seu arquivo não foi doado.

Nos dois tipos de conjuntos documentais encontramos documentos textuais, tais como manuscritos, datilografados, impressos, recortes de jornais e revistas, diplomas, cartazes,

---

<sup>31</sup> O acadêmico José Murilo de Carvalho é o sexto ocupante da cadeira nº 5 da Academia Brasileira de Letras. Eleito em 11 de março de 2004, na sucessão de Rachel de Queiroz, foi recebido em 10 de setembro de 2004, pelo acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco. Assumiu o cargo de diretor do Arquivo em março de 2012, permanecendo até os dias atuais.

cartões de visita, além de fotografias, película cinematográfica, registros magnéticos (fitas de áudio e vídeo, *CD-ROMs*, *DVDs*), etc. Para compreender como foi feita a forma de acumulação dos documentos do arquivo da ABL será necessário voltar no tempo.

Maria Oliveira, em sua dissertação de mestrado, faz um estudo sobre alguns dos acervos doados para a ABL, observando a origem e proveniência dos documentos do Arquivo dos Acadêmicos. Ela cita que, na sessão do dia 15 de fevereiro de 1923, Mário de Alencar doou várias cópias de autógrafos de acadêmicos, e Goulart de Andrade doou um retrato de Casimiro de Abreu, patrono de sua cadeira. Na sessão seguinte, em 22 de fevereiro de 1923, diferentes acadêmicos ofereceram ao Arquivo da ABL documentos de outros membros da instituição. Nesta ocasião ocorreu uma importante discussão, relevante para o estudo da formação do Arquivo, quando Carlos de Laet perguntou se os autógrafos a serem recolhidos deveriam ser de acadêmicos vivos ou mortos, pois gostaria de doar uma carta do então secretário, Luiz Murat, por ocasião de uma sessão em sua homenagem. (OLIVEIRA, 2009:44).

Este questionamento gerou uma discussão entre Alberto de Faria, que defendeu que os autógrafos deveriam ser de acadêmicos mortos, e Mário de Alencar, que defendeu que a ABL não poderia estabelecer uma regra fixa a esse respeito. Consultando a ata da sessão do dia 22 de fevereiro de 1923, vemos que o presidente Afrânio Peixoto resolveu a questão deixando a critério dos acadêmicos as ofertas que desejassem fazer, certos de que a Academia jamais publicaria senão o que não fizesse mal nem à memória nem à boa fama dos signatários.

Alguns membros defenderam o ponto de vista de Mário de Alencar, enquanto o secretário e outros defenderam que as doações deveriam ser apenas de acadêmicos mortos. Devido a este fato, até o ano de 1997, quando houve o projeto de revitalização do Arquivo e a criação do Centro de Memória, o arranjo físico dos documentos era dividido em “acadêmicos vivos” e “acadêmicos mortos”, seguidos do número de suas cadeiras. Assim, quando um acadêmico falecia, os seus registros que lhe diziam respeito saíam da área de guarda dos arquivos dos acadêmicos vivos e passavam a compor a área de guarda dos arquivos dos acadêmicos mortos, cedendo espaço para o arquivo do novo acadêmico que o sucederia. De certa maneira, o arquivo reproduzia a lógica das cadeiras, que ficam vagas com o falecimento do acadêmico que a estava ocupando.

Essa lógica sempre causou estranheza aos arquivistas e documentalistas, pois foge de todos os preceitos da Arquivologia, tendo sido definida por funcionários que não eram arquivistas, mas que consideravam que o método era funcional e atendia às demandas.

Outra fonte de informação sobre a acumulação dos arquivos pela Academia pode ser

verificada em uma carta de Fernando Nery, secretário administrativo da ABL, para Graça Aranha, solicitando autógrafos de acadêmicos falecidos para serem publicados numa seção intitulada “Epistolário Acadêmico”, na *Revista da Academia*. Ao solicitar esses autógrafos para a publicação, a Academia sugere aos acadêmicos que ofereçam esses documentos ao arquivo, com a promessa de que, “resguardados com todo o carinho, ficarão eles ao abrigo das injúrias do tempo sem correrem o risco de dispersar. Tanto mais continuarão em qualquer tempo, ao inteiro dispor de V. Ex.<sup>a</sup> e dos membros de sua família”. (OLIVEIRA, 2009:45)

Oliveira chama ainda a atenção, em outro ponto, para o nome dado por Humberto de Campos ao local onde seria arquivado um documento, já que na sessão de 29 de maio de 1930 foi oferecido pelo próprio Campos parte dos originais da obra *Opúsculo acerca do Palmeirim da Inglaterra e do seu autor*, escrito em 1862 por Odorico Mendes, um dos patronos do quadro de sócios correspondentes da ABL. Humberto de Campos disse: “No arquivo da Academia, composto hoje de sessenta *cinerários*<sup>32</sup>, há um consagrado a Odorico Mendes, e aos seus sucessores. Que seja guardado, pois nele, esse original do Opúsculo sobre Palmeirim, encontrado entre os papéis que pertenceram ao helenista maranhense”. (OLIVEIRA, 2009:45-46).

Este nome dado ao local de guarda dos documentos remete à morte, sinalizando a intenção de perpetuar a memória dos acadêmicos através de seus papéis, sendo este processo, uma das formas de monumentalização e fabricação do imortal.

Com a intenção de reunir não somente os documentos de escritores membros da ABL, como também documentos de outros grandes nomes da literatura nacional, alguns acadêmicos encarregados pelo setor Arquivo debateram o assunto e decidiram que essa tarefa não seria cabível, levando em consideração o limitado espaço físico para a guarda do acervo, a demanda de mão de obra para a organização desses arquivos, bem como o grande número de acadêmicos que a ABL possui, e que de tempos em tempos aumenta com a eleição de novos membros.

A coleção de documentos da ABL que integra o Arquivo dos Acadêmicos é formada, pela hemeroteca, que contém os recortes de jornais com matérias e artigos publicados sobre cada acadêmico; além de documentos doados por terceiros.

Podemos encontrar a origem da hemeroteca da ABL na sessão do dia 31 de maio de 1951, quando o acadêmico Peregrino Junior elogia a organização do arquivo realizada pelo seu diretor, Múcio Leão, mas explica que este, para ser útil, necessita de um constante

---

<sup>32</sup> Cinerário: relativo à cinza; que contém as cinzas de um morto; relativo aos mortos; fúnebre, mortuário, jazigo, sepultura, caixão mortuário, esquife, féretro. HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

enriquecimento de documentos e informações. Com essa finalidade, sugere a contratação da empresa de *clipping* de notícia, *Lux-Jornal*, para firmar um acordo visando ao fornecimento de todas as informações, notas e comentários que seriam publicados no Brasil sobre cada um dos 40 acadêmicos; além da criação de pastas separadas por acadêmico, nas quais seriam arquivados, em ordem cronológica, todos os documentos e informações referentes a eles.<sup>33</sup> Dessa forma os jornais, acumulados artificialmente pela instituição, também são parte integrante das coleções dos arquivos de cada acadêmico, sendo os assuntos mais comuns: posse, obras literárias e falecimento.

A criação da filmoteca foi apreciada em sessão do dia 11 de setembro de 1952, quando o presidente Aníbal Freire da Fonseca submeteu a proposta de sua criação. Ela surgiu após uma comunicação do acadêmico Austregésilo de Athayde sobre a possibilidade de colaboração da Rádio Ministério da Educação e Cultura com a ABL. Por meio dessa parceria, palestras de acadêmicos seriam gravadas em discos e seria produzido um filme documentário sobre a vida de cada acadêmico. A última proposta, de que as sessões da Academia fossem transmitidas por rádio, gerou polêmica e discussão entre os membros da ABL, com alegações sobre a ameaça à intimidade dos acadêmicos e da Academia. (OLIVEIRA, 2009:49).

Nas sessões de 7 de abril e de 19 de maio de 1960 foi realizada a doação de um filme-documentário sobre o acadêmico Manuel Bandeira. Com este ato, foi inaugurada a filmoteca. Hoje, a filmoteca integra o arquivo audiovisual que constitui o acervo institucional da ABL, mas que possui gravações de diversos acadêmicos, todos eles disponíveis à consulta externa. Os vídeos e filmes que integram o arquivo pessoal de um acadêmico pertencem ao fundo deste, embora a guarda física seja feita no acervo institucional devido à natureza do suporte.

Na sessão de 3 de agosto de 1967, o presidente Austregésilo de Athayde cria a seção Iconográfica do Arquivo da ABL, sendo esta a mais consultada pelos pesquisadores, fornecendo imagens de acadêmicos para publicações de livros, exposições, etc. Este tipo de pesquisa iconográfica também pode ser realizado a distância, através do correio eletrônico do Arquivo da ABL, onde o pesquisador, após preencher e assinar o Termo de Reserva de Direitos<sup>34</sup>, recebe a imagem solicitada em alta resolução.

---

<sup>33</sup> O fornecimento do *clipping* de notícias existe até os dias de hoje, não mais em meio físico, mas sim em formato eletrônico.

<sup>34</sup> O Termo de Reserva de Direitos (autorais) é um termo em que o pesquisador obrigatoriamente tem que preencher, assinar e devolver para o Arquivo da ABL. Nele deverá ser explicitado o objetivo da pesquisa, e para qual o fim aquela imagem será utilizada, bem como a citação dos créditos da imagem para o “Arquivo ABL”. A demanda deste tipo de pesquisa é tão grande que anualmente são atendidos, em média, 120 pesquisadores à distância, sem cobrar nenhuma taxa para esta atividade, já que a ABL é considerada uma instituição sem fins lucrativos, isenta de impostos.

O critério de organização adotado inicialmente nos arquivos da ABL era o biblioteconômico, utilizado até o momento da criação do cargo de Diretor do Arquivo, em 1943. Durante o projeto de revitalização do arquivo, a equipe de arquivistas, ao realizar o diagnóstico do acervo, constatou que havia alguns fichários com registros catalográficos para cada item documental, e cada uma dessas fichas possuía um código alfanumérico que era reproduzido no documento. Mesmo através da realização de vários estudos, não foi possível compreender a lógica adotada nesta codificação. A ausência de registros sobre os trabalhos anteriormente realizados no tratamento dos documentos foi um dos principais problemas encontrados pela equipe de arquivistas que se debruçou sobre o acervo ao final dos anos 1990.

Após longa pesquisa em atas e documentos da instituição não se pode constatar como funcionava o arquivo no período compreendido de 1943 a 1996. Em conversa com uma antiga funcionária, d. Joana Cardoso, a mesma contou que um documento, quando dava entrada ao arquivo da ABL, era apenas arquivado, sem receber nenhum tipo de descrição ou tratamento arquivístico.<sup>35</sup>

Em muitos casos não há registro do processo de doação dos arquivos pessoais para o Arquivo da ABL, já que até o ano de 1997 não havia nenhum termo legal que institucionalizasse a doação. Mas há exceções, casos em que é possível precisar a data de doação através de buscas nas atas das sessões, como veremos no caso da doação do Fundo Roquette-Pinto, realizada por seus herdeiros e registrada em ata do dia 23 de novembro de 1965.

Recentemente foi definido um cronograma para que todos os arquivos sejam organizados e descritos, e futuramente inseridos na base de dados *SophiA Acervo*<sup>36</sup>. Iniciou-se essa atividade de organização pelos arquivos dos Patronos<sup>37</sup>, por serem os primeiros “membros” da Casa e pelo fato de seus arquivos serem pequenos em relação aos dos outros membros. Em seguida foi mantida a ordem de chegada dos membros na Casa, e o arquivo dos 40 fundadores da ABL foi também organizado. Após a organização dos arquivos dos fundadores, vem acontecendo a organização dos arquivos de seus sucessores, conforme a data em que tomaram

---

<sup>35</sup> A funcionária Joana Cardoso ingressou no quadro de funcionários da Academia Brasileira de Letras no ano de 1967, e está em atividade até os dias atuais. Essa conversa aconteceu nas dependências do Arquivo da ABL, em 7 de novembro de 2014.

<sup>36</sup> *SophiA Acervo* é a base de dados adotada pela ABL desde 2011. Esta base de dados ainda não encontra-se disponível ao público externo, pois encontra-se em fase de implementação.

<sup>37</sup> O arquivo dos patronos não é diferenciado dos arquivos dos acadêmicos. Apesar do patrono não ter sido membro da ABL por eleição, mas sim como uma escolha após a sua morte, como forma de homenagem, a equipe de arquivistas atribui o mesmo valor para todos os acervos. Todos os arquivos dos patronos são coleções de documentos reunidos artificialmente pela ABL.

posse na Academia, até chegar aos acadêmicos mais contemporâneos.<sup>38</sup>

Adotando o critério de que não se esperaria a organização do arquivo para a disponibilização do acervo à consulta, a ABL atendia aos consulentes que desejavam realizar suas pesquisas mesmo em arquivos sem organização. Para isto, era necessário, antes, fazer o levantamento documental do acervo que seria posto à consulta, para que houvesse o controle de todos os documentos que seriam disponibilizados. Essa decisão foi tomada desde a criação do arquivo, e perdura até os dias de hoje. Não é possível saber os impactos que esta medida teve, mas acredita-se que muitos pesquisadores prefiram consultar o arquivo sem organização a encontrá-lo fechado à consulta.

Como dito anteriormente, o arranjo dos documentos do Arquivo dos Acadêmicos era estabelecido com uma divisão de vivos e mortos, seguidos pela ordem da cadeira ocupada. Cada acadêmico possuía um conjunto de pastas com documentos textuais, manuscritos e impressos, recortes de jornais e iconográficos. As séries, geralmente eram as mesmas para todos, definidas por tipos documentais ou pelos assuntos: Correspondência Ativa, Correspondência Passiva, Correspondência de Terceiros, Obras, Notícias e Críticas, Eleição, Posse, Falecimento e Sucessão. Essas quatro últimas séries acabavam por representar a dinâmica de entrada de cada membro da ABL.

Logo na primeira sessão após o falecimento de um membro, é comunicado o óbito e declarada a abertura da vaga. Os interessados poderão apresentar sua candidatura, através de uma carta de inscrição, acompanhada da relação de suas obras, sendo então realizada a eleição em escrutínio secreto.

Após a sessão de eleição, é designado um acadêmico para fazer o comunicado ao candidato eleito sobre a sua vitória. Este deverá preparar um discurso para a sua posse, que deverá conter um elogio ao seu antecessor, tratando da personalidade e de suas obras. Muitos recorrem ao Arquivo dos Acadêmicos com o objetivo de reunir informações para o seu discurso. A eleição e a cerimônia de posse ou de recepção são rituais repletos de documentos e instrumentos de celebração. Além do elogio proferido pelo membro eleito que está sendo empossado, há também um discurso de recepção proferido por um acadêmico designado pelo Presidente para saudar o recém-eleito.

Todos esses discursos – de posse, de recepção, etc. – são registrados em atas, que ficam disponíveis para a pesquisa externa.

---

<sup>38</sup> A organização do Arquivo Machado de Assis e do Arquivo Roquette-Pinto são exceções a este cronograma, devido à grande quantidade de procura para pesquisa nestes acervos.

Desde 1997, todas as sessões acadêmicas, celebradas sempre às quintas-feiras, logo após o chá dos acadêmicos, cerimônias de posse, e eventos organizados pela ABL, como mesas-redondas, conferências, palestras, etc., são gravadas e armazenadas no arquivo audiovisual da ABL.

Tendo descrito em linhas gerais a história da ABL, de seus rituais e valores, e tendo contado, ainda que de maneira breve, a trajetória de formação dos diversos conjuntos documentais que constituem o acervo da instituição, nos próximos capítulos abordarei como o Arquivo Roquette-Pinto foi constituído, suas intencionalidades, o papel do titular, da instituição e dos pesquisadores que se debruçaram sobre este arquivo.

## Capítulo 2

### A construção do legado de Edgard Roquette-Pinto

Em alguns momentos da trajetória de Roquette-Pinto nota-se o desejo em ver seu próprio nome reconhecido nos anais da história. Em um destes ele confia a seu contemporâneo na Academia Brasileira de Letras, Humberto de Campos, a vontade de vencer o tempo e o esquecimento. Em 9 de novembro de 1933, ao planejar a sua aposentadoria do Museu Nacional para se dedicar ao rádio e ao cinema educativo, e dessa forma atingir as camadas mais populares, disse, de acordo com relato de Humberto de Campos e registrado em seu livro de memórias:

Humberto, eu sou, talvez, mais vaidoso do que você supõe. Eu não me desinteressei da minha ciência predileta, a antropologia, porque estou inteiramente tranquilo em relação à conservação do meu nome, nos seus anais. Dentro de um século, não se escreverá sobre raças, especialmente sobre índios, assim como sobre educação e sobre rádio no Brasil, sem subir as escadas do Museu Nacional ou das bibliotecas para consultar o que eu deixei... Tudo que um homem de pensamento aspira, e que é a sobrevivência na memória dos homens de amanhã, eu tenho como certo. Agora, o meu desejo é divulgar os conhecimentos das maravilhas da ciência moderna nas camadas populares. Essa é a razão dos estudos que estou agora realizando. Eu quero tirar a ciência do domínio exclusivista dos sábios para entregá-la ao povo.<sup>39</sup>

Nessa passagem registrada e publicada postumamente no *Diário Secreto* (1954), de Humberto de Campos, fica explícita a vontade de Roquette-Pinto de vencer o tempo e o esquecimento, permanecendo na memória das futuras gerações, bem como em alcançar as camadas populares através da educação.

O desejo de ser lembrado se daria através dos estudos que Roquette-Pinto realizou e que permaneceriam como testemunho de sua trajetória. Entrevemos aí um desejo de perpetuidade para seus documentos, considerados carregados de valor simbólico e de utilidade para as futuras gerações.

O processo social de transformação de registros em fontes históricas vem sendo estudado por alguns autores. Heymann investiga em um de seus trabalhos, *O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro* (2012), o processo de constituição do arquivo de Darcy Ribeiro, desde a etapa de acumulação do “papelório” no domínio privado até a sua abertura pública em instituições de guarda.

---

<sup>39</sup> CAMPOS, Humberto de. *Diário Secreto*. Edições O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1954. 2v. Pág. 396.



É este o objetivo que pretendo, a partir de agora, desenvolver nesta dissertação: entender a constituição do arquivo Roquette-Pinto e qual o lugar que assumiu dentro da ABL.

Esse exercício parte, portanto, da constatação da vontade expressa de Roquette-Pinto de perpetuar seu nome através dos seus escritos. A necessidade de agentes futuros/externos que ajam para dar consecução a esse desejo, consagrando os registros pessoais de um indivíduo como um “legado” e, assim, livrando-os do esquecimento, é comum em casos de arquivos pessoais de pessoas públicas. Essa relação entre agentes futuros e o titular do arquivo é discutida em Heymann (2009:52,53):

Além do apoio na exemplaridade da trajetória do personagem, a produção dos legados documentais dependerá também da ação de sujeitos que expressem a “necessidade” de recuperação dessa memória, que sejam os porta-vozes do risco que comporta o seu esquecimento e de sua relevância para o conhecimento do passado. Alguns elementos determinantes para os processos de produção e institucionalização de legados são, portanto, o lugar ocupado pelos sujeitos que a eles se dedicam e os recursos de adesões que consigam mobilizar – suas redes de relações – a partir de várias estratégias que variam da valorização do resgate dessas trajetórias para a pesquisa histórica à ideia de homenagem ou preservação de ideais cívicos e políticos. (HEYMANN, 2009:52)

Não somente o titular do arquivo, como também arquivistas e pesquisadores conferem o atributo de legado a um arquivo, uma vez que o interesse expresso por pesquisadores de diversas áreas em consultar, no caso, a documentação de Roquette-Pinto<sup>40</sup>, deixou claro para os dirigentes e membros da Academia Brasileira de Letras a existência de um capital simbólico associado ao arquivo. Seu valor como “patrimônio” capaz de contribuir para o desenvolvimento da pesquisa histórica no país começou a ser construído, de fato, no momento em que o arquivo Roquette-Pinto foi aberto à consulta pública pela primeira vez em 1998.

O falecimento do titular, vale assinalar, constitui momento central de consagração de um legado, pois na morte finaliza-se o percurso do personagem e intensificam-se os discursos que pretendem dar um sentido a tal trajetória. Nesse sentido a produção de um legado depende fundamentalmente da ação de sujeitos que expressem o “desejo” e a “necessidade” de recuperação desses legados, atuando como porta-vozes do risco do esquecimento, da “dívida”

---

<sup>40</sup> Lembrando, como dito na introdução deste trabalho, Arquivo Roquette-Pinto da ABL teve a sua consulta aberta ao público pela primeira vez no ano de 1998, e desde então vem sendo procurado por diversos pesquisadores, principalmente das áreas de antropologia, educação e comunicação social. Após a realização da quantificação e do perfil dos consulentes do Arquivo da Academia Brasileira de Letras, Roquette-Pinto configurou-se como o segundo arquivo mais pesquisado da ABL, ficando atrás somente do Arquivo Machado de Assis. Mais adiante será explicado quem são esses pesquisadores e quando se manifestaram.

com a memória desses personagens, da importância dessa recuperação para a “memória nacional” (HEYMANN, 2005:2). Isso nos faz pensar nas diferentes temporalidades presentes na noção de legado, e no esforço feito para a sua produção:

[...] a sugestão de uma combinação de temporalidades pode ser interessante para pensar no esforço de produção da noção de “legado”, necessariamente referida ao passado, à biografia e à história, ao mesmo tempo em que projetada para o futuro. A produção de um legado implica, de fato, na atualização (presente) do conteúdo que lhe é atribuído (passado), bem como na afirmação da importância de sua constatação rememoração (futuro). As ações que tomam os legados históricos como justificativa, sejam elas comemorações, publicações ou a organização de instituições alimentam o capital simbólico de que são dotados, um capital que carrega em si o atributo da continuidade, da sobrevivência ao tempo. (HEYMANN, 2005:4)

Sabemos que a construção de “legados” históricos implica em uma leitura da experiência de um indivíduo e na produção de um discurso sobre essa experiência que destaque a sua excepcionalidade. Por isso, antes de passar à análise do Arquivo Roquette-Pinto na Academia Brasileira de Letras, seu percurso até a doação, de fato, além dos problemas encontrados ao longo da sua organização, é importante fornecer algumas informações a respeito do personagem, relativas à sua biografia – que serão apresentadas de forma sumária, haja vista não se buscar uma análise de seu percurso pessoal e intelectual neste trabalho.

## **2.1 Edgard Roquette-Pinto (1884 – 1954)**

O carioca Edgar Roquette Carneiro de Mendonça Pinto Vieira de Mello, ou simplesmente Roquette-Pinto, como gostava de ser chamado, nasceu no dia 25 de setembro de 1884<sup>41</sup>. Filho de Manoel Menélio Pinto e Ana Josefina Carneiro de Mendonça, Roquette - juntamente com o seu irmão, Mauro - foi criado por seu avô materno, João Roquette Carneiro de Mendonça, proprietário rural de diversas fazendas em Minas Gerais e Rio de Janeiro.

---

<sup>41</sup> Os dados biográficos mencionados aqui foram retirados da obra *Edgard Roquette-Pinto*, de Jorge Antônio Rangel; para referência completa, ver RANGEL, Jorge Antônio (2010). Foram também consultados o livro *Antropologia Brasileira: Ciência e Educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*, organizado por Nísia Trindade Lima e Dominichi Miranda de Sá; para referência completa, ver LIMA & SÁ (2008), e o texto de Nísia Trindade de Lima, apresentado no 8º Ciclo de Conferências, realizado na ABL em 14/10/2014, com o título *Ciência brasileira: conhecimento e nacionalidade na obra de Roquette-Pinto*, disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=16721&sid=1025>

Quando criança, seus pais se separaram e sua mãe mudou-se com os filhos para a fazenda Bela Fama, próximo à cidade de Juiz de Fora. Durante o tempo em que foi criado na fazenda na companhia de seu avô – figura marcante em sua formação e a quem chamava de “paizinho” -, Roquette-Pinto esteve em contato com a natureza e com o modelo tradicional de propriedade rural, baseado no trabalho escravo.

Segundo seus biógrafos, um fato histórico teria mudado os rumos da trajetória de Roquette-Pinto (RANGEL, 2010). Após a proclamação da República, em 1889, e a abolição da escravatura, iniciou-se o processo de industrialização no país que ocasionou o aumento da entrada de imigrantes e a expansão econômica, resultando em uma crise do modelo de produção tradicional durante os últimos anos do século XIX e início do século XX.

Este desenvolvimento da sociedade brasileira teria repercutido na vida dos Carneiro de Mendonça, obrigando o avô de Roquette-Pinto a mudar-se com a família para o Rio de Janeiro. Segundo Nísia Trindade Lima (2013:20), após enfrentarem diversas dificuldades financeiras, João Carneiro de Mendonça obteve, através de Alfredo Ellis, senador da cidade de São Paulo, um cartório na cidade do Rio de Janeiro, conhecido como Tabelião Roquete, que possibilitou o financiamento dos estudos de seu neto.

Ao retornar para a cidade do Rio de Janeiro, Roquette-Pinto concluiu os estudos secundários no Externato Aquino, considerada uma das melhores instituições de ensino da época. Sua passagem pelo Externato imprimiu-lhe certa predileção pelos estudos científicos, já que a instituição era dirigida por João Pedro de Aquino, bacharel em ciências físicas e matemática. (LIMA, 2013:20).

Segundo Jorge Antonio Rangel (2010), após concluir os estudos secundários, um encontro mudaria o destino de Roquette-Pinto. Para socorrer uma prima adoentada, Roquette-Pinto acompanhou o médico, professor da cadeira da Fisiologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e amigo da família, Francisco de Castro, em uma viagem de trem do Rio de Janeiro até a Fazenda Boa Liga, na cidade de Barra do Piraí (RJ), que lhe rendeu conversas que influenciariam na escolha de sua carreira. Durante a viagem, Francisco de Castro teria convencido Roquette-Pinto a desistir de tentar a carreira naval e optar pela medicina. (2010:24).

Rangel ainda cita um trecho do relato de Roquette-Pinto para o jornal *A Noite Ilustrada*, em setembro de 1935, que sintetiza este encontro:

Tive desejo de seguir a carreira da Marinha. Possivelmente o gosto das viagens, o resultado das leituras curiosas sobre o assunto, o prazer de novas descobertas, de sentir outros climas, tivessem concorrido para isso. Dentro de um trem, em companhia de Francisco de Castro, a quem eu conduzia para ver uma enfermeira querida, dele recebi o conselho generoso e amável que [...]

deveria seguir os estudos científicos. E devo-lhe dizer que foi um bem que ele me fez. Sinto que nasci para a indagação, para a pesquisa, para o estudo. A ânsia de descobrir novos continentes, outras ilhas no terreno científico sempre me tentaram. (ROQUETTE-PINTO *apud* RANGEL, 2010:24-25)

Desta forma, Roquette-Pinto ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo concluído os estudos em 1906, com a tese de doutoramento intitulada *O exercício da medicina entre os indígenas da América*, demonstrando forte interesse sobre os estudos indígenas e o campo da antropologia física.

Coincidindo com a conclusão do curso de medicina, o Museu Nacional do Rio de Janeiro abriu concurso para a vaga de professor substituto da “Seção de Anthropologia e Ethnographia”. Em seu arquivo pessoal, sob a guarda da Academia Brasileira de Letras, encontramos uma carta de Alfredo Ellis – o mesmo que ajudou João Roquette na vinda para o Rio de Janeiro – comentando com entusiasmo a provável nomeação de Roquette-Pinto para o Museu Nacional em 6 de setembro de 1905:

Meu amigo Edgar

Afetuosas saudações e um estimado abraço pelo brilhantíssimo concurso que fez ontem. Estive com o Dr. Seabra e quase que posso lhe assegurar que será nomeado. São duplas, portanto as minhas felicitações: pelas provas de estudos e de inteligência, e pela nomeação que ambicionava. Meus respeitosos cumprimentos a Exma. Família e meu afetuoso abraço do amigo certo.

Alfredo Ellis<sup>42</sup>

Assim como acreditava Alfredo Ellis, Roquette-Pinto foi aprovado em concurso e ingressou no Museu Nacional no ano de 1906, assumindo o cargo de professor assistente de Antropologia. Paralelamente à sua função no Museu, Roquette substituiu o Dr. Henrique Rodrigues Cáo no quadro de médicos legistas da Polícia do Distrito Federal em janeiro de 1908<sup>43</sup>. Ainda nesse mesmo ano, foi nomeado para o cargo de médico adjunto do Hospital Geral da Santa Casa do Rio de Janeiro<sup>44</sup>.

Percorrendo seus documentos pessoais encontramos ainda provas de sua atuação em laboratórios de análises clínicas, como o Laboratório Roquette-Pinto – de sua propriedade – e

---

<sup>42</sup> Correspondência de Alfredo Ellis para Roquette-Pinto, de 06/09/1905, pertencente ao Arquivo Roquette-Pinto (ABL), série Museu Nacional.

<sup>43</sup> O documento de nomeação de Roquette-Pinto para substituir Henrique Cáo, de 08/01/1908, encontra-se no arquivo pessoal de Roquette-Pinto na ABL, Série Atuação Médica.

<sup>44</sup> Documento de nomeação de 04/06/1908 pertence ao arquivo pessoal de Roquette-Pinto na ABL, série Atuação Médica.

o Laboratório Raul Leite S.A. no qual tinha participação ativa.<sup>45</sup> No entanto, a sua principal atuação estava centrada no Museu Nacional, instituição à qual esteve vinculado até o ano de 1935.

Foi durante este período que Roquette-Pinto produziu seus principais trabalhos acadêmicos e pesquisas na área de antropologia. Com João Baptista de Lacerda, na época diretor do Museu Nacional representou o Brasil no 1º Congresso Internacional das Raças, em 1911, como podemos verificar em uma carta assinada pelo sociólogo e organizador do congresso, Gustav Spiller, datada de 3 de abril de 1911. Nesta correspondência Spiller agradeceu a colaboração de Roquette-Pinto pelo envio de trabalhos e confirmou a sua inscrição como um dos palestrantes especiais e secretário do Congresso pelo Brasil.<sup>46</sup>

Além disso, encontramos diversos documentos, estudos e rascunhos que comprovam a contribuição de Roquette-Pinto para o trabalho de Lacerda, ao organizar o diagrama da constituição antropológica da população do Brasil, elaborado segundo as estatísticas oficiais de 1872 a 1890.

Após o congresso, Roquette-Pinto permaneceu um tempo na Europa com o objetivo de atualizar seus conhecimentos em Antropologia e Biologia. Segundo o acadêmico Alberto Venancio Filho<sup>47</sup>:

Roquette-Pinto era de um humanismo dúplice, apoiado na cultura europeia, especialmente a francesa, e ao mesmo tempo com os pés fincados no Brasil. Um sentimento ambíguo, pois quando estava na Europa, sentia saudades das paisagens brasileiras, e quando estava no Brasil, faltava-lhe o espírito europeu, resolvendo esse sentimento de ambiguidade e marginalidade por meio de sua intensa militância na ciência e no mundo público de seu país. (VENANCIO FILHO, 2006)

Logo após o seu retorno da temporada na Europa, Roquette-Pinto foi convidado por Marechal Rondon para compor o quadro de integrantes da Comissão Rondon do ano de 1912 em viagem à região norte do Brasil. Segundo Nísia Trindade de Lima (2014), em conferência realizada na ABL sobre Roquette-Pinto, a linha telegráfica, para ele, era apenas um pretexto, pois, na opinião da autora o trabalho científico era o mais importante, sendo Rondon uma marca

---

<sup>45</sup> Ver série Atuação Médica/ Arquivo Roquette-Pinto, ABL.

<sup>46</sup> Carta pertencente ao Arquivo Roquette-Pinto, ABL. Pasta: 27 – 4 – 03. Notação do item documental: RPi Ant/Ev 004.

<sup>47</sup> Alberto Venancio Filho é membro da Academia Brasileira de Letras. Ocupante da cadeira 25, tomou posse em 14/04/1992, na sucessão de Afonso Arinos de Melo Franco. Seu pai, Francisco Venancio Filho, foi amigo de Roquette-Pinto durante a maior parte de sua vida.

forte em sua trajetória.

Apesar de sua vontade de pertencer à equipe da Comissão Rondon, sua ida esteve em risco antes mesmo de partir do Rio de Janeiro. Em contato com os documentos sobre a Comissão Rondon encontramos uma carta de 3 de março de 1911, assinada por “Dr. Sérgio”, onde o remetente demonstra-se preocupado com o estado de saúde de Roquette-Pinto e de Rondon, além dos riscos de os amigos em contraírem doenças nas matas brasileiras, como o impaludismo.<sup>48</sup>

Em outra correspondência, enviada dias depois da carta acima mencionada, Rondon discute com Roquette-Pinto sobre o temor de Dr. Sérgio, em 12 de março de 1911:

[...] Em relação ao Sérgio havemos de tratar junto do Sr. Ministro o que for conveniente para a vossa excursão. A não ser a vossa saúde, nenhum outro embaraço, penso, poderá haver. Como os outros vossos amigos, sou de parecer também que só deveis encetar tão longa viagem, e através de clima tropical, se vos sentirdes forte o bastante para tanto. Nesse caso, porém, o único juiz a decidir é a vossa nobre esposa, que melhor do que vós mesmo vos conhecera [...]<sup>49</sup>

A preocupação de Dr. Sérgio não impediu Roquette-Pinto de viajar, sendo assim, sua participação na Comissão Rondon iniciou, de fato, em junho de 1912, quando partiu do Rio de Janeiro e se encerrou no dia 25 de novembro deste mesmo ano, quando retornou para a cidade de origem com diversas anotações, estudos, fotografias e gravações de áudios de cantos indígenas – algumas que inspiraram Heitor Villa-Lobos - realizados por ele próprio e membros de sua comitiva.

De seu caderno de campo resultou seu livro de maior sucesso *Rondonia: Antropologia e Etnografia*, publicado em 1917.<sup>50</sup> Esta obra, traduzida para diversos idiomas, como inglês, francês, espanhol e alemão, iniciou a sua consagração profissional, e para alguns estudiosos se equipara à obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha, já que ambos revelaram aos brasileiros um país “novo” no Brasil e uma civilização desconhecida. (VENANCIO FILHO, 2005:15).

Segundo Nísia Trindade Lima, Ricardo Ventura Santos e Carlos E. A. Coimbra Junior, em um artigo publicado na obra *Antropologia Brasileira* (2008), em uma conferência no Museu Nacional no ano de 1915, Roquette-Pinto propôs o nome Rondônia para o local da expedição:

Após a experiência da viagem, Roquette-Pinto inaugurou as Conferências do Museu Nacional, em 1915, propondo o termo “Rondonia” para designar a

---

<sup>48</sup> Documento pertencente ao Arquivo Roquette-Pinto na ABL. Notação: RPi Ant/CR/R002

<sup>49</sup> Documento pertencente ao Arquivo Roquette-Pinto na ABL. Notação: RPi Ant/CR/R003

<sup>50</sup> O caderno de campo de Roquette-Pinto pertence ao seu arquivo na ABL. Notação: RPi Ant/CR/R 016

zona compreendida entre os rios Juruena e Madeira, cortada pela “Estrada Rondon”, modo como se referia ao traçado das linhas telegráficas que ligariam Mato Grosso ao Amazonas. Em suas palavras: “Os elementos geológicos, geográficos, botânicos, zoológico, antropológico e etnográficos que tal região tem fornecido, originais e numerosos, justificam a criação dessa província antropogeográfica”. Simultaneamente, prestava homenagem a Rondon e delimitava o que percebia como área de grande importância para a pesquisa científica. (2008:99-100)

Anos depois do seu retorno ao Rio de Janeiro, em 1915, Roquette-Pinto foi intitulado membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), tornou-se livre docente da cadeira de História Natural da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e no ano seguinte, docente da cadeira de Higiene da Escola Normal do Rio de Janeiro.

Ainda em 1916, fundou com Henrique Morize, Alberto Betim Paes Leme, Alberto Childe, Alípio de Miranda Ribeiro, Osvaldo Cruz, Amoroso Costa, e outros cientistas a Academia Brasileira de Ciências. Esta instituição teve papel destacado nas propostas de vulgarização das ciências.

No ano de 1920 se licenciou dos cargos que ocupava no Brasil para fundar a cadeira de Fisiologia Experimental da Universidade do Paraguai, em Assunção, onde ficou até dezembro, quando retornou ao Brasil após ser nomeado em 23 de dezembro por Carlos Chagas, diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública, para exercer o cargo de microscopista-chefe do Laboratório de Bromotologia.

A atuação de Roquette-Pinto em diversas instituições pelo mundo, bem como o interesse delas em tê-lo como membro estão documentadas em seu arquivo. Dentre as instituições das quais participou direta ou indiretamente, podemos citar a Sociedade Brasileira de Geografia, da qual se tornou sócio efetivo em 1918, sua eleição para sócio benfeitor da Academia Brasileira de Música em 1927, sócio honorário da *American Association of Museums* em 1930 e sócio da Associação Brasileira de Imprensa, dentre outras.

Durante as reuniões da Academia Brasileira de Ciências, em 1923, surgiu a ideia de criar, juntamente com seus companheiros de ABC, a primeira emissora de rádio brasileira. Assinaram o estatuto da Rádio Sociedade, em 7 de junho de 1923, Roquette-Pinto, Henrique Morize, Arthur Moses, Francisco Venancio Filho, Sussekind de Mendonça dentre outros<sup>51</sup>, ocorrendo a primeira transmissão em 1º de maio desse mesmo ano. No entanto, o caminho percorrido para chegar à vulgarização da radiodifusão no Brasil encontrou alguns empecilhos,

---

<sup>51</sup> O primeiro estatuto da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro encontra-se no arquivo pessoal de Roquette-Pinto, série documental Radiodifusão.

como, por exemplo, o controle do governo sobre a recepção de T.S.F. (Telegrafia Sem Fio). Segundo Patrícia Coelho (2014), em seu artigo intitulado *Intelectuais em defesa da radiocultura (1920 – 1930)*:

O órgão que previa e legislava a atuação dos meios de radiodifusão era o departamento de Correios e Telégrafos, diretamente vinculado ao Ministério da Viação, e o ouvinte, que desejasse possuir um aparelho, deveria dirigir-se aos Correios para cumprir as exigências burocráticas. Entre outras ações, foi elaborada, em nome da ABC, uma carta ao Ministro da Viação, Francisco Sá, reivindicando a concessão de ampla liberdade para a aquisição de aparelhos receptores. (COELHO, 2014:60)

Debruçando-se ainda sobre a documentação pessoal de Roquette-Pinto pertencente ao acervo da ABL, encontramos a cópia desta carta ao Ministro da Viação, assinada por Henrique Morize, Roquette-Pinto, Domingos Costa e J. Del Vecchio em que dizia:

[...] A divulgação da T.S.F., no território nacional, permitindo que um grande número de brasileiros se possa preparar para servir à pátria no terreno científico, militar, industrial e etc., é uma das mais urgentes necessidades do país. Causa verdadeira tristeza aos estudiosos verificar o grau de inconcebível atraso em que se encontra, no Brasil, o T.S.F. como prática popular. A proibição da recepção da T.S.F. é científica e praticamente um absurdo e uma ingenuidade; se fosse possível torná-la realmente efetiva, seria ainda assim, um grande mal para o progresso da nação.<sup>52</sup>

À frente da Rádio Sociedade desde o ano de sua criação até 1936, Roquette-Pinto enfrentou essa dificuldade, mas também viu a rádio se popularizar através de seus programas educativos e transmissões de óperas durante o restante da década de 1920 e o início dos anos 1930, até o momento em que a destinou ao Ministério da Educação e Saúde, na época dirigido por Gustavo Capanema, em cerimônia realizada em 7 de setembro de 1936. A partir desse momento, a emissora passou a denominar-se *Rádio Ministério da Educação*, popularmente conhecida como *Rádio MEC*, uma saída encontrada por Roquette-Pinto para manter a rádio vinculada à sua função original, a educação. (LIMA, 2014).

Adriana Duarte Ferreira Jorge, em dissertação de mestrado defendida em 2008 sobre *Roquette-Pinto e a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, explica o momento em que a Rádio Sociedade começou a se desestruturar:

---

<sup>52</sup> Cópia da carta assinada por Henrique Morize, Roquette-Pinto, Domingos Costa e J. Del Vecchio, pertencente ao arquivo Roquette-Pinto (ABL), de 11/05/1923. Série Radiodifusão.



A situação da Rádio Sociedade começou a se desestruturar muitos anos antes, quando a conjuntura política e econômica do então governo Vargas acabou tornando o rádio um empreendimento comercial por excelência, o que tornava impossível, sem o apoio do governo, manter uma rádio apenas como instrumento de disseminação de cultura e educação, como queriam os precursores da Rádio Sociedade e seu principal incentivador Roquette-Pinto. (JORGE, 2008:182)

Durante a década de 1930 Roquette-Pinto sentiu-se ameaçado não somente com a rádio, mas também quanto ao seu cargo no Museu Nacional. Durante a Revolução de 1930 ocorrida no país, Roquette-Pinto colocou o cargo à disposição do Governo, tendo seu pedido recusado. Em nota publicada no jornal *Correio da Manhã* de 20 de novembro de 1930 intitulada *Como o novo ministro da Educação recusou a demissão do dr. Roquette-Pinto*, o autor comenta<sup>53</sup>:

No Ministério da Educação comentava-se como bem expressivo das novas práticas introduzidas na administração o episódio do dr. Roquette-Pinto, diretor do Museu Nacional. Empossado o titular do novo ministério, foi procurado o dr. Roquette-Pinto para lhe apresentar a sua exoneração. Não era político, disse ele, mas era um amigo pessoal não só do Sr. Washington Luiz, como do Sr. Julio Prestes. Exercendo um cargo que, apesar de técnico, era também de confiança, entendia que era do seu dever, em face da nova ordem de coisas, apresentar a sua demissão e ali o fazia naquele momento.

Após ouvir em silêncio o pedido de Roquette-Pinto, o ministro Francisco de Campos respondeu que:

A Revolução não fora feita para perseguir adversários nem para escorraçar dos cargos técnicos os homens de comprovada competência. Mesmo quando não se tratasse de amigos da situação. Aceitar o pedido que lhe fazia lealmente o dr. Roquette-Pinto seria muito fácil. Havia, porém, uma grande dificuldade: achar quem o pudesse substituir na direção do Museu Nacional.<sup>54</sup>

Roquette-Pinto não somente permaneceu no Museu Nacional, como também viria a assumir novos cargos públicos durante o primeiro governo Vargas. Em 1932, o Museu Nacional abrigou a Comissão Nacional de Censura Cinematográfica e editou a *Revista Nacional de*

---

<sup>53</sup> Esta nota de jornal encontra-se no arquivo pessoal de Roquette-Pinto na ABL juntamente com a correspondência de Belmiro Braga, de 20 de novembro de 1930, em que o remetente afirma que acabara de ler a nota de jornal, que envia em anexo, e se diz admirado com a atitude tomada por Roquette-Pinto de pedir exoneração do cargo, mas, muito mais satisfeito com a atitude do ministro Francisco de Campos que recusou o pedido. Série Museu Nacional.

<sup>54</sup> *Idem*.

*Educação*, publicada com o recurso das taxas de censuras aos filmes, e cujo lema era “em todos os lares o conforto moral das ciências e da arte”. Distribuída gratuitamente para as escolas, trazia muitas ilustrações e textos informativos sobre ciência e literatura brasileira (LIMA, 2014). A revista tem sido objeto de pesquisas, visto que muitos usuários procuram o arquivo Roquette-Pinto na ABL com o objetivo de estudar o Cinema Educativo e a Censura Cinematográfica.

Ainda segundo Lima (2014), com relação aos cargos que Roquette-Pinto viria a exercer durante o primeiro governo de Getúlio Vargas, destaca-se a direção do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE). Nas palavras de Lima o INCE:

[...] deve ser visto como importante para a história do cinema no Brasil, de alguma forma, com destaque para a sua parceria com Humberto Mauro, que já havia realizado antes de ingressar na instituição, *Ganga Bruta*, um filme que teve reconhecimento na época e hoje é considerado uma de suas principais obras.

Além de *Ganga Bruta*, o filme *Descobrimento do Brasil*, produzido em 1936, com trilha sonora de Heitor Villa-Lobos, produzido pelo INCE, foi um filme de grande sucesso na época e representou o Brasil no Festival de Veneza de 1938. Em carta enviada por Humberto Mauro, de Nápoles, para Roquette-Pinto, com data de 4 de setembro de 1938, o missivista lamenta o fato de o filme não ter sido premiado, e comenta ainda sobre o apreço do público e a concorrência no Festival de Veneza:

[...] Não nos coube prêmio algum. Mas, isso nada importa porque como já disse ao Sr., os nossos filmes foram programados, exibidos e mº apreciados. A concorrência para 1 só prêmio era enorme. Além do mais, essa Exposição é uma engrenagem [grifo do autor] que só mesmo pessoalmente poderei explicar. Há muito consorcio e corre dinheiro [grifo do autor] a rodo. Só a Alemanha gastou para exhibir seus filmes 400:000 fr. em propaganda! [...] <sup>55</sup>

À frente do INCE até 1946, Roquette-Pinto acreditava que o cinema era um instrumento de educação com grande chance de atingir o público, segundo Sheila Schvarzman:

[Roquette-Pinto acreditava que o cinema] ensina independentemente da vontade de aprender, e pode chegar muito longe no espaço, porque sua linguagem simples e visual pode ser decodificada facilmente. Suas imagens são expressão de progresso, pois têm a capacidade de reproduzir fielmente o real, desencadeiam mais progresso pelo exemplo que veiculam. Por seu

---

<sup>55</sup> Carta pertencente ao Arquivo Roquette-Pinto na ABL, Série Cinema Educativo, Subsérie INCE.

caráter de espetáculo, é mais eficaz na transmissão de suas mensagens e, por isso, capaz de vencer as resistências da ignorância, do poder local e do atraso. (SCHVARZMAN, 2008:304).

Ainda sob a sua atuação neste campo, Roquette-Pinto regulou a censura cinematográfica no Brasil, centralizou serviços eram realizados em âmbito local, produziu e distribuiu nas escolas filmes sobre descobertas científicas, noções de higiene, física, química, entre outros conhecimentos e também história do Brasil. (LIMA, 2014)

Seu espírito inovador e criativo pode ser atestado através de seu arquivo onde encontramos diversas anotações, rabiscos e desenhos de máquinas que costumava inventar. Algumas vezes por passatempo, outras, com alguma utilidade para a população, como foi o caso do rádio e da televisão (e até da máquina de fazer pão).

Humberto de Campos, seu companheiro de ABL, quando em visita à Rádio Sociedade em 1933, avistou Roquette-Pinto, descrevendo com suas palavras: “A figura simpática e brasileira de Roquette acha-se por trás de uma infinidade de aparelhos de física, de fios de arames que sobem e descem, de radiadores que se defrontam, com os seus círculos e losangos misteriosos”. Campos confessou que ficou assustado com o que viu, mas em seguida Roquette-Pinto o explicou do que se tratava tal objeto:

É um aparelho de televisão. Há tempos venho fazendo experiências em silêncio, e já tenho conseguido muita coisa. Tenho transmitido em letras e sinais, e recebido também. Há poucas semanas transmiti um retrato de Euclides da Cunha; mas não saiu muito nítido. Dentro, porém, de poucos meses teremos coisas verdadeiramente sensacionais com um aparelho fabricado por um polaco, que eu encomendei dos Estados Unidos.<sup>56</sup>

Além da televisão, a máquina de fazer pão foi vivenciada por Alberto Venancio Filho. Em conversa informal com Venancio Filho nas dependências da ABL, ele contou-me que, durante a época da Segunda Guerra Mundial, quando houve fracionamento de pão, Roquette-Pinto fazia pães em sua máquina criada e distribuía-os aos amigos mais próximos. É possível encontrar no arquivo de Roquette-Pinto uma prova desta ação através do cartão enviado ao amigo Francisco Venancio Filho – pai de Alberto Venancio - juntamente com alguns pães.

“Nem só de pão vive o homem...” dos Livros Santos  
Mas sem pão a vida é um espeto... dos Livros Profanos

---

<sup>56</sup> CAMPOS, Humberto de. Diário Secreto. Edições O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1954. 2v. Pág. 396.

Para os meus filhos Dina e Venancio e para meus netos Fernando e Alberto.<sup>57</sup>  
Roq.<sup>58</sup>

Segundo Nísia Trindade Lima (2014), uma atividade de curta duração, mas que teve a sua importância para o país foi a sua atuação no Distrito Federal, durante a prefeitura de Pedro Ernesto, em 1934, onde organizou, a convite de Anísio Teixeira, a Seção de Museus e Radiodifusão da Secretaria de Educação e Cultura, criando a Rádio Escola Municipal, que em janeiro de 1946 recebeu o nome de Rádio Roquette-Pinto, como forma de homenageá-lo, mesmo contra a sua vontade, como atestam alguns documentos depositados em seu arquivo.<sup>59</sup>

Próximo ao final de sua vida, em 1950, Roquette-Pinto assumiu seu último cargo público ao voltar a colaborar com a prefeitura do Distrito Federal, durante a administração de João Carlos Vital, na condição de consultor do Departamento de Difusão Cultural e do Setor de Educação de Adultos.

Quanto à carreira política, Lima afirma:

Um aspecto pouco explorado de sua trajetória é a filiação ao Partido Socialista Brasileiro e sua candidatura derrotada à Câmara Federal em 1954, mesmo ano de sua morte. O PSB foi o único partido ao qual se filiou, numa trajetória vivida por um longo período durante o Estado Novo, sem vida partidária, e por quem vinha de uma geração na qual a ação política e os projetos de reforma social foram concebidos em larga medida a partir da atividade científica. (LIMA, 2014)

Para Rangel (2010) a atuação social de Roquette-Pinto e sua produção científica foram marcadas pela preocupação em construir uma teoria social voltada para pensar a cultura brasileira a partir das questões sociais relacionadas às noções de raça, etnia e cultura. Nesse sentido, Rangel concluiu que Roquette-Pinto procurou construir ao longo das cinco décadas que viveu durante o século XX, um projeto de reformas sociais que tinha como objetivo principal acabar com os problemas brasileiros vindo da tradição escravocrata, modernizando a sociedade e o estado.

O fato de se interessar e atuar em diversas áreas fez de Roquette-Pinto, ao longo de seus 70 anos de vida, uma personalidade importante da sociedade brasileira do século XX. Em 18 de outubro de 1954 Roquette-Pinto faleceu em sua residência, no Rio de Janeiro, fazendo aquilo

---

<sup>57</sup> “Filhos” e “netos” era a forma carinhosa em que Roquette-Pinto chamava-os devido à proximidade, independente da relação consanguínea.

<sup>58</sup> Cartão pertencente ao Arquivo Roquette-Pinto na ABL, Série Documentos Pessoais. [cerca de 1939 – 1945].

<sup>59</sup> Ver série Radiodifusão. Arquivo Roquette-Pinto, ABL.

que mais gostava, escrevendo sobre educação para a coluna *Notas e Opiniões* do *Jornal do Brasil*. Deixou três filhos: Paulo, Beatriz e Carmen Lúcia.

Após dois dias do falecimento de Roquette-Pinto, em 20 de outubro de 1954, Carlos Drummond de Andrade tentou definir o amigo através da seguinte passagem:

Muitas linhas se compuseram no desenho da figura de Roquette-Pinto mas o seu traço principal e individualizador está para ser identificado. Seria do mestre ou do feiticeiro? O que ele fez, comportava muita indagação própria dirigida pela disciplina intelectual. Era criação em várias províncias do conhecimento mas fazia menos pela ambição de criar do que pela de mostrar como se cria, e o que se pode tirar da imaginação aplicada. Era um professor de imaginação posta a serviço de utilidades e estudos diversos. (Correio da Manhã, 20/10/1954)

Na ata da sessão dos acadêmicos de 24 de setembro de 1964, dez anos após o seu falecimento, diversos membros recordaram momentos marcantes que vivenciaram com Roquette-Pinto, na véspera do dia em que completaria 80 anos de vida, lembrando os grandes feitos realizados por ele. Esse documento descreve a visão dos colegas de Academia sobre quem foi Roquette-Pinto, em uma das tradicionais efemérides da Casa.<sup>60</sup>

### **2.1.1 Roquette-Pinto, um homem de letras**

O ingresso de Roquette-Pinto na Academia Brasileira de Letras ocorreu em 1928, em sua terceira tentativa a uma vaga de imortal. Considerada uma prática comum entre os candidatos, muitas personalidades que almejam ingressar na Academia lançam a sua candidatura mais de uma vez, embora alguns desistam na primeira negativa. Outros, como Roquette-Pinto e maioria, tentam outras vezes até garantir seu lugar em uma das quarenta cadeiras.

Com prestígio popular adquirido devido à atuação como antropólogo, médico e professor, na década de 1920, em parte considerável pelo sucesso de sua obra *Rondonia: Anthropologia e Ethnographia*, de 1917, com diversas edições traduzidas para outros idiomas e esgotadas nas livrarias brasileiras, Roquette-Pinto parece despertar para a ideia de pertencer à Academia Brasileira de Letras.

Em 1924 Roquette-Pinto candidatou-se pela primeira vez a uma cadeira na ABL. Como

---

<sup>60</sup> Ver o documento no Anexo.

observou Venancio Filho (2006:79) em seu artigo sobre Roquette-Pinto, percebemos uma curiosa diferença no tom das cartas de inscrição de sua candidatura. Na primeira, ele é enfático e sentimental:

Rio, 31 de maio de 1924

Meu ilustre Mestre e Amigo Sr. Conde Affonso Celso.

Escrevo a V. Ex. para comunicar a minha próxima inscrição na lista dos candidatos ao lugar de Vicente de Carvalho, na Academia.

Desejo ardentemente esta cadeira, movido, antes de mais, por um profundo sentimento de gratidão à memória excelsa do Poeta que um dia ofereceu à minha humildade bondosa, altíssima e singular prova de estima intelectual, que V. Ex.<sup>a</sup> encontrará documentada na Revista do Brasil, vols. 8 e 9, de 1918, e na sua carta autografa que, por minha entrega, faz hoje parte do arquivo da Academia.

As honrosas provas de apreço que já devo à bondade de V. Ex. fazem-me acreditar que me perdoará a impertinência destas linhas.

Sejam quais forem os resultados da minha pretensão, pode o meu ilustre amigo ter a certeza de que hei de ser sempre o mesmo grato venerador dos altos dotes de V. Ex. Queira receber mais uma vez os protestos de minha particular e afetuosa estima.

Roquette-Pinto.

Sem sucesso na primeira candidatura, dois anos depois, em 16 de agosto de 1926, Roquette-Pinto inscreveu-se novamente, pleiteando a vaga do acadêmico Lauro Muller. Como podemos ver em sua carta depositada no Arquivo Lauro Muller da ABL, classificada na série documental “Sucessores”:<sup>61</sup>

Rio, 16 de Agosto de 1926

Exm<sup>o</sup>. Sr. Presidente da Academia Brasileira de Letras

Tenho a honra de comunicar a V. Ex.<sup>a</sup> que sou candidato à cadeira número 34, vaga pelo falecimento do Sr. Lauro Muller.

Nos termos dos estatutos da Academia remeto a V. Ex.<sup>a</sup> a lista dos meus trabalhos até agora publicados.

Queira V. Ex.<sup>a</sup> receber os protestos da minha alta estima e consideração.

Roquette-Pinto<sup>62</sup>

---

<sup>61</sup> O arquivo da instituição foi diluído no arquivo dos acadêmicos. Por isso, a correspondência dos sucessores está no arquivo do acadêmico para cuja cadeira o missivista está se candidatando. No arquivo de cada acadêmico falecido encontramos uma série documental denominada “Sucessores”, onde a ABL depositava, até meados de 1960, as cartas de candidatura enviadas pelos candidatos à vaga deixada pelo acadêmico falecido. Vale lembrar que a maioria dos arquivos da ABL são coleções documentais produzidos artificialmente pelos funcionários da ABL ou por doações, não havendo até então critério arquivístico de organização. Após a entrada de uma secretária executiva na ABL, a partir de 1960, as cartas de candidatura passaram a ser guardadas com ela, dentro da instituição mas fora dos arquivos de acadêmicos. Atualmente a equipe de arquivista da ABL tem discutido qual será o destino dado para essas cartas.

<sup>62</sup> Esta carta de candidatura e o anexo com a listagem das obras publicadas por Roquette-Pinto encontram-se no arquivo do acadêmico Lauro Muller sob a guarda do arquivo da ABL, localizada na pasta 29-4-27.

No mês seguinte, ciente de que não ganharia a eleição para substituir Lauro Muller na cadeira 34, Roquette-Pinto retira a sua candidatura em tom formal e protocolar.

Rio, 24 de Setembro de 1926

Exmº Sr. Coelho Neto  
D. D. Presidente da Academia Brasileira de Letras – Rio

Senhor Presidente

Não desejando concorrer com S. Ex. o Sr. Arcebispo de Cuiabá<sup>63</sup>, que segundo me comunicou resolveu apresentar sua candidatura à vaga de Lauro Muller, nessa Academia, rogo a V. Ex. o favor de mandar cancelar meu nome na lista dos candidatos àquela vaga.

Muito grato a V. Ex. peço queira receber os protestos de minha alta consideração e sincera estima.

Roquette-Pinto<sup>64</sup>

Em março de 1927 a carta de inscrição manteve o tom formal, protocolar e sucinto, mencionando apenas a candidatura, sem demonstrar sentimentalismo:

09/03/1927

[Frente] Senhor presidente da Academia de Letras

Comunico a V. Exa que sou candidato à cadeira vaga pelo falecimento de Ozorio Duque-Estrada. Queira V. Ex.<sup>a</sup> aceitar os protestos de minha elevada estima.

Roquette-Pinto.

[Verso] Declaro a V. Ex.<sup>a</sup> que a lista dos meus trabalhos já se acham na secretaria da Academia.

Roquette<sup>65</sup>

Em junho de 1927, reiterou sua candidatura ao presidente da ABL, com a seguinte carta:

Rio, 17 de junho de 1927

Senhor Presidente da Academia Brasileira de Letras

Comunico a V. Ex. que mantenho minha candidatura à cadeira vaga pelo falecimento de Ozorio Duque-Estrada.

Queira V. Ex. receber os protestos da minha elevada estima.

Roquette-Pinto<sup>66</sup>

---

<sup>63</sup> O Arcebispo de Cuiabá ao qual Roquette-Pinto se refere na carta é Dom Francisco de Aquino Correa, que foi eleito para a cadeira 34, no lugar de Lauro Muller, em 09/12/1926.

<sup>64</sup> Esta carta encontra-se no arquivo do acadêmico Lauro Muller sob a guarda do arquivo da ABL, localizada na pasta 29 – 4 – 27.

<sup>65</sup> Esta carta encontra-se no arquivo do acadêmico Osório Duque-Estrada sob guarda do arquivo da ABL, localizada na pasta 27 – 3 – 10.

<sup>66</sup> Esta carta encontra-se em forma de rascunho no arquivo do acadêmico Roquette-Pinto, sob guarda da ABL, na série documental Academia Brasileira de Letras, pasta 27 – 6 – 13.

Como podemos ver, Roquette-Pinto foi candidato pela primeira vez à vaga de Vicente de Carvalho em 1924, perdendo para Cláudio de Souza. Dois anos depois, por ocasião da vacância da cadeira ocupada por Lauro Muller, se candidata mas retira sua candidatura logo em seguida. Finalmente em 1927, por ocasião do falecimento do acadêmico Osório Duque-Estrada foi candidato único, elegendo-se por quase unanimidade no dia 20/10/1927. Chegou à Academia com trinta e três anos, como podemos ver na Ata de ABL desse mesmo dia:

20/10/1927

– Ordem do dia –

Em seguida, procede-se à eleição para a vaga de Osorio Duque-estrada (cadeira nº 17), à qual é candidato único o Sr. E. Roquette-Pinto.

Corrido o escrutínio, é este candidato eleito por 30 votos, assim distribuídos: presentes – 20 votos; ausentes, 10, um voto em branco.

Enviaram votos os Sres. Antônio Austregésilo, Luís Carlos, Amadeu Amaral, Luís Guimarães Filho, Xavier Marques, Ademar Tavares, Alfredo Pujol, Alcides Maya, Hélio Lobo e Magalhães de Azeredo (10).

Deixaram de votar os Srs. Oliveira Lima, Graça Aranha, Clovis Bevilacqua, Carlos de Laet, Luis Murat, Filinto de Almeida e Claudio de Souza (7).<sup>67</sup>

Afim de evitar qualquer estranhamento, visto que Roquette-Pinto era considerado um homem das ciências e não das letras – como era comum serem os membros da Casa – Aloísio de Castro, acadêmico que recebeu Roquette-Pinto em sua posse na instituição, comenta em seu discurso de boas-vindas, em 3 de março de 1928:

Com a vossa entrada cresceu em nosso grêmio o rol dos médicos, o que poderia trazer apreensões, porque em toda parte se diz que, seja o caso qual for, aos muitos médicos é difícil resistir. Mas de vós temos garantia de que não exercitais a medicina. Não é desnecessária a declaração, pois, segundo opiniões de muita conta, para os clínicos a porta é do outro lado<sup>68</sup>, e quanto a isso de letras fiquem-se só com as de Hipócrates. Não falte, entretanto, no caso certa tolerância, ao menos por amor da indumentária, já que neste círculo ilustre onde há murças, capelos, barretes, estrelas de generalato, opas professorais, toga, mitra e báculo, poderia estranhar-se faltasse a beca dos médicos.<sup>69</sup>

---

<sup>67</sup> Ata de 1927. Sessão do dia 20/10/1927. Páginas 292 e 293.

<sup>68</sup> Supomos que “a porta do outro lado” a qual o acadêmico Aloísio de Castro se refere é a Academia Nacional de Medicina, fundada em 1829.

<sup>69</sup> Discurso de recepção ao acadêmico Roquette-Pinto na ABL, feito pelo acadêmico Aloisio de Castro, em 03/03/1928. Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=8457&sid=113>



E complementa a seguir, com a afirmação de que um homem de ciências pode também ser um homem de letras, já que os assuntos relativos ao Brasil são vistos com simpatia pela Academia, e a obra *Rondonia* por si só, já consagraria Roquette-Pinto como escritor:

Sois douto, sendo moço. Assim pode ser quando cedo se começa, sem jamais abrir mão do estudo, e uma longa disciplina faz render o tempo pelo duplo. Mas o título de sábio que vos criastes não indica em vós, apenas, no sentido comum, a autoridade do homem de ciência, senão a do homem de cultura integral, que também na arte e nas boas letras foi haurir os fundamentos da personalidade. Sentando-vos em uma das suas cadeiras, a Academia laureou no artista o cientista. Porque não é de esquecer que um dos objetos fundamentais da vossa considerável obra científica, a etnografia brasileira, não poderia passar sem cuidado e interesse nesta Casa, onde a par dos estudos linguísticos e literários, os assuntos essencialmente brasílicos e tudo o que diz respeito à nossa nacionalidade são seguidos com vivo movimento de simpatia. [...] Pouco depois a etnografia indígena do Brasil começou a ser o assunto predileto dos vossos silenciosos e porfiados estudos, e logo em 1916 surgiu a público essa Rondônia monumental, só por si bastante a consagrar um escritor. Que é a Rondônia? Uma obra de ciência pura e um hino à natureza.

Para melhor compreender a motivação que levou Roquette-Pinto a candidatar-se três vezes a uma das quarenta cadeiras da Academia Brasileira de Letras, e procurar entender a lógica de acumulação do seu arquivo, entrevistei Claudio Roquette-Pinto Bojunga, neto mais novo de Edgard Roquette-Pinto.<sup>70</sup>

Claudio Bojunga acredita que o avô tenha encontrado na ABL a instituição na qual poderia ser médico, antropólogo, educador e escritor ao mesmo tempo, já que no quadro de imortais existiam personalidades de diversas áreas do conhecimento:

A trajetória dele embora tenha essa versatilidade de pular de uma coisa para outra, ela tem uma coerência interna muito grande. O que foi a luta antropológica dele? Foi plantar confiança, dizer que o Brasil, na tese dele, e o brasileiro precisava ser educado, saneado, alimentado e não substituído, ou seja, o brasileiro é bom, é viável, é um povo maravilhoso, e vocês que ficam na “poltrona” não estão sabendo de nada, porque eu vi o que eles fazem aqui dentro [do Brasil]. Estou sendo enfático, mas é um pouco isso. A partir daí, vamos fazer o que? Vamos melhorar. Se o negócio é educação e saúde, vamos fazer um rádio – a escola dos que não tem escola, ao invés de fazer escolas dos chiques lá na zona sul, vamos fazer um rádio para todo mundo -. Você primeiro diz: nós somos legais, bacanas; 2: nós vamos educar. Então, a batalha antropológica é seguida pela democratização do saber. O que pode juntar tudo numa instituição? É aqui [na ABL]. [Juntar] as coisas, porque é o lugar onde o cenáculo não é só de escritores, embora ele também fosse escritor. Eu acho que o melhor da escrita dele não está nas poesias que ele fazia, está na *Rondonia*, um livro extraordinariamente bem escrito, e um livro já no espírito

---

<sup>70</sup> Claudio Roquette-Pinto Bojunga é jornalista e professor do Departamento de Comunicação Social da PUC-RJ. Filho de Beatriz Roquette-Pinto Bojunga, Cláudio conviveu com o avô até os seus quinze anos de idade.

moderno, no sentido que os anos 1920 vai ganhando. Vovô escrevia muito bem. Eu acho essa concepção da Academia como o cenáculo do saber em suas várias facetas.<sup>71</sup>

Claudio Bojunga apenas supõe essa razão, já que nunca teve esse tipo de conversa com o avô. Podemos afirmar que, ao tentar justificar o desejo do avô de entrar na ABL, Bojunga reforça o seu caráter de homem público, destacando mais a sua dimensão política do que a científica. Para ele, o legado do avô está associado à militância a favor do Brasil e de seu povo, que acreditava ser “viável”, e cuja necessidade seria suprimida através da informação e da educação. Ainda segundo o neto, a ABL é uma instituição que valoriza o saber, e não necessariamente as letras, sendo assim capaz de juntar todas as facetas de seu avô.

O ideal de Roquette-Pinto com relação à Academia Brasileira de Letras, porém, continua desconhecido. É evidente que a ABL é uma instituição ímpar por congregar em seu quadro, nomes ilustres não só das letras, mas também das ciências e das artes. Ocupar uma das quarenta cadeiras sempre significou prestígio e notoriedade.

Retomando as palavras de Aloísio de Castro, no momento da posse do acadêmico Roquette-Pinto, a sensação é de que o próprio discurso forjava uma tradição para a cadeira 17:

Dando-lhe a sucessão a um espírito como o vosso [o de Osório Duque-Estrada, acadêmico que Roquette-Pinto substituíra], Sr. Roquette-Pinto, a Academia de algum modo guardou uma tradição, porque, há pouco o relembastes, na Cadeira de que é patrono Hipólito da Costa, o patriarca dos nossos educadores, vindes depois de Sílvio Romero e Osório Duque-Estrada, ambos professores; e é vossa a confissão de que, igualmente professor, outra coisa não tendes querido ser na vida.

Ao tomar posse na cadeira número 17, Roquette-Pinto reafirmaria a ideia de que esta era a cadeira dos professores, devido à singularidade do exercício profissional de todos os seus ocupantes (VENANCIO FILHO, 2006:80). Uma tradição inventada por Roquette-Pinto e consolidada por Aloísio de Castro.<sup>72</sup>

Em seu discurso de posse na ABL há que se destacar, que Roquette-Pinto se deteve na

---

<sup>71</sup> Entrevista com Claudio Roquette-Pinto Bojunga realizada na Academia Brasileira de Letras no dia 08/12/2014.

<sup>72</sup> O fato da cadeira 17 ter sido batizada de “cadeira dos professores” foi uma tradição inventada por Roquette-Pinto e consolidada por Aloísio de Castro. Os sucessores de Roquette-Pinto nesta cadeira foram Álvaro Lins, Antônio Houaiss e Affonso Arinos de Mello Franco, todos, assim como os antecessores, foram professores em algum momento de sua vida, mas isso não significa que para se candidatar para esta cadeira fosse imprescindível ter seguido a carreira no magistério.

contribuição de Osório Duque-Estrada e Hipólito da Costa, que o antecederam na cadeira que ocupou:

Esta é a Cadeira dos professores; foi professor Hipólito da Costa, e disso viveu a maior parte do tempo; também o foi, e dos maiores, Sílvio Romero; Osório Duque-Estrada não fugiu a tal destino. O vosso novo companheiro não tem podido, nem querido, ser outra coisa.

[...]

Encontro nesta Cadeira particular atração. Recordo-me bem da vida de Hipólito da Costa, que nasceu e morreu fora da terra do Brasil, mas sempre viveu por ela. “Patriarca dos Jornalistas”, chamam-lhe alguns. Para mim foi antes o “Patriarca dos Educadores” desta nação. Muito mais do que com a informação ou com a crítica, traços essenciais do jornalismo, encheu ele a existência lutando para guiar os patrícios tanto na ordem moral quanto na ordem prática.

Finalizando seu discurso, Roquette-Pinto mencionou as suas duas tentativas frustradas de ingresso à Academia, e justificou essa frustração à sua timidez, mas aproveitou o momento de sua posse acadêmica para agradecer aos seus novos companheiros de imortalidade:

Bati mais de uma vez à vossa porta, mas fui sempre tão tímido, pela consciência da minha fraqueza, que mal se ouviu neste palácio a voz do recém-vindo. Algum de vós, é bem possível, tenha dito, como o poeta, ao escutar os primeiros sinais do postulante: “É o vento e nada mais.”

Finalmente, veio a rajada da vossa generosidade, honrando-me de modo tão singular. Quero dizer-vos agora, em voz alta, Senhores meus colegas, as palavras que o meu coração a todo momento me segreda. Ele tomou a seu cargo fazer que nunca mais esqueça o que vos devo. É um tirano que me leva sempre para onde quer, com a segurança de quem governa, senhor de todos os segredos do governado. Ah! Bem o conheço, esse teimoso! Acreditei-me. Há de passar o resto da vida repetindo, cada dia, tudo quanto for preciso para que seja perfeita a minha gratidão.<sup>73</sup>

O acadêmico Alberto Venancio Filho, em seu artigo intitulado “50 Anos sem Roquette-Pinto”, publicado em 2006 pela *Revista Brasileira da Academia Brasileira de Letras*, comenta a questão de Roquette-Pinto ser ou não um homem de letras.

Venancio Filho destaca que os livros de Roquette-Pinto são em número reduzido. Além de *Rondônia*, publicou *Seixos Rolados* (1927), *Ensaio de Antropologia Brasileira* (1933) e *Ensaio Brasileiro* (1951), mas também produziu muitas monografias, artigos e comunicações

---

<sup>73</sup> Discurso de posse de Edgard Roquette-Pinto na Academia Brasileira de Letras, pronunciado em 03/03/1928. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=8456&sid=198>

em seminários e conferências. Escreveu também um livro de contos intitulado *Samambaia* (1934) e redigiu algumas poesias publicadas postumamente. As versões originais dessas publicações, seus rascunhos e coletas de informações podem ser encontradas em seu arquivo pessoal na ABL. Há inclusive um bom número de poesias guardadas pelo titular, talvez mais como registro de uma atividade pessoal do que com a intenção de vê-las publicadas, já que não gostava muito de suas poesias. Certa vez, indagado, Roquette disse:

Escrever? Sempre foi para mim um sacrifício. Parece ilógica essa minha afirmação, do escritor não gostar de escrever, mas o que eu não sou é um escritor. Sou um pesquisador. Amo o movimento, como já lhe disse. Prefiro acompanhar a natureza em todas as suas evoluções, e interpretar cada fase com a voz ou com as mãos. É um método que adoto em todas as minhas preleções, um método que já fez e continuará dando os melhores resultados. (...) Escrevo quando é necessário. Estudo devagar e tenho sempre um plano de desenvolvimento acerca de cada um. Mas, antes de tudo, estudo a questão com amor, em todas as suas fases, e em todas as suas manifestações” (ROQUETTE-PINTO *apud* VENANCIO FILHO, 2006:72).

Ainda em seu texto, Venancio Filho comenta um episódio ocorrido entre Roquette-Pinto e Gastão Cruls. Referia-se Roquette-Pinto à Cruls: “Eu não sou escritor, você é que deveria entrar na Academia”.

Venancio Filho (2006:74) comenta ainda que Roquette-Pinto, desde a juventude, escreveu poesias, mas as guardava. Certa vez Manuel Bandeira teve acesso a elas, e chegou a organizar um volume que não veio a público. Após sua morte, algumas destas foram publicadas, o que, na opinião de Venancio Filho, permitiu constatar que o poeta não desmerecia o escritor e o antropólogo.<sup>74</sup>

Apesar de não se proclamar um homem de letras, supomos que era assim que Roquette-Pinto gostaria de ser conhecido, e que era assim que alguns intelectuais o viam. O acadêmico Josué Montello ressaltou a qualidade literária de *Rondonia* ao dizer: “A precisão do reparo de ordem científica harmoniza-se nesse livro com os textos em que o homem de letras ocupou o espaço do antropólogo ou do naturalista, sem que dissociem um e outro, na unidade do contexto.” (MONTELLO *apud* VENANCIO FILHO, 2006:72)

Na opinião de Venancio Filho (2006:73), Roquette-Pinto entraria no “Reino das Letras” graças à forma de expressão, ao estilo literário, ao ritmo de seu mundo interior, exteriorizado para ordenar sistematicamente a temática do cientista e as ideias positivistas do pensador. Citando o exemplo da obra *Rondonia*, Venancio afirma que com este mesmo aparato científico,

---

<sup>74</sup> No arquivo pessoal de Roquette-Pinto na ABL, é possível encontrar diversas poesias de sua autoria.

se fora mal escrita ou construída aleijadamente, não seria literatura, seria ciência e apenas ciência. Pois é pelo estilo que um autor e uma obra se instalam na literatura.

Certa vez, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, por ocasião de homenagem que lhe prestava, Rodrigo Octavio ocupou-se do poeta Roquette-Pinto e leu algumas de suas poesias. Em todas elas estaria presente o selo do homem amoroso e sensível. Roquette, que ouviu surpreso a leitura, abraçou-o e disse – “Você está enganado, eu não sou poeta” – E mais baixo, só para Rodrigo: – “Mas gosto que me chamem poeta...” (ROQUETTE-PINTO *apud* VENANCIO FILHO, 2006:74).

Entender a adequação de Roquette-Pinto à Academia Brasileira de Letras, a imagem que construiu para si e seu ideal de permanência no tempo servem para ajudar e refletir sobre a escolha da ABL para a guarda de seu arquivo. Tendo em mente que o autor projetava seu arquivo como uma importante fonte de pesquisas científicas no Brasil, e que apesar de não se considerar um homem de letras, era assim que gostaria de também ser lembrado, o próximo passo será compreender a decisão dos herdeiros de doar o arquivo Edgard Roquette-Pinto para a instituição.

## 2.2 A institucionalização do Arquivo Roquette-Pinto

“Escrevo para documentar e divulgar,  
Escrevo para arquivar e servir.”<sup>75</sup>

Na frase citada por Edgard Roquette-Pinto em uma passagem da sua obra *Rondonia: Athropologia e Ethnografia*, publicada no ano de 1917, percebe-se a intenção não apenas de documentar e produzir registros de suas experiências, mas de guardá-los e arquivá-los para futuramente servirem a outros pesquisadores.

Consoante o propósito do Arquivo da Academia Brasileira de Letras de preservar e divulgar as obras de seus membros, a ABL não apenas recebeu o arquivo como investiu em um projeto para sua organização. Iniciado em abril de 2011, o projeto teve o intuito de garantir a preservação e ampliar a pesquisa neste fundo documental, mas também esteve vinculado a uma efeméride como veremos no próximo capítulo.

Vale lembrar que o Arquivo Roquette-Pinto é um dos 281 fundos que integram o Arquivo dos Acadêmicos da Academia Brasileira de Letras. Trata-se, porém, de um fundo que

---

<sup>75</sup> Roquette-Pinto, Edgard. *Rondonia – Anthropologia e Ethnographia*, 2005:63.

se destaca no acervo, tanto pelo volume de consultas – é o segundo mais pesquisado, depois apenas do Arquivo Machado de Assis – como pelo fato de ter sido, como o Arquivo Machado de Assis – nominado *Memória do Mundo* da UNESCO.<sup>76</sup>

É importante notar que um arquivo pessoal, ao ser incorporado ao acervo de uma instituição, passa do âmbito privado ao público, no qual será objeto de outras intervenções, operadas a partir da lógica do arquivista. Essa intervenção pode acarretar uma série de problemas, mas também trazer algumas soluções, pois diversas vezes o que era considerado um amontoado de papéis velhos que ocupavam muito espaço em um ambiente doméstico se transforma em relevantes fontes de pesquisa para diversas áreas do conhecimento.

Analisaremos a lógica de acumulação documental dos produtores, e o caminho percorrido por esse arquivo pessoal desde a sua doação, em 1965, até o momento da sua organização física e intelectual nos dias atuais. Discutiremos, ainda, quais os agentes externos que interferiram nesse processo, tal como a família do titular, os pesquisadores e os arquivistas envolvidos, e quais as consequências dessas interferências.

### **2.2.1 A doação do arquivo e a primeira pesquisa 30 anos depois:**

O primeiro registro encontrado nos documentos oficiais da Academia Brasileira de Letras sobre o Arquivo Roquette-Pinto está na ata da sessão de 28 de setembro de 1961, em que a filha do titular, Sra. Beatriz Roquette-Pinto Bojunga, comunica à presidência da instituição sua intenção de oferecer os arquivos de seu pai à entidade:

6) ARQUIVOS DE ROQUETTE-PINTO – A Sra. Beatriz Bojunga, filha do nosso saudoso confrade Roquette-Pinto, comunicou o Presidente da Academia a sua intenção de oferecer à nossa entidade os arquivos daquele ilustre confrade.<sup>77</sup>

Depois de algum tempo sem mencionar o andamento da doação, na sessão de 14 de novembro de 1962, novamente o assunto é citado:

5) DOAÇÃO DA FAMÍLIA ROQUETTE-PINTO – Atendendo a um pedido do Presidente da Academia Brasileira de Letras, a família do nosso saudoso confrade Roquette-Pinto decidiu oferecer aos nossos arquivos a

---

<sup>76</sup> O Arquivo Roquette-Pinto foi nominado pelo Programa Memória do Mundo da UNESCO em 02/12/2011. A nomeação do arquivo Roquette-Pinto é também uma forma de legitimar a ABL como um lugar de memória, como guardião do patrimônio documental da nação, dimensão discutida no capítulo anterior.

<sup>77</sup> Ata da sessão da Academia Brasileira de Letras, ano de 1961.

correspondência, manuscritos e originais do seu chefe. A entrega será feita pessoalmente pelos filhos daquele confrade, o Sr. Paulo Roquette Pinto e D. Beatriz Bojunga.<sup>78</sup>

Apesar de mencionado que a entrega seria realizada pessoalmente pelos herdeiros em sessão do ano de 1962, durante três anos não se tocou mais nesse assunto. Passado esse período de silêncio, em 18 de novembro de 1965 finalmente foi anunciada a doação, com data, local e horário estabelecidos:

ENTREGA DOS ARQUIVOS DE ROQUETTE-PINTO – Na próxima terça-feira, às 16 horas, a senhora Beatriz Bojunga entregará a Academia Brasileira Letras os arquivos de seu pai, o nosso confrade Roquette-Pinto.

Em 25 de novembro do mesmo ano é registrada em ata esta doação:

ENTREGUE À ACADEMIA OS ARQUIVOS DE ROQUETTE-PINTO – Academia recebeu numa pequena solenidade terça-feira passada [23/11/1965], os Arquivos do saudoso confrade Roquette-Pinto, oferecidos pela sua família.<sup>79</sup>

Finalmente doado para a Academia, este fundo permaneceu fechado tanto para consulta quanto para tratamento técnico por mais de 30 anos, até o ano de 1997.

Procurando compreender a demora e o silêncio ocorrido desde a primeira menção de doação em 1961 até a doação, de fato, em 1965, entrevistei o acadêmico e amigo da família, Alberto Venancio Filho, e o próprio neto de Roquette-Pinto, Claudio Roquette-Pinto Bojunga. Venancio Filho supõe que o fator principal dessa demora tenha sido o luto vivenciado pela família:

Isso acontece [a demora]. A pessoa morre, tem o luto, tem os problemas de inventário, as lembranças... E depois, passado esse luto, veio a ideia formidável da família em querer doar [o arquivo] para a Academia.<sup>80</sup>

Claudio Roquette-Pinto Bojunga também compartilha do mesmo pensamento de Venancio. Para o neto, o luto vivido por sua mãe, Beatriz Bojunga, protelou a doação do arquivo

---

<sup>78</sup> Ata da sessão da Academia Brasileira de Letras, ano de 1962.

<sup>79</sup> Ata da sessão da Academia Brasileira de Letras, ano de 1965.

<sup>80</sup> Entrevista realizada em 18/11/2014 no Arquivo da ABL.

de seu avô para a Academia como uma forma de manter a presença do pai ainda próximo, através dos seus documentos:

Eu acho que talvez ela [Beatriz] era tão apegada ao pai, que isso pode de alguma maneira ter sido transferido, dela guardar isso até onde ela podia e dizer “não, é um absurdo”. Talvez ela precisasse daquele tempo para poder se separar do pai, das coisas do pai. O luto, exatamente. Foi muito doloroso para ela. O apego era maior do que o bom senso de ter que dar aquilo, porque vocês têm condições que ela não tinha em casa, sobretudo no Rio, uma cidade úmida e tal.<sup>81</sup>

Diante dos dois depoimentos, é plausível supor que o luto vivenciado pela filha de Roquette-Pinto tenha, de alguma forma, acarretado este silêncio de quatro anos até a entrega da documentação. Mas no que se refere à demora de quase trinta anos para a abertura deste fundo documental à pesquisa externa, as explicações não foram coincidentes.

Para Venancio Filho, a restrição da abertura dos documentos pode ter acontecido como uma forma de preservação de personagens citadas naquela documentação ainda vivas: “A pessoa acha que deve guardar os documentos que afetam às pessoas vivas. [...] É muito comum o herdeiro doar o arquivo e querer um prazo para a abertura. ”

No entanto, para o neto, a demora aconteceu em decorrência de alguma decisão da instituição, e não da família, pois acreditava que, a partir do momento em que sua mãe doou a documentação de seu avô para a ABL, ela desejava que esta estivesse disponível:

Isso parte da Academia. Eu duvido que ela tenha pedido para não abrir [o arquivo], tenho certeza que não. Até 1965 eu atribuo ao luto, essas coisas todas. Mas de 1965 para frente “a bola” estava com a Academia. Ela, [Beatriz] ao contrário, queria que arrumassem o arquivo, tenho certeza absoluta disso. [...] Tenho certeza que no momento em que ela conseguiu passar isso, ela torceria para que fosse organizado, ao contrário, ela não seria egoísta. Eu diria que foi um luto longo, mas que de forma nenhuma ela teve apego pós *mortem*.

Além da demora para a doação e posteriormente para a abertura do arquivo à consulta, outro assunto foi pauta para reflexão durante esse trabalho. Por que o Arquivo Roquette-Pinto foi doado para a Academia Brasileira de Letras – uma instituição literária – ao invés de outras instituições de cunho científico como o Museu Nacional (MN), o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) ou a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)?

Após a pesquisa para entender Roquette-Pinto como um homem de letras, discutida no

---

<sup>81</sup> Entrevista realizada em 08/12/2014 no Arquivo da ABL.



tópico anterior, as respostas das entrevistas realizadas ajudam a supor os motivos que levaram a decisão. O Acadêmico Alberto Venancio Filho supõe que:

A Fiocruz hoje tem a Casa de Oswaldo Cruz [COC], mas naquela época [1965] não tinha estrutura<sup>82</sup>. O Museu Nacional também não tem estrutura para receber arquivos. E a Academia já tinha uma tradição desde o [Acadêmico] Múcio Leão em receber os arquivos.

Para Claudio Bojunga, a Academia Brasileira de Letras é o lugar ideal, pois representa toda a universalidade da trajetória de seu avô, ao contrário de outras instituições que poderiam priorizar uma função em detrimento de outra. Para ele, a ABL é uma instituição que se diferencia das outras por aceitar como membros homens de letras, médicos, cientistas, políticos, etc.:

Eu tenho certeza de que no caso do Museu [Nacional] ele seria o diretor do Museu. Aqui [na ABL] ele seria o sábio e o cientista. Como se fosse a consagração mais da sua universalidade. Ele não seria só o antropólogo, ele seria o homem que inaugurou o rádio no Brasil, ele seria o homem que trouxe o Cinema Educativo, ele seria o professor, porque ele dizia isso, né? Ele seria o escritor. E ele seria também o antropólogo, quer dizer, a universalidade dele como um homem de saber, e ao mesmo tempo essa combinação é rara no Brasil, isso eu posso dizer, eu tenho certeza disso, porque isso eu vi e testemunhei, ele combinava... Uma das coisas dos grandes prestígios dele, além do prestígio intelectual e esse lado *goethiano* universal, era o fato do desprendimento pessoal, ele não tinha ambições nenhuma. Tanto é que quando Getúlio [Vargas], não sei se foi na hora do Estado Novo, se foi em 30, não me lembro... Mamãe me contava essa história... ele [Roquette] disse “Presidente, meu cargo está a sua disposição”, e ele disse [Getúlio respondeu] “Não fizemos Revolução contra homens como o senhor”, quer dizer, o Getúlio podia ser um autoritário e tal, mas era um estadista, ele sabia muito bem com quem ele estava lidando. Essa coisa também é importante, e isso, eu acho, que quando ele entrou para a Academia, ele encontrou também um círculo amplo de pessoas que não eram, aliás ele defendeu essa tese em caso próprio um pouco, ele dizia “não, a Academia não é só para escritores” como é a [Academia] francesa, Levi Strauss entrou na Academia [francesa], vários cientistas entraram na Academia, talvez o mais discutível é o Getúlio entrar. Então eu acho que é isso, a Academia talvez simbolizasse a universalidade da trajetória.

Lacrado até 1997, ano em que houve a revitalização do Arquivo da ABL durante a presidência da Acadêmica Nélida Piñon na instituição – discutida no capítulo anterior –, a filha de Roquette-Pinto, Beatriz Bojunga, autorizou a abertura do arquivo para a pesquisadora Sheila

---

<sup>82</sup> A Casa de Oswaldo Cruz foi criada em 1986, 21 anos após a doação do Arquivo Roquette-Pinto para a ABL.

Schvarzman<sup>83</sup>. Mesmo sem nenhuma organização física dos documentos, que haviam sido apenas higienizados, Schvarzman pesquisou neste arquivo em 1998. Em entrevista a mim concedida, a pesquisadora relatou como ficou sabendo que o Arquivo Roquette-Pinto encontrava-se sob a guarda da ABL e fechado para a pesquisa.

Eu frequentava a casa de D. Beatriz [filha de Roquette-Pinto] e ela sempre queria ir à Academia me mostrar [o arquivo], mas na verdade, não conseguia. Creio que era muito difícil para ela pessoalmente. E vejo isso pelo próprio conteúdo do arquivo que me pareceu bastante "limpo" dos aspectos pessoais e particulares de Roquette-Pinto. Me lembro de ter lido apenas uma carta de uma talvez namorada alemã ou algo assim, e mais nada de significativas correspondências que manteve.

Intrigada com o contato que a pesquisadora teve com a filha de Roquette-Pinto, perguntei como isto foi possível, como se deu a autorização de abertura do arquivo, e se encontrou alguma dificuldade:

Na verdade, não me lembro ao certo. Creio que foi com o Cláudio [Bojunga, neto de Roquette-Pinto] ou a [sua] filha (esqueci o nome) que conheci em minhas visitas à casa de D. Beatriz. Não tive dificuldade. Felizmente. Creio que deram um telefonema aos responsáveis. Por meses eu tinha a promessa de ir com D. Beatriz ao arquivo, e quando chegava ao Rio ela me dizia estar doente, ou algo assim e nunca fizemos juntas essa visita que teria sido realmente interessante. Ela me dizia algo como "Vamos abrir o arquivo de papai". Era como se o arquivo até então fechado desde a doação dos materiais – que não sei quando foi feita – precisasse passar por essa 'abertura' solene.

Indagada sobre as impressões adquiridas ao entrar em contato com este acervo, Shvarzman afirmou:

Ele ainda estava bem desorganizado, no sentido de não ter uma organização temática ou algo assim. Inclusive haviam desde muitas caixas de fósforos com endereços de restaurantes, hotéis, até cardápios de festas, muitas bulas de remédios por conta da doença de Roquette. E o que eu ouvi na época, que me deixou bem preocupada é que na triagem, materiais como os fósforos, etc., seriam descartados, entregues a outras instituições, coisa que temi, pois Roquette-Pinto ao preservar tudo isso, deixou muito bem documentada a sua vida, a vida da cidade, os hábitos. Me lembro dos cardápios das recepções. Era fantástico. Retratos de época. E também, me parece, ele foi um tipo de pessoa que montou o seu arquivo. Ele tinha plena consciência de quem era, de que papel exercia na sociedade e de que legado e imagem queria deixar para a posteridade. O que estranhei mesmo foi a total ausência de material da vida privada certamente triado por D. Beatriz por conta da mãe, etc. Embora, a própria mãe tenha se casado novamente. Ou por conta de sua irmã Carmen

---

<sup>83</sup> Para referência sobre Sheila Schvarzman, citada na introdução deste trabalho: ver nota número 5.

Lúcia, fruto de um relacionamento de Roquette que, creio, ela nunca aceitou pois nunca, jamais se referiu a isso.<sup>84</sup>

Quanto às condições físicas de armazenamento:

Estava numa sala super gelada. Disso me lembro perfeitamente bem. E o estado era bom, dentro do que se podia esperar de documentos que tinham a idade que tinham. Mas não estavam ainda dentro de envelopes plásticos. Creio que estavam ainda em pastas de arquivo morto, mas já de alguma forma, num início de arrumação.<sup>85</sup>

A forma de abertura do arquivo Roquette-Pinto mostra como a institucionalização de acervos são relativas. No caso aqui estudado e pelos depoimentos acima, percebemos como a dimensão das relações pessoais age nas instituições.

Percebemos na fala de Schvarzman que o acesso à documentação de Roquette aconteceu “de fora para dentro”, ou seja, foi uma iniciativa de uma pessoa de fora da instituição, e da família, que solicitou a abertura desta documentação para consulta-lo. Um caminho percorrido inversamente já que, geralmente, a abertura de um arquivo é dada por iniciativa da própria instituição e da família.

Outro ponto que merece ser mencionado, com base no depoimento de Schvarzman, são as impressões que a pesquisadora obteve acerca de possíveis expurgos nesta documentação. Sobre esse tema, podemos nos debruçar em Heymann (1997:44), quando a autora diz ser um equívoco pensar o arquivo como a “memória” em estado bruto de seu titular, já que os documentos estão sujeitos a diversos processos de seleção e reordenamento.

A constituição de um arquivo é um processo dinâmico, que inclui reavaliações sobre o material acumulado, a identificação de documentos “comprometedores” e a tentativa de monumentalizar a memória do titular, sendo assim, é provável que o arquivo Roquette-Pinto tenha passado por certa análise, triagem e expurgos ao longo da vida do titular e no momento de doação da documentação.

Quanto ao descarte e/ou doação de documentos para outras instituições, por parte da ABL, isso não aconteceu. No momento em que iniciou a organização desse arquivo ficou decidido, pelos arquivistas envolvidos, que todos os documentos se manteriam no acervo.

Composto por um conjunto documental de diversos formatos, suportes e materiais, sobre as variadas fases de vida do titular, totalizando 6 metros lineares, o que corresponde a,

---

<sup>84</sup> Carmen Lúcia é a filha caçula que Roquette-Pinto teve fora do casamento.

<sup>85</sup> Lembrando que os documentos do Arquivo Roquette-Pinto haviam sido higienizados no ano anterior à pesquisa de Shvarzman, em 1997.

aproximadamente, 150 pastas suspensas, tornou-se necessário o seu tratamento técnico, sobretudo porque o acervo havia sido aberto à consulta antes de qualquer tratamento arquivístico.<sup>86</sup>

Um acervo diversificado que reflete a mente multifacetada de seu titular. Ao tratarmos seu arquivo, nos deparamos com uma viagem ao início do século XX, podendo resumi-lo como caótico, mas ao mesmo tempo sedutor. Revela-nos um arquivo generoso também no volume da documentação, em que reúne guardados pessoais, profissionais e intelectuais, como seus diversos cadernos de bordo, materiais colhidos em viagens, mapas, planos de aula, anotações avulsas, fragmentos do seu cotidiano, documentos administrativos, cartas de seus filhos e seu avô, matérias de jornais, cartões postais, certidões, folhetos, fotografias, fichas antropométricas, correspondências com amigos, tais como Cândido Mariano Rondon, Afonso de Taunay, Henrique Morize, Miguel Ozório de Almeida, Érico Veríssimo, Mário de Andrade, Monteiro Lobato e Ivan Lins; além de documentos relativos a temas como: Cinema Educativo, à Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Academia Brasileira de Letras e etc. Documentos esses, escritos nas mais diversas línguas: inglês, espanhol, francês, alemão, italiano e finlandês.

Além da documentação, fruto de suas investigações científicas, há também algumas curiosidades: uma coleção de notas fiscais e encartes publicitários de produtos como carros e aparelhos domésticos, notas fiscais, bulas de remédios, palitos de fósforos e etc., tal como citado por Schvarzman.

Ao ser questionada se o fato do arquivo se encontrar desorganizado atrapalhou a sua pesquisa, Schvarzman comentou:

Não me lembro ao certo. Eu não me importo muito com isso. Ao contrário, pois é a chance que se tem de entrar em contato com materiais distintos daqueles que se procura. Me lembro dos maravilhosos diários de campo de Rondônia e outros. Se estivesse organizado, talvez não passasse por isso. É verdade que eu era doutoranda e bolsista e tinha tempo. Além disso, toda a cultura de Roquette me interessava uma vez que ela era uma espécie de bússola dos filmes que ele vai sugerir, de suas amizades, assim que a diversidade era para mim um regalo. Hoje certamente a relação com os materiais é outra. E a relação com o tempo também.

Questionada se a pesquisa no Arquivo Roquette-Pinto atendeu às expectativas e se conseguiu desenvolver seu trabalho no material pesquisado, Schvarzman respondeu:

---

<sup>86</sup> A ABL, até o ano de 2011, dava acesso aos arquivos de acadêmicos, mesmo que não estivessem organizados.

Não me lembro ao certo. Creio que encontrei coisas que foram bem importantes e que deram consistência a outras já levantadas e coisas inéditas. Mas do meu ponto de vista estrito do INCE<sup>87</sup>, eram poucos os materiais institucionais. Digamos que o arquivo, se me lembro bem, recorta melhor o antropólogo, as palestras que fez n´*A Hora do Brasil* do que realmente o gestor do INCE que eu buscava nos materiais. Veja, os arquivos da Instituição INCE não existiam. Sumiram, dizem que foram vendidos como papel velho por favelados, incendiados e etc. Assim, buscava as correspondências, contratos, o dia a dia, o preço de filmes, etc. Não encontrei nada disso. Nem mesmo cópias como as que existem no arquivo Capanema do CPDOC que foi de grande ajuda. Mas digamos que nunca chegando onde esperava exatamente. Claro, é isso mesmo. Me lembro da correspondência sobre o filme *O Descobrimento do Brasil*<sup>88</sup>. Essa foi sensacional.

Em uma carta encaminhada à Sra. Maria Eugenia Stein, Coordenadora Executiva do Centro de Memória da Academia Brasileira de Letras, no ano de 1998, a primeira pesquisadora do Arquivo Roquette-Pinto na ABL, Sheila Schvarzman, agradece, comenta e sugere ao arquivo por ela pesquisado:

É com enorme satisfação que me dirijo à senhora no sentido de agradecer a acolhida que tive no Centro de Memória desta instituição. Durante mais de 10 dias, tive o privilégio de pesquisar o arquivo, até então inédito ao público, do professor Edgar Roquette-Pinto. Em boa hora, D. Beatriz Bojunga, sua filha, tornou possível o acesso a este material de gigantesca importância para o patrimônio da cultura brasileira. Há mais de quatro anos estou envolvida em um trabalho de doutoramento sobre “Humberto Mauro, Roquette-Pinto e o Instituto Nacional de Cinema Educativo” que estou desenvolvendo no Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do professor Edgar Salvadori De Decca. Paralelamente à esta atividade, desde 1982 sou historiadora do CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo, entidade ligada à Secretaria do Estado da Cultura e realizo também trabalhos de pesquisa histórica e redação de textos para empresas e editoras.

Como a primeira pesquisadora que percorreu, ainda que, infelizmente, de forma bastante rápida as 32 caixas de materiais de toda a ordem, gostaria de dizer que se encontra neste arquivo não só a correspondência trocada entre o professor Roquette-Pinto e toda a intelectualidade significativa deste país desde os anos 10 até os anos 50 – do campo científico, histórico, antropológico, artístico e pedagógico: do Prof. Morize, ao Prof. Cruls; ao professor Franz Boas, Gilberto Freyre, Affonso E. de Taunay, Mário de Andrade, Villa-Lobos, Carlos Drummond, Rodrigo de Mello Franco, Afrânio Peixoto, Ribeiro Couto, Venancio Filho, Fernando Azevedo e muitos outros.

Mas há também, sua correspondência com figuras da política nacional como o Ministro Gustavo Capanema, e outros de importância similar. Há tesouros como os telegramas e cartas trocadas com o General Rondon, no período de sua viagem ao que iria se constituir na “Rondonia”, local de sua expedição com Rondon em 1912. Desta viagem central em sua biografia,

---

<sup>87</sup> INCE é o Instituto Nacional de Cinema Educativo, do qual Roquette-Pinto foi um dos fundadores.

<sup>88</sup> *O Descobrimento do Brasil* é um filme produzido pelo INCE em 1937 e dirigida pelo cineasta Humberto Mauro.

encontramos cadernos de campo, os dicionários das línguas indígenas que vai constituindo, as anotações, os originais de seus inúmeros escritos, assim como as fotos e desenhos que foi recolhendo. Documentos sobre os índios, documentos sobre o olhar do estudioso.

Mas há mais. Há a correspondência trocada entre D. Pedro II e o Conde de Gobineau, tema de um artigo do professor Roquette, assim como todos o histórico da constituição da sua rádio e de suas outras experiências com rádio, cinema educativo, com o telegrafo, e a televisão. Assim, independente de todo o valor intrínseco destas inúmeras cartas, telegramas, cartões, há uma história das comunicações nacionais que vai se tecendo, se não realmente a história completa, já que suas tentativas de televisão parecem ter sido prematuras para o próprio desenvolvimento do país, há a enorme utopia de ligar o Brasil de todas as formas, as formas as mais modernas, aliadas sempre ao ideal desprendido da educação e da cultura.

Se há uma grande história que pode ser recortada nos inúmeros documentos aí guardados, há também os costumes, a mentalidade, as práticas que se podem ver expressas na troca de cartões, nos cartões postais, nos cartões de pêsames, na caderneta do empório, nos tickets de gasogênio, nas etiquetas, enfim, toda uma série de pequenos papéis e objetos que foram cuidadosamente guardados por alguém que tinha a exata medida de, com este gesto, manter para os pósteros, fragmentos os mais significativos não apenas de sua história pessoal, mas, sobretudo da própria história e cultura do país.

Como o arquivo está ainda desorganizado, e diante das inúmeras atividades e relações que o professor Roquette-Pinto ia desenvolvendo simultaneamente, nos mais diversos campos de atividade, gostaria, se possível, de sugerir na futura organização que será levada a cabo, que o material seja classificado pela ordem cronológica, de forma a que se possa perceber a riqueza dos inúmeros envolvimento, a amplitude de seu projeto nacional e das relações que as diferentes atividades vão tecendo entre elas. Para ajudar o pesquisador, um índice por assuntos e por nomes, poderá indicar nas pesquisas específicas, onde encontrar diferentes materiais, permitindo diferentes cruzamentos. De toda forma, gostaria de me colocar ao seu inteiro dispor para o que se fizer necessário. Gostaria de dizer também que fui muito bem atendida pelo Paulino e sua equipe. Em suma, gostaria de reiterar meus agradecimentos, a acolhida e enfatizar a riqueza do tesouro que Roquette-Pinto e sua família legaram à Academia Brasileira de Letras.

Sem mais, e colocando-me à sua inteira disposição, subscrevo-me.  
Sheila Schvarzman<sup>89</sup>

A partir da leitura desta carta é importante destacar alguns pontos. O primeiro é para deixar claro ao leitor que ela foi escrita por Sheila Schvarzman sem o conhecimento da família de Roquette-Pinto, sendo, portanto, uma iniciativa da própria pesquisadora.

Outro ponto importante foi a solução de um dos questionamentos que tivemos no início desse capítulo sobre a abertura do arquivo. Na fala de Schvarzman percebemos que quem tornou possível o acesso à documentação, não foi a instituição de guarda (ABL), mas sim a

---

<sup>89</sup> Carta enviada 19/06/1998, pela pesquisadora Sheila Schvarzman após a sua pesquisa no arquivo Roquette-Pinto. Este documento encontra-se armazenado no Arquivo Institucional da ABL, na pasta “Correspondências recebidas/1998”.

doadora, que parecia manter o controle sobre o arquivo de seu pai, mesmo após décadas de doação do material.

O terceiro ponto que merece destaque refere-se ao fato da pesquisadora, a partir do contato com o acervo, possibilitado por meio da intermediação da filha do titular, descrever o arquivo como uma especialista do “tesouro” que Roquette-Pinto e a família legaram à Academia Brasileira de Letras, tornando-se, assim, uma das “interferências” no processo de guarda deste acervo. Quanto a sua “interferência” no processo de organização, conforme o que ela sugeriu, será discutido no próximo capítulo. O que se pode adiantar é o fato dessa carta ficar “esquecida” durante um tempo e a sua (re) leitura só acontecer em 2012, quando a organização dos documentos desse arquivo já tinha sido iniciada.

Foi com esse material e com o mote da comemoração dos cem anos da participação de Roquette-Pinto na expedição à Serra do Norte, como parte da Comissão Rondon, que em 2011 seu arquivo novamente foi fechado à consulta, mas dessa vez por um bom motivo: a organização intelectual e física do seu fundo arquivístico.

As informações ali contidas e as “lacunas” que são desvendadas ao longo do projeto de organização deste arquivo, viabilizarão aos pesquisadores visões parciais da sociedade. De qualquer forma, eles terão de contar com todos os elementos possíveis, não apenas os extraídos dos documentos, pois estes produziriam imagens distorcidas dos fatos e dos comportamentos.<sup>90</sup>

Um marco fundamental ocorrido na trajetória do arquivo Roquette-Pinto na ABL aconteceu no ano de 2001, quando a pesquisadora da *Casa de Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz* (COC/FIOCRUZ), Nísia Trindade Lima, juntamente com sua orientanda de doutorado, Dominichi Miranda de Sá<sup>91</sup>, consultaram o Arquivo Roquette-Pinto da ABL de janeiro a outubro. A partir desta pesquisa, foi elaborado um levantamento sumário dos itens documentais existentes no acervo, que serviu como instrumento de pesquisa.

Em entrevista realizada com Dominichi Miranda de Sá, indaguei como iniciou a sua pesquisa e o por que da realização deste levantamento documental.

Eu fui para a ABL para fazer o levantamento do arquivo [Roquette-Pinto], e ver algumas coisas específicas que a Nísia [Trindade Lima] queria, dada a riqueza que eu reporte a ela. A gente então resolveu fazer um inventário geral de tudo, tanto que no início eu ia com papel e caneta, mas quando eu vi que era tão grande, eu falei: “vou ter que trabalhar de outra maneira, porque senão eu vou passar dez anos aqui.” Aí já comecei a carregar laptop e tudo mais.

---

<sup>90</sup> BELLOTTO, Heloisa Liberalli. 2006.

<sup>91</sup> Para referência sobre Dominichi Miranda de Sá, citada na introdução deste trabalho: ver nota número 2.

Esse meu inventário, por mais que tentasse ser exaustivo, ele tinha um fim, que eram interesses específicos, tanto que tiveram coisas que eu deixei de fora. Não era um inventário 100% completo, eu quis na verdade, ficar inventariando item a item, mas depois eu tive de acelerar, exatamente por conta do fim do projeto, pois eu estava indo para bolsa sanduíche, então eu tive que encerrar a pesquisa, e comecei a dar uma selecionada, e já não me lembro mais que etapa da pesquisa daí para frente. Mas eu digo que pouca coisa ficou de fora do inventário, talvez mais os folhetos de propaganda, algumas coisas assim... Porque tinha muitos *folders*, o Roquette acumulava esse tipo de coisa, *folder* de propaganda, de medicamentos... eu já não me lembro também muitos detalhes... lembro que essas coisas aconteciam, ou cartão postal de viagens, então essas coisas que não estavam identificadas com remetente eu já fui deixando de fora.<sup>92</sup>

Percebemos no depoimento que a pesquisadora refere-se ao material preparado por ela, durante a pesquisa, como um “inventário”. A utilização desse termo indica sua familiaridade com os instrumentos de pesquisas e, mais do que isso, como ela vê o que produziu.

Este “inventário” realizado por Miranda de Sá foi o instrumento utilizado para atender aos pesquisadores do arquivo Roquette-Pinto que vieram posteriormente.

Do momento da sua confecção, até o fechamento do arquivo para organização em 2011, passaram-se dez anos de uso deste instrumento no arquivo Roquette-Pinto. Cada pesquisador deste arquivo, primeiramente, olhava o instrumento, selecionava os itens que gostaria de consultar e em seguida, os estagiários buscavam os itens para disponibilizar a pesquisa.

É importante observar que no momento em que a pesquisadora atuou como “arquivista”, mesmo sem dominar as técnicas, e preparou um instrumento de pesquisa do arquivo em que estava consultando, algumas implicações foram acarretadas. A principal delas foi o fato da organização do arquivo ter se guiado, inicialmente, pela visão da pesquisadora, privilegiando a atuação do titular como antropólogo, em detrimento das outras atividades, como será explicado no próximo capítulo.

Ao realizar o levantamento, Miranda de Sá demonstrou surpresa diante do vasto material encontrado:

O que me lembro é que a gente tinha expectativa, até porque como o acervo não era conhecido, a gente não tinha um catálogo, um inventário prévio. A gente sabia que a Sheila [Schwarzman] tinha pesquisado lá, até porque a gente conhecia o trabalho dela sobre o Humberto Mauro, mas não tínhamos muitas informações. Então eu tinha sido contratada para uma coisa de 3 meses, e a gente teve que estender porque o arquivo, além de um volume muito grande de documentos, ele era muito mais rico do que a gente esperava. Um arquivo

---

<sup>92</sup> Entrevista realizada com Dominichi Miranda de Sá, nas dependências da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, no dia 17/12/2014.



pessoal, assim completíssimo. Eu não conheço muitos arquivos pessoais, mas ele é espantoso do ponto de vista da riqueza e da própria vontade do seu titular de resguardar documentos relativos à sua própria trajetória e sua vida profissional.

Durante a entrevista a pesquisadora contou, também, que inicialmente, a sua pesquisa duraria três meses no arquivo Roquette-Pinto, mas diante da vasta quantidade de documentos, este prazo teve de ser estendido por mais seis meses. Aproveitando a experiência que ela adquiriu ao pesquisar neste acervo, perguntei se havia percebido alguma relação do titular com o seu arquivo:

Tem muita coisa que parece que a própria filha [Beatriz], na verdade, também guardava, ela fazia esse papel, mas quanto ao Roquette, em particular, eu lembro de uma, de algo que vi escrito nele, mas isso não foi em documento que está no acervo dele lá na ABL, isso foi algo que a gente viu no material que está lá na *Rádio MEC*, são as correspondências de ouvintes pra rádio e aí então ele... na verdade, ele escrevia lá com o famoso lápis vermelho em algumas cartas e correspondência “arquive-se para a posteridade”, e essas correspondências também estão *online* porque na época o Museu da Vida, fez um projeto de digitalização dessas correspondências [...], aí então acho que ele tinha isso muito claro, até por conta da própria visão de mundo, a corrente a qual ele se ligava, o positivismo, então ele tinha uma percepção ou uma convicção de que certas etapas ou digamos o atraso civilizacional de certos segmentos sociais, de certas populações, estavam para serem superados, muito em função da própria atuação de intelectuais como ele, então ele tinha - e essa já era uma preocupação dele na viagem lá pra Serra do Norte com a Comissão Rondon - era o de registrar exatamente certos tipos de vida, certas modalidades, certos estilos, porque ele tinha convicção de que aquilo ali ia ser superado como a civilização que eles tanto almejavam. Então são várias dicas que ele dá: fotografa, guarda... E eu acho que isso tinha a ver nas viagens, na vida profissional e eu acho que ele fazia isso para a própria vida pessoal também, acho que ele tinha um certo zelo no sentido de registrar e guardar, é claro que ele não sabia o quanto seria útil, isso seria útil para os pesquisadores futuros da própria obra dele, da própria vida, da própria produção, mas eu não tenho dúvida de que ele fazia um cálculo no arquivamento e do registro.

Nesse momento, contei para a entrevistada a conversa que Roquette-Pinto teve com Humberto de Campos, citada no início deste capítulo, na qual ele confidenciou para Campos a importância que acreditava que seus registros teriam para a posteridade. Diante dessa questão, identificamos o que poderia ser um paradoxo: Roquette sabia da importância de seu papelório, mas não os organizava, apenas classificava uma parcela muito pequena de seus documentos com algumas palavras-chave na margem do documento. Diante dessa questão, perguntei se Miranda de Sá saberia algo a esse respeito:

Eu não sei também se a filha fez esse papel de “arquivista”, ela funcionava um pouco como secretária dele, mas não sei se fazia esse papel, se tinha muita clareza de certa segmentação de ordem por temas e tudo mais. O que na época - aí eu já não lembro se já ouvi isso lá na ABL, se ouvi por outras pessoas - é que a filha tinha até retirado uns documentos, que ela tinha mexido no acervo, então a gente não sabe dessas casualidades que sempre envolvem a organização, a junção de certos conjuntos, não sei como isso funcionou bem entre família, se isso foi sendo reunido, acho que isso tem muito mais a ver com, sei lá, com a história de vida familiar, netos, filhos e filho fora do casamento, quer dizer... filho com outra mulher [...] então eu não sei se isso foi reunido em função desses diferentes segmentos familiares, eu acho que isso tem mais a ver com casualidades, menos com a decisão, e era também um homem que fez muita coisa e depois a gente sabe, morou num apartamento muito pequeno no fim da vida, e o apartamento a gente tem muitos relatos de que era um apartamento muito atulhado, talvez ele não fosse muito organizado e ponto. Ele não parecia ser muito organizado, e o fato de fazer muitas coisas ao mesmo tempo, acho que diz exatamente de alguém que é muito dinâmico, muito vivaz, enfim.

De fato, ao analisarmos o arquivo de Roquette-Pinto, bem como as entrevistas realizadas, supomos que ele era um homem muito dinâmico, que não perdia seu tempo e nem se preocupava em ficar organizando o seu arquivo.<sup>93</sup> Claudio Bojunga, em entrevista, contou que seu avô era impaciente e bastante preocupado com o futuro. Acreditava que para o avô o tempo corria e não gostava de perdê-lo com certas coisas. De fato, o arquivo parecia ser uma delas, mesmo que considerasse que seu papelório continha valor histórico.

No caso dele foi isso, voltado para o futuro, ele não tinha nenhuma ideia de “quando eu morrer, não sei o que”, ele pensava cem anos, sim, mas não essa coisa que... Depois, ele era muito heteróclito, misturava o cinema com vários lugares, instituições, tudo espalhado... os livros... Então, não era aquela pessoa arrumadinha, obsessiva, pelo contrário, ele era um impaciente, ele tinha pressa e isso não é de uma pessoa que ordena; é o temperamento dele essa ideia de que não pode deixar trabalho acumulando, ele ia em frente. Ele é o oposto do arquivador.

A versatilidade de Roquette parece, de fato, espelhada na diversidade de temas encontrados nos seus documentos. Um homem que serviu em várias instituições, também fazia as suas próprias invenções. Uma das lembranças que Bojunga tem de seu avô, remete ao estado

---

<sup>93</sup> Apesar de supormos que Roquette-Pinto não tinha a prática de organizar seus papéis, devido ao estado em que foi encontrado o seu arquivo após a doação, e pelo depoimento de Claudio Bojunga, é possível encontrar, em alguns documentos, certas classificações por tema, feitas pelo próprio titular. Isso será discutido e exemplificado no capítulo 3.

em que se encontrava o apartamento em que Roquette viveu no fim de sua vida, localizado na Avenida Beira Mar, no Rio de Janeiro:

O apartamento dele era visivelmente, primeiro, de um homem extraordinariamente modesto em termos materiais, ficava no prédio onde morava também Manuel Bandeira, e era preciso pular em cima dos fios para a gente não cair, o banheiro então, era como se fosse um laboratório, tinham coisas que você não sabia, você não sabia onde estavam as coisas, era fantástico. Então isso é uma impressão muito forte, era livros... e ele era o que na França se chama um *bricoleur*, que gostava de mexer com a mão, com as coisas... então, fazia o rádio, fazia a galena, fazia a máquina de fazer pão, essa coisa toda, e tinha aquela coisa da gravura, de repente ele se meteu nisso... o professor dele era o Goeldi, que mandou depois duas gravuras, uma daquelas eu tenho, dedicadas a ele, então é... embaixo dizendo “ao querido professor...”, então você imagina, ele fazia isso por brincadeira, ele era o artista de domingo, fazia a igreja da Glória, essas coisas. Não tinha pretensão. Mas eu acho engraçado que isso mostra a versatilidade, a abertura, isso é um dado muito importante nele que muita gente dizia: “bom, ele tocou em tudo e não aprofundou em nada”. Eu acho que ele sabia que aquele Brasil, você não podia acumular dever de casa, você tinha que fazer tudo que você pudesse para dar partida em tudo, a nossa vida é curta demais para a gente ficar na poltrona.

Vanderlei Sebastião de Souza<sup>94</sup> pesquisador que também se debruçou sobre os documentos de Roquette-Pinto na ABL, e vencedor do Terceiro Prêmio de Teses da Associação Nacional de História (ANPUH-Brasil), cujo tema era o estudo antropológico desempenhado por Roquette-Pinto, em entrevista realizada no dia 16 de outubro de 2013 na Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, relatou o seu contato com as fontes documentais de Roquette-Pinto para o desenvolvimento do trabalho, destacando o arquivo da ABL:

O acesso ao Arquivo Pessoal de Roquette-Pinto, sob a guarda da Academia Brasileira de Letras (ABL), foi decisivo para o desenvolvimento da tese. Foi lá que realizei boa parte da minha pesquisa e onde encontrei as principais fontes para o desenvolvimento da tese. Outros acervos também foram importantes. Um deles é o arquivo de Antropologia Física do Museu Nacional, localizado no Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), onde encontra-se uma documentação fundamental para acompanhar como foram elaborados os estudos de Roquette-Pinto sobre os “tipos antropológicos” do Brasil. Outro arquivo é a Seção de Memória do Museu Nacional, sob a guarda do próprio museu, por meio do qual foi possível localizar um grande acervo retratando o cotidiano da instituição na qual Roquette-Pinto atuou por 30 anos.<sup>95</sup>

---

<sup>94</sup> Para referência sobre Vanderlei Sebastião de Souza, citado na introdução deste trabalho: ver nota número 1.

<sup>95</sup> Entrevista disponível em: <http://www.coc.fiocruz.br/index.php/todas-as-noticias/692-roquette-pinto-buscou-demonstrar-que-a-miscigenacao-nao-era-um-problema#.VUrcQZVFDIU>

Diante da diversidade temática, me ocorreu se as pesquisadoras, por mim entrevistadas, sentiram falta de pesquisar em outros arquivos documentos referentes à Roquette-Pinto, de forma a complementarem suas pesquisas. Para Sheila Schvarzman, que pesquisava sobre Cinema Educativo, no arquivo Roquette-Pinto na ABL, foi possível encontrar bastante material, principalmente os documentos que recortavam a parte do titular como antropólogo, mas não tanto a parte que retratava a sua atuação no INCE, como já mencionado quando a pesquisadora informou que os arquivos da INCE não existiam, talvez vendidos ou queimados.

De certo modo, Dominichi Miranda de Sá, também compartilha desta mesma impressão, quando questionada sobre o assunto:

Vai depender do interesse do pesquisador, se o corte é antropologia, na divulgação científica, sobretudo na rádio, ou especificamente a Comissão Rondon, há sim outros acervos, no Museu do Índio há material sobre a Comissão Rondon, menos sobre Roquette, não me lembro de ter visto coisas dele lá, na reserva técnica do Museu do Forte de Copacabana, no do Exército, tem o Museu Nacional, tem a Rádio MEC, sobretudo as correspondências dos ouvintes; na Rádio Sociedade tem algum material administrativo, listagem de sócios, então tem isso sobre a Rádio.

Agora, eu acho que quem pesquisa o Roquette, quem pesquisa a própria antropologia do Museu Nacional tem que passar pelo próprio arquivo dele na ABL, é incontornável. Só para te citar um exemplo, eu tenho uma aluna que está trabalhando, não tem nada a ver com Roquette, ela está trabalhando na verdade com a discussão sobre o patrimônio natural, a natureza como patrimônio nacional, e como isso foi sendo discutido no âmbito do estado brasileiro, pós 30, seja por meio da lei de fiscalização das expedições artísticas e nacionais, e depois no Instituto de Patrimônio Histórico, no IPHAN, depois da criação do IPHAN, o Roquette, por exemplo, ele foi consultor do IPHAN, ele era consultor científico e também, foi consultor dessa comissão de fiscalização, então tem material sobre dessas digamos entre muitas aspas “instituições” no acervo do Roquette. A gente não fala de certas discussões intelectuais que envolveram a política, ou certos segmentos de homens de ciências, que também foram homens de estado, isso, de fato, no acervo do Roquette, quem estuda o Roquette tem, obviamente, que passar no acervo da ABL, quem estuda antropologia física tem, obviamente, que passar pelo acervo do Roquette, quem estuda divulgação científica desse período, tem, obviamente, que passar pelo acervo do Roquette, e muitas outras questões, enfim, que vivem na órbita exatamente do que é importante para a constituição do estado nacional do Brasil, da ocasião. O acervo é referência e ponto. Pela multiplicidade de atividades desse intelectual e também pela diversidade de material que o acervo contém, eu canso de dar referência, dizer “tem isso no acervo do Roquette, já foi lá?”. É um acervo, para mim, incontornável para quem trabalha com isso.

Dominichi Miranda de Sá conta ainda que o arquivo de Roquette-Pinto na ABL é um acervo bastante complementar, que serve para cobrir lacunas de outros acervos incompletos

deste intelectual que se encontram espalhados em diversas instituições em que atuou, a julgar pelo seu depoimento:

O próprio acervo da *Rádio MEC* não é um acervo completíssimo, é por isso que o acervo do Roquette na ABL faz muita diferença, nesse ponto de vista, parece que não há um acervo completíssimo devido às dificuldades, diferentes diretorias, ele ficou depositado num depósito na *Rádio MEC*, não sei onde, na verdade um que a gente visitou era na Penha [bairro], parece que ele já tinha circulado por outros cantos, mas a gente foi ver então as coisas estavam acondicionada de maneira absolutamente inadequada. A gente teve notícias que coisas se perderam, então por isso que o acervo do Roquette [na ABL] é muito complementar porque há muitas lacunas nos outros que a gente acabou de mencionar.

Questionada sobre as lacunas que existem no arquivo em questão, perguntei em qual momento houve a necessidade de interromper as pesquisas no arquivo da ABL para pesquisar em outros arquivos fora da instituição, Sá respondeu:

A gente também foi estudar as atividades científicas da *Comissão Rondon* e aí o Roquette era parte disso. Aí, especificamente por conta dessa pesquisa sobre as atividades científicas da *Comissão Rondon*; foi então que a gente teve a necessidade de ir para os outros acervos, porque a gente queria saber também o que tinha sido feito em botânica, em zoologia, etc. Não era só a parte da Antropologia; então nesse sentido, aí sim, eu precisei buscar outras coisas fora, mas aí não tinha especificamente a ver com a trajetória do Roquette. É um outro tema que se cruzava com a trajetória profissional do Roquette-Pinto que é a *Comissão Rondon*, é um período muito mais amplo, ele só fez uma viagem [com a *Comissão Rondon*], estava numa instituição muito chave para a *Comissão de Linha Telegráficas*, que era o Museu Nacional, isso tinha claro uma relação com ele, mas não se restringia a trajetória, ao acervo, aos documentos que a gente podia ter por meio dali. Então na verdade foi pela diversidade temática das nossas pesquisas que a gente teve a necessidade de procurar fora, mas enquanto a gente estava interessada em discutir a trajetória intelectual do Roquette-Pinto e dar conta da diversidade das atividades, na antropologia, e na divulgação científica, o acervo, como eu já disse, e repito, superou todas as expectativas, a gente encontrou muito mais coisas, e para muita gente, seja para os alunos, para os colegas que fizeram o livro que a gente organizou [Antropologia Brasileira] e toda a relação com isso. A ideia inicial era [fazer] uma biografia sobre o Roquette.

Nas palavras de Dominichi Sá, o arquivo Roquette-Pinto é um arquivo de suma importante para quem pesquisa assuntos como antropologia e divulgação científica. Visto que ela ficou nove meses, quase diariamente, envolvida nessa pesquisa, perguntei se o fato de ter se deparado com um arquivo volumoso, para os padrões da ABL, desorganizado e sem levantamento documental foi frustrante ou atrapalhou a sua pesquisa. Dominichi Sá qualifica o fato de ter encontrado o arquivo naquele estado como “uma sorte”, pois a ideia inicial do projeto

para o qual fora contratada pela COC/FIOCRUZ era fazer uma biografia de Roquette-Pinto. Nesse sentido, teria mesmo que analisar o arquivo inteiro para saber as redes de sociabilidade nas quais circulou, e não apenas um recorte específico de sua vida:

Para nós foi uma sorte ele [o arquivo] não estar organizado. Para a gente teve essa dificuldade, como eu já falei para você, de no final eu precisar fazer uma seleção, mas isso tinha muito mais a ver com o volume de material do que com propriamente o fato de não estar organizado. Eu digo que para nós foi uma sorte exatamente porque, na verdade a gente queria, “ah vamos fazer uma biografia, vamos discutir certas etapas da trajetória intelectual do Roquette-Pinto”. A gente só teve ideia da diversidade das redes intelectuais pelas quais o Roquette circulou, os vínculos, a sua disposição em ser esse “construtor de instituições” como a Nísia [Trindade Lima] gosta de dizer, porque o acervo, na sua desorganização da época, deixava isso entrever, e pra mim não foi uma “dificuldade” nesse sentido, porque eu já tinha a noção de que o Roquette tinha sido um homem muito prolífero e muito ativo, então eu lidava com o acervo um pouco como isso, como se eu estivesse lidando com essa vida muito dinâmica, então pra mim esse trabalho foi um prazer enorme, [...] foi maravilhoso por tudo que ele me proporcionou profissionalmente, em termos de produtos específicos e também o rendimento dele, então, se a gente tivesse, de fato, um objetivo específico um acervo organizado teria ajudado muito, inclusive num trabalho mais rápido e acelerado, naquele caso eu diria que foi uma sorte.

Desta pesquisa resultou no livro *Antropologia Brasileira: Ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto* (2008), publicada pelas editoras Fiocruz e UFMG, sob a organização da própria Dominichi Miranda de Sá e de Nísia Trindade Lima. No entanto, antes do livro ser publicado, ocorreram seminários e exposições para lembrar o cinquentenário de falecimento de Roquette-Pinto, em 2004. Uma dessas exposições tornou-se permanente e itinerante em Rondônia, território que foi palco das Comissões Rondon.

Segundo Dominichi, esses produtos se deram, em grande parte, com o material pesquisado no (desorganizado) arquivo Roquette-Pinto da Academia Brasileira de Letras.

Com base nos depoimentos de Sheila Schvarzman, Vanderlei Sebastião de Souza e Dominichi Miranda de Sá, podemos refletir sobre o uso dos pesquisadores em arquivos não organizados. Os três pesquisadores aqui citados disseram que, por dispor de tempo, foi vantajoso ter tido contato com a documentação desorganizada já que, dessa forma, foi possível “explorar” e “desvendar” o arquivo sem nenhuma influência do arranjo adotado pelo arquivista no momento da organização. Sendo assim, podemos concluir que o tratamento arquivístico é visto como algo que ajuda, mas também limita o pesquisador, já que orienta o seu olhar, e ao mesmo tempo em que descreve, também esconde informações.

Com efeito, desses produtos e da procura por este acervo, em 2011, a arquivista

responsável pelo Arquivo dos Acadêmicos, Maria Oliveira, escreveu um projeto intitulado “Comissão Rondon 1912 – 2012”, cujo objetivo principal era a organização do fundo Roquette-Pinto, iniciando-se pela restauração e descrição dos documentos relativos à *Comissão Rondon*, em virtude da comemoração, no ano seguinte, do centenário dessa viagem. Este projeto foi levado à presidência da ABL e aprovado, sendo financiado pela própria Academia, que disponibilizou dois contratos para arquivistas no período de dois anos, bem como a sua continuidade, para finalização das tarefas previstas.

Desse modo arquivo foi fechado à consulta de pesquisadores a partir de 2011, em virtude de sua organização.

No capítulo seguinte iremos discutir o projeto “Comissão Rondon 1912 – 2012”, bem como a análise do papel do arquivista no momento de sua organização, ressaltando o caráter e a profundidade da sua ingerência nesse processo para perceber em que medida atua no cruzamento de subjetividades que caracteriza a utilização do arquivo, e nesse sentido qual a influência na construção da narrativa histórica, somada às intervenções de agentes externos.

## Capítulo 3

### 50 Anos depois: a organização do arquivo Roquette-Pinto

Entendendo “arquivo pessoal” como um conjunto de documentos produzidos, ou recebidos, e mantidos por uma pessoa física ao longo de sua vida em decorrência de suas atividades e relações sociais, é notório que para cada pessoa seu arquivo é dotado de valores diferentes.

Como vimos no capítulo anterior, supomos que Roquette-Pinto via em seu papelório um arsenal dotado de “valor em si”, um arquivo cuja documentação serviria para pesquisas de futuras gerações. Esses documentos, independente do suporte ou da forma, representam sua vida, suas redes de relacionamento pessoal ou de negócios, suas obras e etc., sendo, portanto, registros (por vezes fragmentários e incompletos) dos papéis sociais desempenhados em sua trajetória.

Seu valor como “patrimônio”, capaz de contribuir para o desenvolvimento da pesquisa histórica no país, embora projetado pelo próprio titular, foi confirmado com a doação do arquivo e consolidado, de fato, a partir da sua abertura, em 1998, à consulta externa e da procura de pesquisadores de variadas áreas.

O interesse expresso por pesquisadores de diversas áreas em consultar o arquivo pessoal de Roquette-Pinto, fez deste arquivo o segundo mais pesquisado da Academia Brasileira de Letras, o que evidenciou, para os funcionários do Arquivo da ABL, a existência de um capital simbólico associado a esse fundo documental.

Cientes da visibilidade que o arquivo poderia trazer para a instituição, bem como de seu valor patrimonial, volume e complexidade, uma série de decisões foram tomadas por parte da Academia Brasileira de Letras, a fim de disponibilizar este arsenal de documentos aos pesquisadores de forma organizada e sistemática, após treze anos de consulta sem organização arquivística.

Seguindo o caminho contrário ao de diversos arquivos pessoais, como visto no capítulo anterior, a ABL disponibilizou o Arquivo Roquette-Pinto antes que ele fosse submetido a qualquer tratamento com base na metodologia arquivística, o que acarretou em diversos efeitos significativos no momento de sua organização.

O fascínio despertado por um arquivo pessoal a um historiador, que sobre ele se debruça, é bastante conhecido. Como pudemos observar nas falas de pesquisadores que tiveram contato com o arquivo de Roquette-Pinto, citadas no capítulo anterior, o fato de ter acesso a uma massa



documental que ainda não havia sido objeto de tratamento arquivístico parece ter adicionado ao fascínio, provocado pelas fontes pessoais, a mística do ineditismo e da “descoberta”. Esse fascínio, porém, implica perigos e sugere cuidados. Angela de Castro Gomes abordou essa questão, e sugeriu que o pesquisador descuidado pode tornar-se vítima e cair nas “malhas do feitiço” do arquivo pessoal.

[...] a fábula do historiador que navega num mar de documentos por ausência de rumo, de uma ideia razoável para lidar com a documentação que se tentou selecionar para a pesquisa. A tentativa às vezes é acompanhada de fracasso, pelo fato de o pesquisador não conseguir fazer suas escolhas e, portanto, não ter coragem e segurança para descartar muito do que coletou, hierarquizando seus documentos e deixando claro para o leitor que é ele, pesquisador, quem conduz a fonte, e não é por ela conduzido/possuído. (GOMES, 1998:125,126)

Tanto Sheila Schvarzman quanto Vanderlei Sebastião de Souza e Dominichi Miranda de Sá demonstraram entusiasmo quando questionados sobre a impressão que tiveram ao se depararem com o arquivo Roquette-Pinto.

Esses três pesquisadores citados tinham um rumo a seguir o que, segundo a fábula que Angela de Castro Gomes, possivelmente, garantiu o não “naufrágio” de suas pesquisas.<sup>96</sup>

Bellotto (2006:264) se apropria do discurso de Ciro Flamarion Cardoso para explicar que o historiador, ao iniciar sua pesquisa, necessita de uma questão/hipótese, dentro de um tema preestabelecido. Um tema para o qual ele já detectou os níveis de relevância, viabilidade e originalidade. A partir daí, para a autora, inicia-se a construção do *corpus* documental. O conhecimento se realiza por meio de um processo dialético entre o objetivo do historiador e o documento. Desse contato resulta a confirmação da hipótese, ou a sua reformulação.

No entanto, retornando à imagem citada por Gomes, é comum ocorrer o “naufrágio” do pesquisador num “mar de documentos”. No próprio arquivo Roquette-Pinto houve casos de pesquisadores que, por falta de rumo/hipótese e/ou por falta de tempo disponível para analisar a documentação, sentiram-se frustrados ao encontrar o acervo desorganizado e por isso desistiram da pesquisa ou mesmo tiveram que adiá-la.<sup>97</sup>

O uso de documentos de arquivo, como fonte para pesquisa de historiadores, suas

---

<sup>96</sup> A pesquisadora Dominichi Miranda de Sá contou-me, durante a entrevista, que seu objetivo de pesquisa, inicialmente, era preparar um produto sobre a vida de Roquette-Pinto. Mas ao iniciar a sua pesquisa no arquivo da ABL, deparou-se com um volume extenso de documentos e pouco tempo para cumprir tal objetivo. Sendo assim, teve de optar pela atuação de Roquette-Pinto enquanto antropólogo, com o foco voltado para sua participação na Comissão Rondon.

<sup>97</sup> Esta situação ocorreu com pesquisadores que dispunham de pouco tempo para pesquisar a documentação ou que possuíam interesse, especificamente, em algum item do acervo.

místicas e representações, tem sido objeto de diversos trabalhos na área da teoria da História. Não pretendo, aqui, trazer à luz esse debate, mas sim demonstrar de que forma o uso do arquivo Roquette-Pinto por pesquisadores reforçou a necessidade de organização deste material por parte da instituição, os métodos adotados pelos arquivistas, além de suas influências e os seus efeitos.

Segundo Heymann (2012:210) o arquivista é, também, um agente no processo de construção da memória, na medida em que, por meio de suas ações, produz narrativas – consolidadas em arranjos e descrições – que orientam o acesso do pesquisador à documentação. Do ponto de vista dos teóricos da Arquivologia, a otimização do uso de um arquivo depende, em grande parte, da atuação do arquivista. Retomando Bellotto (2006:263), a autora afirma que a integridade, a integralização de acervos documentais, o resgate e o processamento técnico dos documentos, seguido da divulgação das informações neles contidos, é a essência da tarefa do arquivista no âmbito dos arquivos permanentes.

Dessa forma, abrir-se-ia aqui um campo para o diálogo entre o arquivista e o pesquisador, já que o arquivista, quando atua em arquivos permanentes, pode e deve trabalhar em prol do historiador, agindo não a favor da comodidade do pesquisador, mas, principalmente, da clareza e da veracidade de suas conclusões. (BELLOTTO, 2006:265).

Para essa autora, um fundo arquivístico é um “universo arqueológico” a ser explorado, e é tarefa do arquivista otimizar esse universo.

Um fundo de arquivo é um universo arqueológico a identificar, balizar ordenar, descrever e analisar de modo a possibilitar a preservação de sua organicidade, de sua integridade física, e a disseminação de informações extraídas de seus elementos, colocando-as em condição de apreensão e uso plenos.

[...]

Sendo um universo arqueológico, o fundo de arquivo é, com raras exceções, um desafio que acena com o caótico que lhe imprimiram o tempo e o desuso em que caíram seus elementos. Assim, no sentido do desafio e da descoberta, o trabalho de arquivo, especialmente quando se trata de acervos históricos, é invariavelmente fascinante. (2006:13)

A interferência operada pelo arquivista produzirá um instrumento por meio do qual o pesquisador terá acesso aos documentos. Nos últimos anos, muitas reflexões já colocaram em xeque o “mito de neutralidade” do trabalho arquivístico, entre as quais aquelas desenvolvidas por Cook e Schwartz:

[...] nenhum ator ou observador, historiador ou arquivista, é neutro ou desinteressado em qualquer processo documental, e nenhum “texto” que consultem (incluindo documentos de arquivo) ou preservem (ou seja, selecionem, adquiram, descrevam, tornem acessível) é uma janela transparente para alguma realidade passada. ( COOK & SCHWARTZ, 2002:182)

Essa interferência é produto da subjetividade que impregna o trabalho do arquivista. Ainda que orientado por um ideal de “neutralidade”, e imerso em uma cultura profissional que, de maneira geral, valoriza a “transparência” de suas ações, o arquivista imprimirá sobre a documentação uma marca, que definirá ordenamentos e classificações. A seguir iremos analisar o que impulsionou a organização do Arquivo Roquette-Pinto, bem como as consequências do tratamento documental na construção da fonte histórica disponibilizada hoje na ABL.

### **3.1 Projeto Comissão Rondon 1912 – 2012**

Custodiado em uma instituição cuja cultura organizacional é profundamente marcada pela valorização das efemérides, como visto anteriormente, foi exatamente uma comemoração que funcionou como gérmen da organização do arquivo Roquette-Pinto.

A arquivista/coordenadora do arquivo dos acadêmicos, Maria Oliveira, ciente da quantidade expressiva de documentos relacionados à atuação de Roquette-Pinto como antropólogo, e da procura por esta documentação por parte de pesquisadores de diversas partes do país, aproveitou a efeméride relativa ao centenário da participação de Roquette-Pinto na Comissão Rondon de 1912, para criar o *Projeto Comissão Rondon 1912 – 2012*, tendo como ponto de partida a organização dos documentos referente a esse tema.

Em entrevista realizada com Maria Oliveira, a arquivista comenta que, a partir da pesquisa realizada por Dominichi Miranda de Sá, em 2001, a procura por este arquivo aumentou consideravelmente, tornando urgente sua organização:

O interesse dos pesquisadores pelo arquivo Roquette-Pinto e os tipos de pesquisas que eram desenvolvidos incentivaram a organização deste fundo. As pesquisas não eram desenvolvidas em relação à vida do Roquette-Pinto, mas sobre a atuação profissional e a atuação científica. Muitos pesquisadores desenvolviam pesquisas na área de antropologia, cinema, rádio, produção científica no país. Então, de acordo com o perfil dos pesquisadores, a gente foi percebendo a importância do arquivo Roquette-Pinto, e começou a nascer a ideia do projeto de organização. Porque depois da pesquisa da Dominichi, aumentou muito o número de pesquisadores e a gente acredita que foi devido,

justamente, à pesquisa delas [Dominichi Sá e Nísia Trindade Lima] que virou livro<sup>98</sup>, e porque a Dominichi estava fazendo o doutorado, depois ela se tornou professora, trabalhava na Fundação Oswaldo Cruz e foi formando esse grupo de pesquisadores interessados. Com esse aumento [da procura por este acervo] a gente viu que não tinha como deixar o arquivo como ele estava... Era uma prática da Academia, dar o acesso aos arquivos mesmo sem eles estarem organizados, e a gente dava acesso ao arquivo Roquette-Pinto; talvez isso tenha sido um erro.<sup>99</sup>

A análise do perfil dos usuários do arquivo Roquette-Pinto, realizada no início do *Projeto Comissão Rondon 1912 – 2012*, indicou que a maioria dos pesquisadores vinha à ABL a partir de indicações.<sup>100</sup> Diversos alunos do curso da pós-graduação em História das Ciências e da Saúde, da FIOCRUZ, foram orientados a pesquisar no arquivo por Dominichi Miranda de Sá. O mesmo acontecia com os pesquisadores interessados na área de cinema educativo, que chegavam ao arquivo por indicação de Sheila Schvarzman.

Maria Oliveira consciente do risco eminente que o arquivo Roquette-Pinto corria ao disponibilizá-lo à consulta sem que estivesse organizado e codificado, e diante do crescimento da procura por parte de pesquisadores, priorizou a organização dessa documentação. Lembremos que o critério adotado à época pela equipe para a organização dos arquivos dos acadêmicos era o número da cadeira, ou seja, seriam organizados todos os arquivos dos ocupantes da cadeira número 1, e depois todos os arquivos dos ocupantes da cadeira número 2, e assim sucessivamente. O fato de Roquette-Pinto ter ocupado a cadeira de número 17 significava, segundo esse critério, que demoraria bastante para que ele fosse organizado.

Segundo Maria Oliveira:

Sempre tive vontade de organizar este arquivo. Mas a gente tinha critérios estabelecidos para a organização dos arquivos, e se fôssemos seguir os critérios estabelecidos, o dele não entraria. Então se pensou em fazer um projeto. E também, todos os arquivos são organizados pela equipe do arquivo, mas principalmente pelos estagiários, então, sentindo o potencial do arquivo Roquette-Pinto, a importância de acordo com a análise do perfil dos pesquisadores, a gente acreditava que seria mais interessante um arquivista já formado e não apenas estagiários. O arquivista já ia ter muito mais liberdade

---

<sup>98</sup> O livro a que Oliveira se refere é o *Antropologia Brasileira: Ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*, organizado por Nísia Trindade de Lima e Dominichi Miranda de Sá, e publicado pelas editoras UFMG e Fiocruz, em 2008. Esse livro foi um dos produtos da pesquisa realizada por Sá nos documentos do arquivo de Roquette-Pinto na ABL em 2001.

<sup>99</sup> Entrevista realizada com a chefe do Arquivo da Academia Brasileira de Letras, Maria Oliveira, no dia 13/03/2015.

<sup>100</sup> O perfil dos usuários do arquivo da ABL é computado todo início de ano, através dos dados colhidos através da ficha de identificação do pesquisador. Nessa ficha é especificado qual o arquivo deverá ser consultado, o objetivo da pesquisa e a justificativa.

para trabalhar, já ia ter mais autonomia, ia conseguir levar o projeto adiante sem precisar, que nós, aqui da equipe interna, tivéssemos que trabalhar à frente do arquivo.

Em 2010, quando o Projeto Comissão Rondon foi apresentado, o presidente da instituição era o acadêmico Marcos Vinícios Vilaça<sup>101</sup>, cuja atuação foi marcada pelo interesse em preservar e divulgar os arquivos da ABL. Vilaça aprovou o projeto, financiado pela própria Academia Brasileira de Letras, o que viabilizou a contratação temporária de duas arquivistas, bem como a sua continuidade um ano depois, quando foi necessário estender o prazo para finalizar não somente a organização dos documentos relacionados à Comissão Rondon, mas todo o fundo Roquette-Pinto.

Desta forma, no ano de 2011, recém-graduada em Arquivologia, fui contratada para fazer parte de um projeto que tinha como objetivo principal organizar os documentos do arquivo Roquette-Pinto relacionados à sua participação, como antropólogo, na Comissão Rondon visando às comemorações do centenário desta viagem.

Em abril de 2011, as duas arquivistas contratadas iniciaram a primeira etapa da organização com leituras sobre a vida e a obra do titular, antes mesmo de estabelecer algum contato direto com sua documentação. Esse é o procedimento adotado ao iniciar a organização dos arquivos pessoais pertencentes à Academia Brasileira de Letras. Neste momento o arquivista deve estudar a biografia do titular para, ao tomar conhecimento da documentação, classificar os documentos com base nas atividades desenvolvidas por ele ao longo da vida, de forma a montar seu arranjo.

Ao final desta etapa, as séries definidas buscaram refletir as funções desenvolvidas pelo titular, embora a designação das mesmas indique mais temas do que funções. No caso do arquivo Roquette-Pinto, o fato de a organização do arquivo ter sido motivada por uma efeméride parece ter exercido influência nessa decisão, bem como o fato do trabalho ter partido do levantamento documental de Dominichi Sá, como será explicado mais à frente.

---

<sup>101</sup> Marcos Vinícios Vilaça é membro da ABL, foi eleito em 11/04/1985 para a Cadeira nº 26. Foi presidente da instituição nos biênios 2006-2007 e 2010-2011.

### 3.2 Ativações e interferências

Mais do que justificar o caminho adotado no momento da organização dos documentos de Roquette-Pinto, minha intenção é identificar suas causas e efeitos, buscando refletir sobre o fazer arquivístico em um contexto específico.

Para Ketelaar (2006), cada vez que o criador do arquivo, o pesquisador e/ou arquivista interage com a documentação, ele age perguntando e interpretando, fazendo com que o documento seja ativado. Cada ativação, segundo o autor, deixa marcas, produz influências, levando-o a sugerir que os arquivos não seriam estáticos, mas sim dinâmicos.

Durante a organização do Arquivo Roquette-Pinto foi possível perceber possíveis ativações por parte tanto do titular como do pesquisador, que conseqüentemente influenciaram o arquivista na organização desta massa documental.

Dominichi Miranda de Sá, ao utilizar o arquivo de Roquette-Pinto para sua pesquisa voltada para as atividades do titular como antropólogo, “ativou” essa parcela significativa da documentação, possibilitando o conhecimento do acervo, que influenciou a arquivista Maria Oliveira a criar uma efeméride voltada para a organização dessa documentação, e produziu o afluxo de pesquisadores interessados na temática. A interferência da pesquisadora, nesse caso, foi bastante relevante para a identificação dos documentos de todo o acervo e sua divulgação.

Antes da ativação produzida pela pesquisadora, porém, é importante chamar a atenção para outra ativação, anterior, produzida pelo próprio titular enquanto manuseava seus papéis. Essa ativação foi percebida – ou reconhecida como tal – no contexto desta pesquisa e não no contexto profissional do tratamento do arquivo.

Priscila Fraiz, em seu artigo intitulado “A dimensão autobiográfica aos arquivos pessoais: o arquivo Gustavo Capanema”, analisa a importância da ordem original em um arquivo pessoal no momento da constituição desse acervo e de sua organização. Fraiz comenta que, aprofundando o princípio da proveniência, descoberto pelos franceses, os holandeses concluíram que desse princípio decorria o princípio do respeito à ordem original, que refletia a lógica de organização do corpo administrativo que o produziu. Entretanto, na prática surgem algumas dificuldades para a aplicação desse princípio, que vão desde a inexistência de ordenação dos fundos dentro do organismo produtor até as questões relativas à extinção, supressão ou transferência de atribuições de um órgão. (FRAIZ, 1998: 61,62).

A aplicação do princípio do respeito à ordem original em arquivos pessoais, também defronta-se com dificuldades semelhantes aos encontrados nos arquivos públicos. Segundo Fraiz:

Na maioria dos casos, os acervos pessoais chegam de forma desordenada à instituição de memória que os recolhe, dificultando, caso exista, a observância do princípio. E nos casos em que a ordem primitiva, caso exista, se mostre inadequada à recuperação das informações para o uso científico, considero que não se deve colocar uma camisa de força no momento de se definir o arranjo a ser adotado. (FRAIZ, 1998:63)

Em arquivos pessoais é rara a existência de planos de classificação, embora, muitas vezes, se possam detectar critérios, ênfases ou gostos refletidos, por exemplo, no cuidado com alguns papéis em detrimento de outros. A experiência, porém, tem demonstrado que, salvo exceções, os arquivos pessoais chegam às instituições de memória bastante desorganizados, revelando-se muito remota a possibilidade de detectar ordenações originais (Fraiz & Costa, 2001:24).

No caso do fundo Roquette-Pinto, inicialmente, a equipe responsável pela organização do arquivo teve a impressão de que a massa documental não possuía nenhum tipo de ordem original, pois, ao primeiro contato com esta documentação, deparou-se com uma situação caótica, que dificultou a percepção de ordenação por parte do titular ou de outros agentes.

O manuseio dos documentos por diversos pesquisadores, antes do tratamento arquivístico, tornou bastante complexo fazer qualquer afirmação acerca de uma (im) provável ordem original. Há indícios, porém, de que o titular ensaiou classificações e ordenamentos, como veremos a seguir, atestando intenções e sentidos conferidos aos documentos acumulados.

Se levarmos em consideração esses indícios, constatamos que foi um equívoco interpretar que o arquivo Roquette-Pinto não possuía ordem original, já que a ordem original, em arquivos pessoais, corresponde mais frequentemente à lógica utilizada pelo titular e por outros agentes em classificações dos documentos e menos em planos de classificação consolidados, algo que, através do estudo desenvolvido para compreender a lógica de acumulação dos documentos de Roquette-Pinto, tornou-se perceptível.

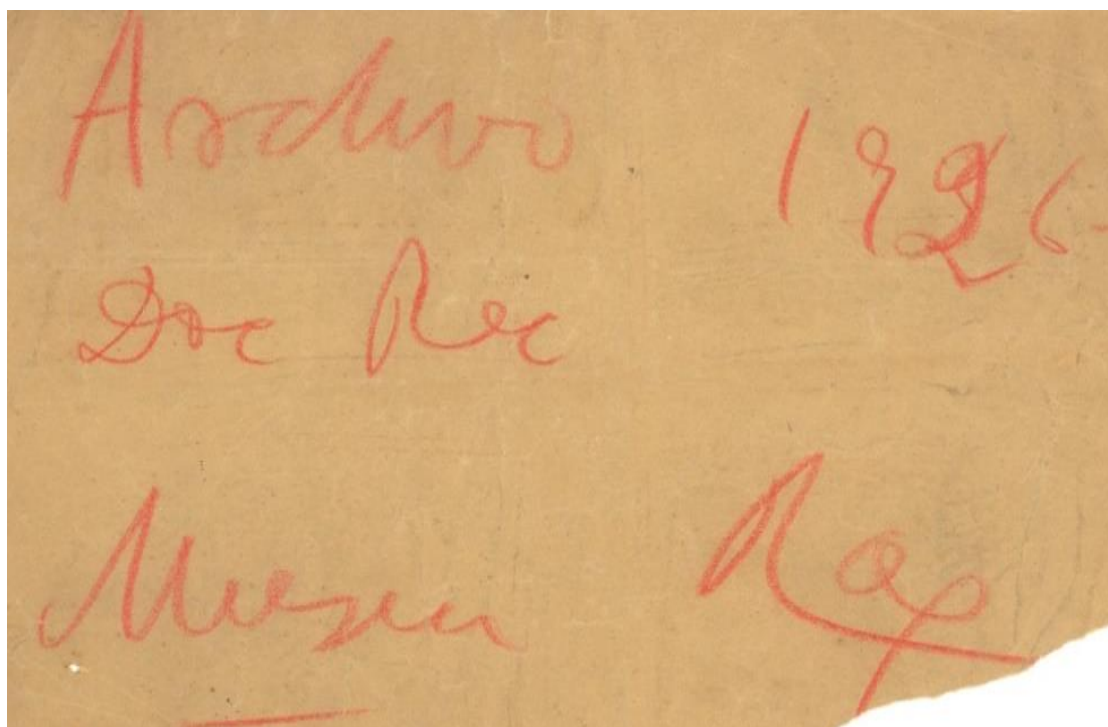
Pela via da história, também, o ordenamento dos papéis de um indivíduo vem sendo objeto de atenção. Para o historiador Philippe Artières (1998), arquivamos apenas uma parte ínfima de nossas vidas se levarmos em consideração que (quase) toda ação produz ou decorre de um pedaço de papel.

Ao longo da vida, um indivíduo classifica, arruma, seleciona e descarta seus papéis, impulsionado por diversos motivos e, através dessas ações, constrói uma imagem para si e para os outros. Por isso, seria um equívoco imaginar o arquivo pessoal como um espelho da trajetória de seu titular. Ainda segundo Artières, arquivar a própria vida corresponderia, muitas vezes, a contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do

*eu* poderia ser analisado como uma prática de construção de si. (1998:11).

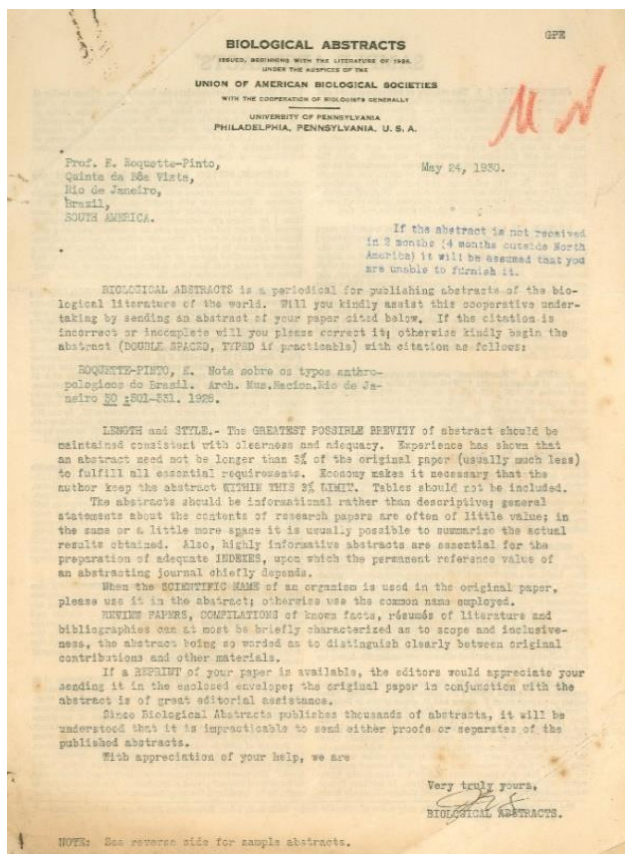
Embora não seja possível avançar em hipóteses acerca de mecanismos de construção de si, colocados em marcha por Roquette-Pinto, ao manusear seus papéis, é possível afirmar que houve uma ação classificatória.

Em alguns documentos o titular registrava o assunto central que estava sendo tratado, geralmente escrito a lápis na cor vermelha ou azul. Encontramos esse tipo de classificação em alguns papéis relativos, por exemplo, ao Museu Nacional, Cinema Educativo, Radiodifusão, assuntos privados e etc. Percebe-se então, de algum modo, um tipo de controle e organização dada pelo titular, no momento em que, de próprio punho, procurava sugerir uma lógica de ordenamento, como podemos ver nas imagens a seguir:

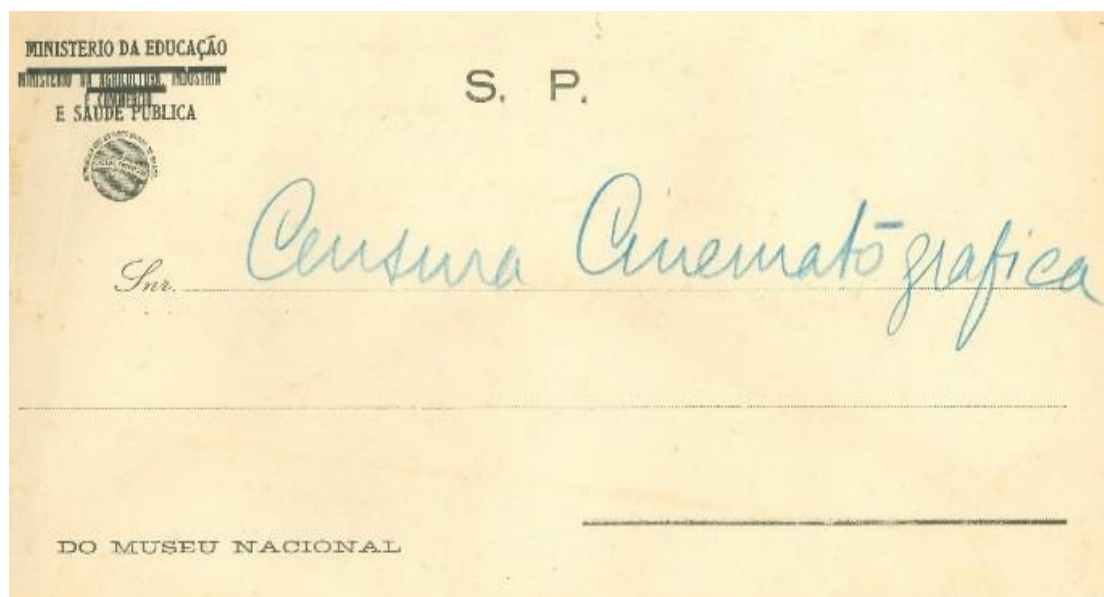


Envelope onde se lê “Arquivo Doc. Rec. Museu” seguido do ano de 1926 e da rubrica de Roquette-Pinto. O que corresponde à uma certa organização dos documentos recebidos sobre o Museu Nacional, no ano de 1926, e que deveriam ser arquivados.





Documento onde consta a sigla “M.N.” assinalada por Roquette-Pinto em referência ao Museu Nacional. Data: 24/05/1930.



Envelope do Museu Nacional/ Ministério da Educação que Roquette-Pinto aproveitou para guardar os documentos relativos à Censura Cinematográfica, o que nos leva a supor uma tentativa de ordenamento da documentação. Sem data.

Rio, 29/5/1929.

Ex. Inf. Dr. Roquette Pinto.

*Filmes*

Caro Dr. Roquette Pinto,

Envio um filme que contém coisas muito interessantes, sobre insectos, aves, maus e plantas. Mandei-lhe um resumo das cenas de que fallo acima, no caso de que possa interessar, e deseje proporcionar uma exhibição.

Agradecendo seu prezado respeito,

Em attenção,

Jos. G. Barbosa

CINE-SOM-STUDIOS

Rua Visconde de Albuquerque n. 51

Tel. 5-2774

RIO DE JANEIRO

Director Artístico de P. Monte

*PCCC*

*Providenciado Arch. Roq.*

Exmo. Sr. Director da Comissão de Censura Cinematographica.

CINE-SOM-STUDIOS, tendo requerido ao Exmo. Sr. Ministro da Educação, isenção da taxa de censura para o filme falado, gravado por aparelhos brasileiros, denominado "O CARNAVAL NO RIO DE JANEIRO", com 1.500 metros, vem requerer a V. Ex. que se digne permitir que seja feita a censura previa, em hora fixada por V. Ex. de modo a poder ser o filme em questão exhibido no Cine Eldorado, ás 14 horas do dia 2 de Março, sendo dado o competente visto da Censura, independente do pagamento da taxa acima referida, visto se achar o pedido de isenção ainda pendente de decisão do sr. Ministro da Educação.

Resposta termos.

R. Deferimento.

*Providenciado Arch. Roq.*

*15*

Imagem da esquerda: correspondência recebida em que Roquette-Pinto classificou como, assunto principal, "Filmes". Data: 29/05/1929

Imagem da direita: correspondência recebida onde se lê "PCCC providenciado Arch. Roq." Em referência à Comissão de Censura Cinematográfica, e solicitando o seu arquivamento. Data: 01/03/1933

RP: Ant / RA: IEP 425

0066. n. 193

MINISTERIO DA AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO

Directoria Geral do Serviço de Povoamento

Rio de Janeiro, 8 de Abril de 1930.

*População*

Sr. Dr. Roquette Pinto.  
D. D. Director do Museu Nacional.

De posse de vossa carta de 18 de Março ultimo que só agora respondo, por ter estado ausente desta Capital, tendo regressado a 4 deste, agradeço a gentileza da distinção que me confere convidando-me para fazer parte da Comissão Nacional Brasileira da União Internacional para Investigação Científica de Questão de População e sinto que, por accumulo de serviço no meu departamento não possa aceitar esse convite que sobremaneira me penhora - todavia fora dessa delegação me encontrarei prompto a prestar o auxilio que julgarie necessario.

Reitero os protestos de agradecimento e com elevada estima queira aceitar os meus protestos de alta consideração.

Saúde e Fraternidade.

*Dulpho Pinheiro*

Director Geral.

RP: Ant / RA: IEP 425

S. Paulo 22-V-29

*Terenas*

Querido caro Roquette Pinto

Não sei se vou pôr esta no Rio depois que andou pelas sentenças de pinheiros, catem-nos, catando plênios com rumor..

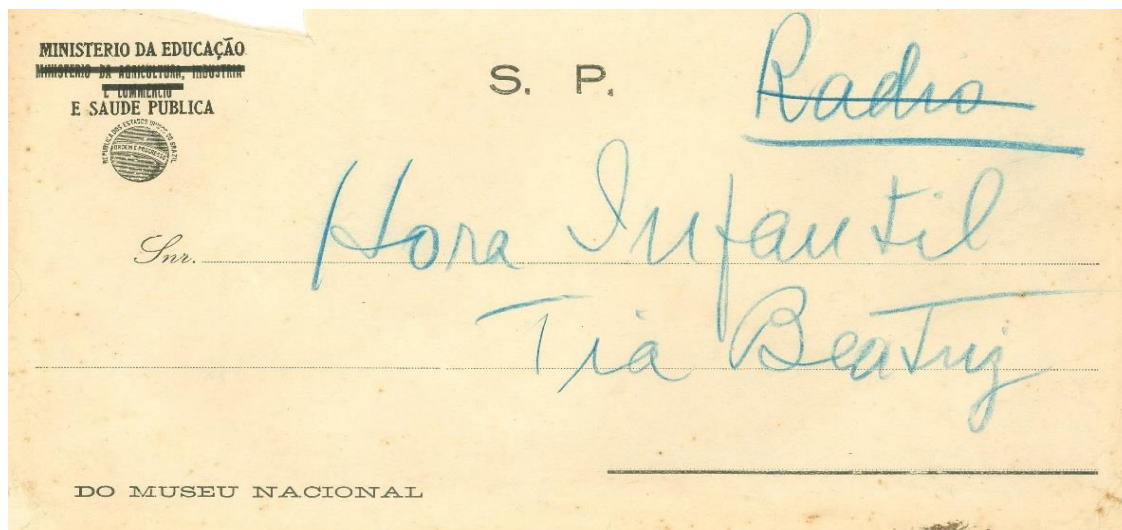
Mas me ocorre de vou, depois de andar por alto e baixo praticando buscando alguém que me explique algumas coisas. Não achei e não posso pedir a você um gesto de aquar este minúsculo texto.

É o caso: tem querer dar colori aqui, um individuo popular que me veda acidentada que larou, teve a curiosidade de morar tempo comprido entre índios de Mato Grosso e Paraguarai. Succedeu até que casou com india. É uma historia interessante, mas por não da tempo agora pra conta-la. Vem entre os Terenas ou Terenas (como voce preferir?) e sabia uma cantos d'esses índios. Os tolos 4 cantos, um sem lembrar o texto, e outro religioso, e' de exclamações, a proximo. Mandado muito aos cantos profanos por João de Kery. Não é interessante?

Imagem da esquerda: Correspondência de Dulpho Pinheiro para Roquette-Pinto, classificada pelo assunto "População". Data: 08/04/1930

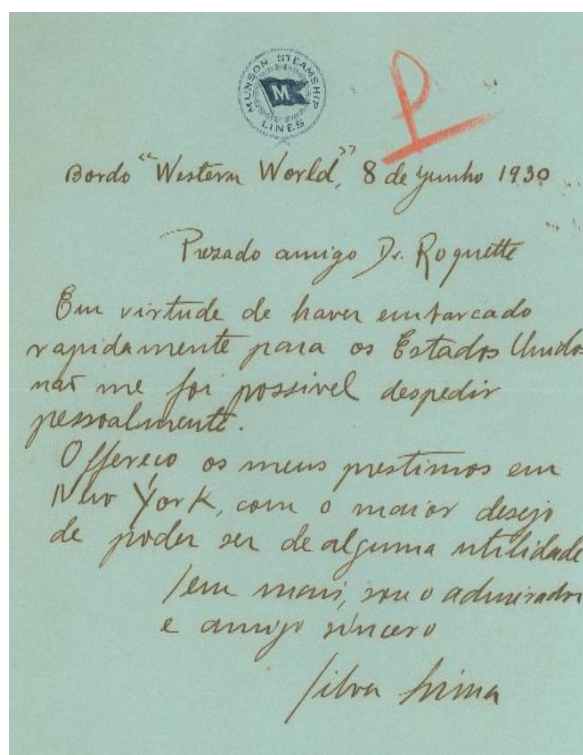
Imagem da direita: Correspondência de Mário de Andrade para Roquette-Pinto, classificada como "Terenas". Data: 22/05/1929





Envelope do Museu Nacional/ Ministério da Educação que Roquette-Pinto aproveitou para guardar os documentos relativos ao programa infantil de perguntas e respostas, da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, “Hora Infantil” da Tia Beatriz, escrito pelo próprio Roquette-Pinto e apresentado por sua filha, Beatriz Bojunga.

Diversos documentos de teor pessoal foram assinalados por Roquette-Pinto com a letra “P”. Não é possível precisar que a letra “P” refere-se a documentos de cunho “pessoal/privado/particular”, mas devido aos exemplos que o arquivo nos fornece, esta seria uma suposição.



Correspondência de Silva Lima para Roquette-Pinto. Data: 08/06/1930

A própria documentação atesta, portanto, as interferências de Roquette-Pinto, não sendo possível precisar se elas se relacionavam a usos correntes de seu “arquivo” ou à tentativa de ordená-lo para a leitura futura dos pesquisadores. Percebeu-se, ao longo do tratamento da documentação, uma intervenção classificatória desregular e espaçada do titular, já que apenas uma parcela dos documentos possuía algum tipo de classificação.

A análise da constituição do arquivo Roquette-Pinto também indica a intervenção de agentes externos. Com clareza podemos afirmar a interferência de sua filha mais velha, Beatriz Roquette-Pinto Bojunga, uma presença constante na vida do pai, com quem trabalhou em órgãos como a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e o Instituto Nacional do Cinema Educativo.

Em entrevista concedida a mim, para tentar compreender a lógica de acumulação deste acervo, o filho de Beatriz, Claudio Bojunga, comentou sobre o cuidado que a mãe tinha com as “coisas” do avô, inclusive seus papéis. Segundo Bojunga, sua mãe era bastante apegada ao pai e por isso cuidava de suas “coisas pessoais”, já que o pai não se casou novamente após a separação e optou por viver sozinho em seu apartamento no Flamengo.

Ao estudarmos a vida de Roquette-Pinto e manusearmos seu papelório, nos deparamos com a letra de Beatriz Roquette-Pinto Bojunga, que buscava ordenar o arquivo do pai, principalmente as fotografias, como é possível perceber nos exemplos a seguir:



Imagem de Roquette-Pinto, aos 6 anos, identificada no verso por sua filha Beatriz Roquette-Pinto Bojunga. Data: 1890

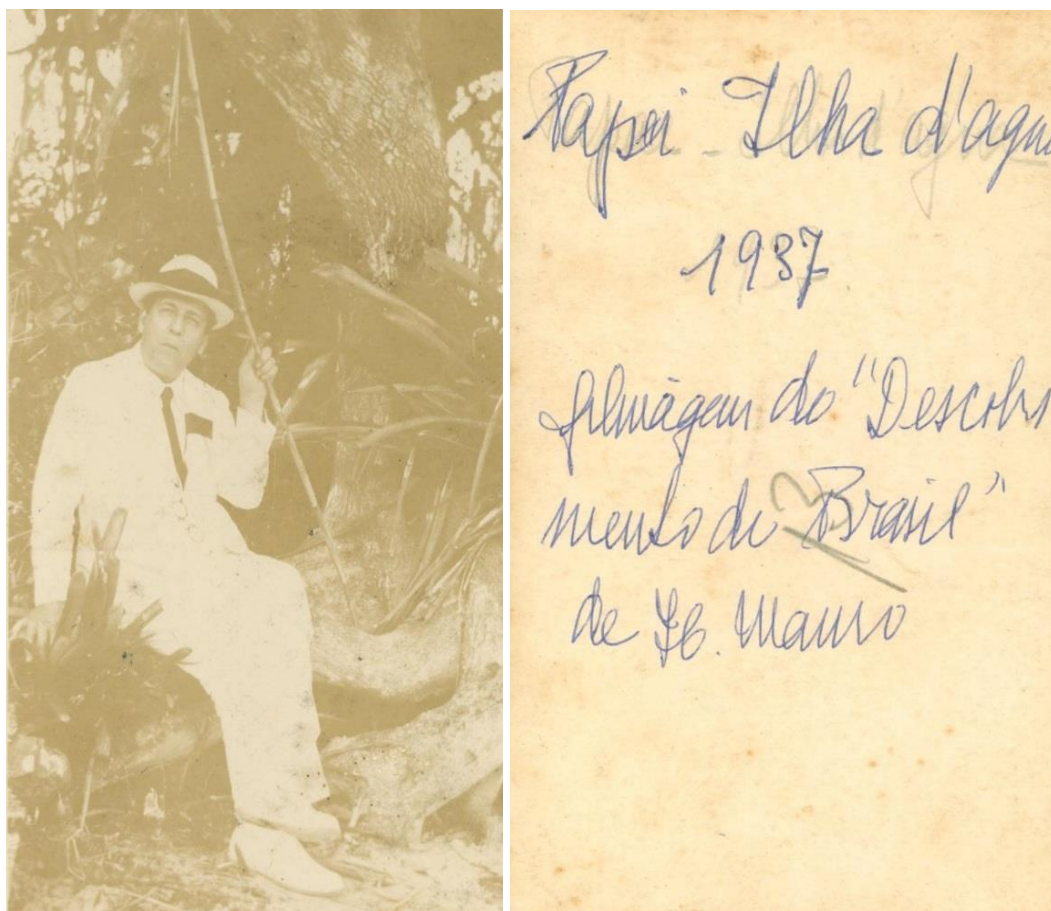
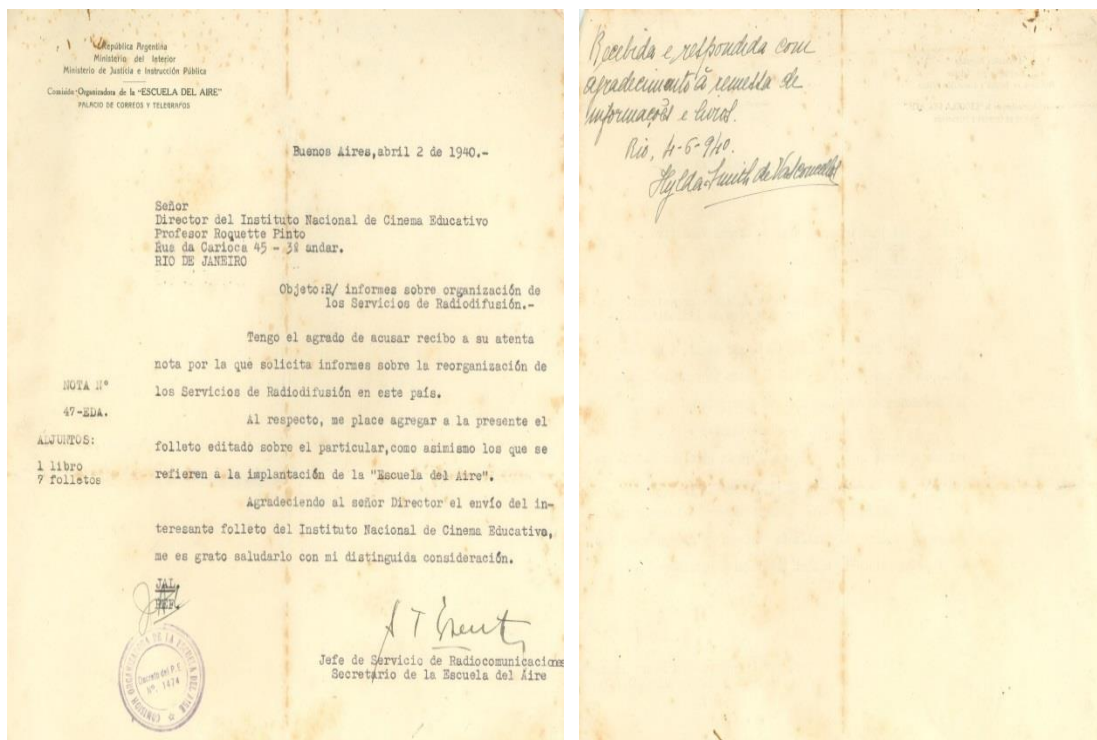


Imagem de Roquette-Pinto durante a filmagem do filme “O Descobrimento do Brasil”, dirigido por Humberto Mauro. Informação dada por Beatriz Bojunga no verso da imagem.  
Data: 1937

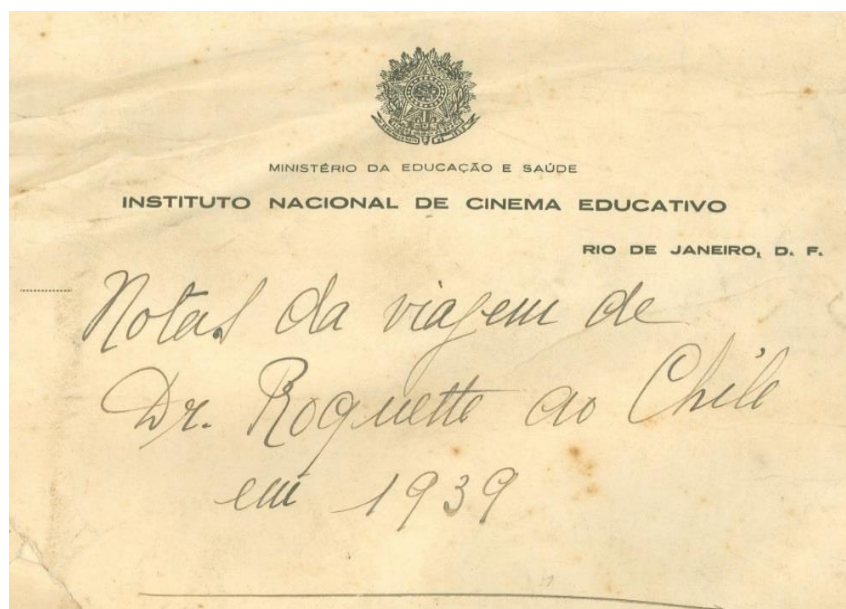
Outra interferência também perceptível ao manusearmos os documentos de Roquette-Pinto é a de Hylda Smith de Vasconcellos. Não há muita informação sobre ela, mas sabemos que trabalhou como bibliotecária do INCE, desde 1932, ano de fundação do instituto e, paralelamente a essa atividade, exercia as funções de secretária do Instituto.

Em alguns documentos, nem sempre referentes ao INCE, encontramos a letra de Hylda, o que nos leva a crer que, enquanto trabalhava diretamente com Roquette-Pinto, ela o ajudava a organizar seus documentos. Sua interferência é bastante comum nos documentos das décadas de 1930 e 1940, exatamente os anos em que Roquette mais frequentava o Instituto Nacional de Cinema Educativo.





Correspondência do Serviço de Radiocomunicação de Buenos Aires/ Argentina, de 2 de abril de 1940. No verso da correspondência vemos a seguinte informação, assinada por Hylda Smith de Vasconcellos: “Recebida e respondida com agradecimento à remessa de informações e livros. Rio, 04/06/1940”.



Envelope do Instituto Nacional de Cinema Educativo/ Ministério da Educação e Saúde que, supostamente, Hylda Vasconcellos aproveitou para guardar as notas da viagem de Roquette-Pinto ao Chile. Data: 1939

Diante dessas intervenções, foi possível perceber, além da organicidade que caracteriza os fundos documentais, alguns princípios e práticas de classificação, como o uso do lápis vermelho ou azul para inserir informações ou destacar assuntos, bem como a decisão de usar envelopes e pastas para guardar documentos. No momento em que nos debruçamos sobre a documentação, porém, diversas classificações não correspondiam à documentação, ou os envelopes estavam vazios. Essa situação me faz pensar em três hipóteses.

A primeira refere-se à personalidade do titular, já que por meio do depoimento de seu neto, ficamos sabendo que Roquette-Pinto era uma pessoa que “não tinha tempo a perder”. Claudio Bojunga supõe que o avô não iria dispensar tempo de sua vida à organização de seus documentos. Apesar de encontrarmos classificações feitas de próprio punho, é possível que o titular apenas propusesse temas, mas não organizasse sua documentação. Além disso, a desordem ser uma de suas características pessoais, como analisado por Nísia Trindade Lima e Dominichi Miranda de Sá:

Outro traço de sua vida pessoal era certo desapego por conforto material, ao menos no que diz respeito à casa em que morava, um apartamento de solteiro, nas palavras de amigos e familiares. Todas as descrições do apartamento na Avenida Beira Mar, centro do Rio de Janeiro, no qual viveu de 1938 a 1954, traçam um quadro de muita desorganização; uma casa repleta de livros, pequenos inventos e tubos de ensaio. Algo como o apartamento de um jovem estudante onde os netos tinham prazer em ir. (LIMA & SÁ, 2008:65)

A segunda hipótese para a “desordem” do arquivo remete ao momento em que foi aberto na ABL, já que há uma suposição de que essa documentação tenha chegado seguindo algum critério de organização, mas, no momento da abertura do arquivo por funcionários da ABL para higienização, a ordem original teria sido modificada. É bom lembrar que a documentação ficou fechada por mais de 30 anos.

Já a terceira hipótese consideraria que a desordem do arquivo resultou de sua utilização pelos pesquisadores da ABL, pois no momento em que foi aberto à consulta, no ano de 1998, o papelório não havia sido identificado e nem inventariado.

Dentre essas três hipóteses, suponho que a mais pertinente seja a primeira, onde é o titular o principal responsável pela desordem de sua documentação. Acredito que a segunda e a terceira hipóteses também contribuíram para tal cenário, no entanto, pela análise da constituição do acervo, o próprio Roquette-Pinto, apesar de classificar a sua documentação, não a organizava, sendo por isso essa hipótese mais forte.

Mesmo que não seja possível precisar as razões da desordem do arquivo, faço coro a

Fraiz (1998:63) quando a autora se utiliza de Vianna et al. (1986) ao afirmar que, sendo o valor informativo o preponderante, a determinação do arranjo deve ter como horizonte a pesquisa histórica. Nesse sentido, a percepção do princípio pode ser dada mediante a elaboração de um instrumento de busca que recupere a antiga ordem como, por exemplo, tabelas de equivalência. Pois,

o que nos interessa na ordem original, isto é, no modo de articulação dos documentos gerado pelo processo de acumulação [é] apreender a operação de acumulação como rede articulada de sentidos da qual o [acumulador] é o centro lógico. (FRAIZ *apud* Vianna et al., 1986:68)

### 3.3 Arranjo e descrição

Antes de iniciar a análise da organização do arquivo Roquette-Pinto, dentro da Academia Brasileira de Letras, é importante comentar, brevemente, sobre o conteúdo da documentação.

Desde o ano de sua doação até o ano de 2007, essa documentação encontrava-se armazenada em 32 caixas de papelão. A partir de 2007, devido à aquisição de um arquivo deslizante, os documentos foram retirados das caixas e distribuídos em 150 pastas suspensas, equivalentes a 6 metros lineares de documentos. Trata-se de volume documental bastante expressivo, mas, como já mencionado, não significando um retrato fiel da trajetória do titular.

Diversos campos de atuação que caracterizaram sua trajetória se refletem nos documentos, ainda que a distribuição do volume documental pelos assuntos e períodos seja bastante desigual. Situação bastante comum, principalmente em arquivos de pessoas públicas, podendo ser reflexo da presença de secretárias e assessores. Como sugere Heymann:

[...] Muitas vezes os arquivos pessoais, por serem função da atividade acumuladora desempenhada pelo titular ou por terceiros, ou seja, por dependerem da “vontade de guardar”, de um lado, e por terem passado por processos de expurgo ou perda acidental, de outro, não retratam de maneira satisfatória, do ponto de vista da pesquisa histórica, a trajetória de seu titular. Muitas vezes ocorre uma concentração documental sobre apenas um período de atuação ou uma das dimensões da sua experiência de vida (a pública ou a privada), ou acontece de o arquivo, simplesmente, ser inexpressivo ou não existir. (HEYMANN, 2012: 174)

No entanto, pode-se dizer que o Arquivo Roquette-Pinto contém uma documentação bastante rica para o padrão dos arquivos dos acadêmicos sob a custódia da ABL, tanto do ponto



de vista da abrangência cronológica quanto da variedade temática. Os documentos vão de 1871 a 1954, com predominância aos das décadas de 1920 a 1940, quando Roquette-Pinto vivenciou o auge de sua produção acadêmica.

Encontram-se no arquivo, também, documentos anteriores ao seu nascimento como, por exemplo, uma parte do papelório de seu pai, que Roquette-Pinto manteve sob sua guarda, e ainda, documentos de sua época de estudante da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, como boletins e notas para estudos de exames.

Dos cargos que exerceu, a atuação como professor e diretor do Museu Nacional produziu grande acúmulo documental, bem como sua atividade à frente da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e do Instituto Nacional do Cinema Educativo, ambas instituições cuja criação, em 1923 e 1932, respectivamente, se deve à ação de Roquette.

Sobre sua passagem pela Academia Brasileira de Letras, também é possível encontrar documentação desde antes do momento de sua eleição, quando ainda solicitava votos para sua entrada, até o ano do seu falecimento. Presença constante nas reuniões da ABL, Roquette-Pinto chegou a exercer o cargo de tesoureiro da instituição durante os anos de 1939 até 1944, e recebeu nas solenidades de posse os companheiros de ABL Afonso Taunay, em 1930, e Miguel Osório de Almeida, em 1935.

Outras instituições também se fazem presentes no arquivo, embora não correspondam a grande acúmulo documental, como as suas atuações na Academia Brasileira de Ciências, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Academia Nacional de Medicina e em inúmeras instituições do Brasil com as quais, em algum momento, o titular teve algum envolvimento.

Quanto à sua atuação como médico, é possível encontrar documentação referente à passagem como médico-legal da Polícia do Distrito Federal e da Santa Casa de Misericórdia. No final da década de 1920 e durante toda a década de 1930, paralelamente à sua atuação no Museu Nacional, Roquette-Pinto dirigiu um laboratório de análises clínicas.

Encontramos documentos, ainda, sobre a sua atuação como docente na Faculdade de Medicina do Brasil, da Faculdade de Medicina de Assunção no Paraguai, na Escola Normal do Rio de Janeiro (Instituto de Educação) e no Externato Aquino.

O arquivo inclui também documentos de natureza eminentemente pessoal, como carteiras de identificação, licenças para dirigir automóveis, certidões, documentação médica e bancária, escritura de imóveis, inúmeras notas fiscais, bulas de remédios e encartes publicitários que costumava guardar, principalmente sobre eletrodomésticos e automóveis.

Encontram-se, também, em sua documentação privada as anotações pessoais, e poemas

que costumava escrever nos momentos de lazer. Além disso, encontramos documentos de seus familiares como o avô, a mãe, o pai, a esposa, o irmão, os sobrinhos, e supostas namoradas e admiradoras.

Mas, de fato, grande parte de sua documentação reflete a sua atuação como antropólogo. Estão presentes os documentos sobre a sua viagem com a Comissão Rondon no ano de 1912, seus estudos e textos sobre etnias, com foco na população indígena, suas participações em instituições como o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), em eventos cujo tema era antropologia, etc.

A identificação desse material foi auxiliada pela pesquisa biográfica do titular e pelo levantamento documental realizado pela pesquisadora Dominichi Miranda de Sá. No próprio instrumento, ao lado de cada item documental, as arquivistas foram indicando os temas com os quais os documentos se relacionavam, a partir da interpretação dos resumos feitos pela pesquisadora. Os principais temas identificados foram: “Comissão Rondon”, “índios”, “estudos populacionais”, “ABL”, “Museu Nacional”, “vida pessoal”, “medicina”, “cinema educativo”, “radiodifusão”, “docência” e “instituições diversas”.

É importante destacar que o levantamento documental de Dominichi Miranda de Sá foi o ponto inicial da organização, no entanto, a pesquisa biográfica, a análise dos relacionamentos pessoais e de negócios, assim como da inter-relação entre os documentos e as atividades e funções do titular e de seus pares, além do levantamento do processo de acumulação por parte do produtor e de seus herdeiros, seguindo a metodologia do Arquivo dos Acadêmicos realizada pelas arquivistas, foram fundamentais para realização do arranjo e descrição do acervo.

Na primeira etapa o objetivo foi organizar os documentos sobre a atividade desenvolvida pelo titular durante a Comissão Rondon, visando concluir a proposta do projeto Comissão Rondon 1912 – 2012. As arquivistas levaram dois anos na tarefa de identificar, descrever e organizar essa documentação.

No arquivo Roquette-Pinto o pesquisador “abriu o caminho” a ser percorrido pelo arquivista, influenciando-o no momento de organização. É importante deixar claro que não foi o pesquisador quem fez o arranjo e a organização do arquivo, mas sim suas pesquisas e ativações que despertaram nas arquivistas certos sentidos e influenciaram a proposta de arranjo desta documentação.

A primeira parcela de documentos organizada no arquivo corresponde à documentação pertencente à série Antropologia, que nada mais é do que a realização da proposta estabelecida no Projeto Comissão Rondon 1912 – 2012, visando à comemoração da efeméride do centenário

de sua participação na Comissão.

Durante um tempo de estudo com foco na participação do titular do acervo na Comissão Rondon de 1912, foi realizada a análise dos relacionamentos pessoais e seu interesse nessa viagem, para que pudéssemos localizar a organicidade dos documentos relativos à função que Roquette desempenhava na viagem: a de antropólogo.

Não pretendo aqui entrar no debate sobre o que é antropologia, mas sim explicar que, o critério adotado pela equipe para a criação da série Antropologia, reflete à função do titular enquanto antropólogo, visando a organização dos documentos da Comissão Rondon e de tudo que a eles estejam relacionados.

As leituras indicavam que, com a publicação do livro *Rondonia*, em 1917, Roquette-Pinto passou a ganhar notoriedade como um dos principais estudiosos da etnografia brasileira. Além da descrição dos fatores ambientais e culturais da população sertaneja, boa parte da obra é dedicada à classificação dos tipos indígenas, como as medidas de crânio, dos membros superiores e inferiores, da dimensão nasal e torácica, a espessura do cabelo, entre outros aspectos físicos analisados a partir da antropometria e do prisma da raça como modelo explicativo da variabilidade biológica dos grupos humanos. Contudo, segundo Vanderlei Sebastião de Souza, em artigo publicado no livro organizado por Lima e Sá, “Antropologia Brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto”:

[...] como o próprio Roquette-Pinto frisava em 1914, a antropologia que ele empregava “não se limita mais a medir crânios e a calcular índices discutíveis, na esperança de poder separar as raças “superiores” das raças “inferiores”. Para ele, a “doutrina da igualdade” entre as raças estava se impondo na antropologia, a qual teria por papel “verificar como as raças se transformam pela migração, pelo cruzamento e por outras influencias”. (2008:217)

Dessa forma, a série Antropologia foi organizada baseada na função do titular como antropólogo. Nela encontramos seus documentos sobre a Comissão Rondon, os indígenas, os sertanejos, os negros e os imigrantes.

Finalizada a organização dessa série documental e encerrada o projeto, realizou-se a digitalização dos itens e a sua inclusão na base de dados *Sophia Acervo*, atualmente ainda em fase de teste e disponível apenas na instituição.



Álbum fotográfico elaborado por Roquette-Pinto durante a sua viagem com a Comissão Rondon. Neste álbum, o titular anotava, de próprio punho as informações sobre os indígenas que analisava. Este documento encontra-se na base de dados Sophia Acervo.

A chefe do arquivo da Academia Brasileira de Letras ciente de que o arquivo é um conjunto orgânico de documentos, solicitou a contratação imediata de uma das arquivistas para que fosse finalizada a organização do arquivo Roquette-Pinto como um todo. Dessa forma, é neste momento, depois de uma parcela já organizada, que o arranjo do arquivo foi definido, com as seguintes séries documentais: Antropologia, Medicina, Museu Nacional, Educação, Radiodifusão, Cinema Educativo, Academia Brasileira de Letras, Instituições diversas, e Documentos pessoais.

À guisa de explicação, assim como a série Antropologia, as outras séries do arquivo também foram denominadas pelo tema/assunto, mas todas refletem a atuação do titular, ou seja, a série Medicina refere-se à atuação de Roquette-Pinto como médico, a série Museu Nacional refere-se à sua atuação enquanto diretor da instituição, a série Educação refere-se à sua atuação enquanto professor e educador; a série Radiodifusão refere-se à sua atuação enquanto diretor e funcionário da Rádio Educativa do Rio de Janeiro e de sua participação em outras rádios; a série Cinema Educativo refere-se à sua atuação enquanto censor, e diretor do INCE, e assim por diante.

Se este critério adotado, de pôr os nomes das séries por assunto, mesmo que reflita em atividade/função, foi o mais adequado, não posso afirmar, mas, de fato, este modelo de arranjo foi refletido através do estudo das funções do titular e até o presente tem sido satisfatória. O que importa para um arquivista, no momento de organização de um arquivo pessoal, é que a sua metodologia vise à facilitação do pesquisador no momento de sua pesquisa.

Consciente de que o arranjo orienta a pesquisa, indica caminhos a percorrer, sugere aprofundamentos, desvia atenções, foi possível perceber destaques às dimensões do titular como antropólogo, homem da rádio e homem do cinema educativo, enquanto outras funções desempenhadas aparecem “diluídas” em conjuntos documentais. Pode-se ter, como exemplo, os documentos oriundos de diversas instituições na qual Roquette-Pinto atuou, independente do cargo, como por exemplo, diretor do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, ou a sua filiação ao Partido Socialista Brasileiro e a sua candidatura à Câmara Federal em 1954.

Após a organização do arquivo, foi possível perceber o destaque para três momentos importantes da vida de Roquette-Pinto. O primeiro deles refere-se à atuação de Roquette-Pinto como antropólogo, durante as duas primeiras décadas do século XX. O segundo momento, refere-se a ele enquanto homem preocupado com a difusão da educação e da ciência no país; o momento em que ele cria a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, e mergulha nessa função durante as décadas de 1920 e 1930. O terceiro, e último, momento é o autor enquanto diretor do Instituto Nacional de Cinema Educativo, compreendido entre as décadas de 1930 até o fim de sua vida, em 1954.

Durante os quatro anos de organização do fundo documental, percebeu-se que o investimento realizado pelo titular foi o de guardar o grande número de documentos referentes às suas atividades profissionais, acadêmicas e pessoais, passados para que os herdeiros doassem para uma instituição de guarda e a instituição preservasse e desse o acesso a esse material. Foi exatamente isso que aconteceu com o arquivo Roquette-Pinto dentro da instituição, que irá comemorar em novembro de 2015, a efeméride dos 50 anos de doação deste fundo documental ao arquivo da Academia Brasileira de Letras.

Diante dessa proposta apresentada cumpre firmar que o interesse expresso neste trabalho foi compreender não apenas o arquivo Roquette-Pinto como produto de uma trajetória, que tem o titular como personagem principal, mas também como resultado de um processo cujo objeto é o próprio arquivo.

## Considerações finais

O alargamento da noção de arquivo, remetendo à valorização dos documentos produzidos e acumulados por indivíduos vem ganhando destaque na história e nas ciências sociais do Brasil, desde a década de 1970, ampliando a noção de produtores de arquivo e conferindo cada vez mais espaço aos arquivos pessoais nas instituições de memória.

Na origem dessa valorização, e também como um de seus efeitos, os arquivos pessoais cada vez mais despertam o interesse de pesquisadores, embora ele nem sempre tenha correspondido ao investimento da arquivologia, que por muito tempo conferiu a esse tipo de conjunto documental um lugar periférico nas discussões da disciplina (HEYMANN, 2012).

Esse interesse pelos arquivos pessoais já foi associado a um tipo de “encantamento”, que poderia levar os pesquisadores a acreditarem que o arquivo é capaz de garantir o contato entre o consulente e o titular, na medida em que o primeiro teria a chance de conhecer os registros mais íntimos, e até os pensamentos do segundo (GOMES, 1998). Com o arquivo de Roquette-Pinto não foi diferente.

Antes de qualquer interferência, por parte de pesquisadores e arquivistas, porém, o próprio titular viu seu papelório como um arsenal dotado de “valor” para as futuras gerações, além de um instrumento de trabalho e de pesquisa para ele próprio. O destino vislumbrado para o arquivo se cumpriu com a doação do mesmo para a Academia Brasileira de Letras e, com o interesse expresso por pesquisadores de diversas áreas em consultar a documentação após a sua abertura em 1998.

Seu valor como “patrimônio”, capaz de contribuir para o desenvolvimento da pesquisa histórica no país, começou a ser construído com a doação e parece se alimentar de cada nova pesquisa e de cada publicação para a qual o tenha contribuído como fonte. Como vimos, trata-se do segundo fundo documental mais pesquisado da ABL, um dos fatores que reforça a ideia de um capital simbólico associado a este arquivo.

A reflexão sobre o arquivo Roquette-Pinto e seu papel na construção da ideia de um “legado” que se associa ao personagem levou-me, assim, a investir, inicialmente, na história e na cultura institucional da Academia Brasileira de Letras, para buscar os sentidos que os membros desta instituição conferem à memória dos acadêmicos, desde a criação do Centro de Memória e do setor Arquivo, além de analisar as conexões entre esses sentidos, a gestão do acervo e as políticas institucionais.

Como vimos, no caso do Arquivo dos Acadêmicos da ABL, além dos arquivos doados

pelos herdeiros, houve um grande esforço por parte dos acadêmicos para a criação de um “panteão literário”, ao qual deveria corresponder a um acervo documental à altura, produzido a partir da reunião de documentos sobre os acadêmicos que pudessem ser utilizados como instrumentos de celebração de suas memórias, bem como fonte de pesquisa. Chegamos assim à ideia de que a instituição investiu, historicamente, na celebração de efemérides, como um meio de preservar, divulgar e manter a memória e a imortalidade de seus membros.

Em seguida, nosso percurso levou-nos a desnaturalizar o arquivo como representação e forma de acesso à memória pessoal do titular, na medida em que buscamos indicar as interferências que teriam contribuído para formatar o conjunto documental. As análises da relação do titular e seus herdeiros procurou investir nos sentidos atribuídos por esses últimos ao arquivo.

Algumas dificuldades foram encontradas no meio do caminho, uma delas está relacionada ao fato de o titular do arquivo ter falecido em 1954, e de sua filha e doadora do arquivo, Beatriz Roquette-Pinto Bojunga, também já ser falecida no momento em que essa pesquisa teve início, dificultando a reconstituição do percurso do acervo e da relação de cada personagem com o papelório.

A solução encontrada foi entrevistar o neto de Roquette-Pinto, filho de Beatriz, Cláudio Roquette-Pinto Bojunga, que era um menino de quinze anos quando o avô faleceu, e o acadêmico Alberto Venancio Filho que, embora tivesse 20 anos quando Roquette-Pinto faleceu, era filho de um de seus amigos mais próximos, Francisco Venancio Filho, razão pela qual teriam frequentado o mesmo círculo social.

As entrevistas com Bojunga e Venancio foram primordiais para conhecer um pouco melhor a personalidade do titular, mas também devemos levar em consideração que, o pouco tempo que ambos conviveram com o titular faz com que suas respostas às minhas perguntas sejam mais o produto de projeções sobre a imagem de Roquette-Pinto do que de lembrança de tempos vividos.

Dessa forma, o percurso da pesquisa se assemelhou à tentativa de organizar as peças de um “quebra-cabeça”, onde cada ação desenvolvida complementava outra, dando maior sentido às demais “peças”, a cada passo em que algo era desvendado.

A análise do contato das primeiras pesquisadoras com o arquivo também contribuiu para que o “quebra-cabeça” fosse montado. Foi a partir daí que se tornou possível analisar a forma como se deu a abertura desse arquivo, após mais de 30 anos fechado, bem como a construção do discurso acerca do valor simbólico desse acervo, que embasou a proposta de organização do

material em torno de uma efeméride.

Procurei ainda analisar os efeitos causados pela abertura de um arquivo à consulta antes de sua organização, além de refletir sobre os efeitos que resultam de uma organização parcial, iniciada por um episódio da vida do titular.

Finalizada a organização do arquivo, percebemos que algumas parcelas de seus papéis receberam maior destaque do que outras: o arquivo valoriza, em grande parte, a face de Roquette-Pinto antropólogo, através de seus estudos, textos, rascunhos e participações em eventos da área. Mas também encontramos documentos relativos às atividades desenvolvidas na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, no Instituto Nacional do Cinema Educativo, ambas fundadas por ele, além da sua participação como acadêmico da Academia Brasileira de Letras e, embora com menos destaque, em diversas outras instituições das quais participou. Poesias de sua autoria, além de correspondências com os familiares e amigos também são encontrados em seu arquivo.

Em resumo, busquei nesse trabalho analisar as múltiplas possibilidades de explorar o arquivo, desde o momento de sua acumulação documental, até ser objeto de significados e investimentos da instituição que o abriga. Sinal deste investimento foi a candidatura do arquivo à nomeação pelo Programa Memória do Mundo, da UNESCO, ocorrida em 2011. Após a candidatura do Arquivo Machado de Assis, em 2007, a ABL escolheu o Arquivo Roquette-Pinto para representar o acervo da Casa nesse programa, cujo objetivo é dar visibilidade e valorizar os acervos documentais de relevo para história e a memória nacionais.<sup>102</sup>

A análise deste arquivo teve por objetivos qualificar os processos de construção do “legado” de Roquette-Pinto, bem como a maneira em que sua memória veio sendo configurada por pesquisadores através do uso de seu arquivo pessoal depositado na ABL antes da sua organização, com o objetivo de contribuir para os usos futuros do acervo, objetivo final dos arquivistas e de pesquisadores que, como eu, se debruçam sobre os arquivos.

O objetivo é o uso. Precisamos estar sempre atentos a este fato. Identificação, aquisição, descrição e todo o resto são simplesmente os meios que usamos para atingir essa meta. Eles são ferramentas. Precisamos empregar todas essas ferramentas habilmente, mas se, após avaliar meticulosamente, arranjar,

---

<sup>102</sup> O Programa Memória do Mundo, criado pela UNESCO em 1992, reconhece o patrimônio documental de significância internacional, regional e nacional; mantém registros dele e lhe confere uma logomarca que o identifica. O Programa facilita a preservação e o acesso a este Patrimônio sem discriminação. Em 2004 foi criado o Comitê Nacional do Brasil do Programa Memória do Mundo da UNESCO, que tem como objetivo assegurar a preservação das coleções documentais de importância mundial, por meio de seu registro na lista do patrimônio documental da humanidade, democratizar o seu acesso e criar a consciência sobre a sua importância e a necessidade de preservá-lo. De 2007 a 2014 foram nominados 73 acervos brasileiros.



descrever e conservar nossos documentos, ninguém vem para usá-los, então nós desperdiçamos nosso tempo. (ERICSON *apud* COUTURE, 2003:173).

## Referências bibliográficas

### Fontes primárias

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Arquivo dos Acadêmicos*. Guia geral. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. ARQUIVO GRAÇA ARANHA (BR ABL AA GA)

\_\_\_\_\_. ARQUIVO LAURO MULLER (BR ABL AA LMI)

\_\_\_\_\_. ARQUIVO MACHADO DE ASSIS (BR ABL AA MA)

\_\_\_\_\_. ARQUIVO OSÓRIO DUQUE-ESTRADA (BR ABL AA OD)

\_\_\_\_\_. ARQUIVO ROQUETTE-PINTO (BR ABL AA RPi)

\_\_\_\_\_. Ata da sessão preparatória da Academia Brasileira de Letras, ano 1896.

\_\_\_\_\_. *Estatutos e regimento interno*. Rio de Janeiro: ABL, 1897.

\_\_\_\_\_. *Estatutos e regimento interno*. Rio de Janeiro: ABL, 2004.

\_\_\_\_\_. Livros de atas das sessões da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: ABL, 1927.

\_\_\_\_\_. Livros de atas das sessões da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: ABL, 1943.

\_\_\_\_\_. Livros de atas das sessões da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: ABL, 1961.

\_\_\_\_\_. Livros de atas das sessões da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: ABL, 1964.

\_\_\_\_\_. Livros de atas das sessões da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: ABL, 1965.

\_\_\_\_\_. Livros de atas das sessões da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: ABL, 1970.

\_\_\_\_\_. Livros de atas das sessões da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: ABL, 1990.

## **Entrevistas**

BOJUNGA, Claudio Roquette-Pinto. Entrevista concedida a Juliana Amorim de Souza, em 08/12/2014. Rio de Janeiro, 2014. 1 arquivo. mp3.

OLIVEIRA, Maria do Socorro dos Santos. Entrevista concedida a Juliana Amorim de Souza, em 13/03/2015. Rio de Janeiro, 2015. 1 arquivo. k-7.

SÁ, Dominichi Miranda de. Entrevista concedida a Juliana Amorim de Souza, em 17/12/2014. Rio de Janeiro, 2014. 1 arquivo. k-7.

SCHVARZMAN, Sheila. Entrevista concedida a Juliana Amorim de Souza, em 25/11/2014. Rio de Janeiro, 2014. mídia digital: e-mail.

VENANCIO FILHO, Alberto. Entrevista concedida a Juliana Amorim de Souza, em 18/11/2014. Rio de Janeiro, 2014. 1 arquivo. mp3.

## **Sites**

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Discurso da acadêmica Nélida Piñon, em 12/12/1996. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=8319&sid=290>

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Discurso de recepção ao acadêmico Roquette-Pinto na ABL, feito pelo acadêmico Aloisio de Castro, em 03/03/1928. Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=8457&sid=113>

ACADEMIA BRASILEIRA E LETRAS. Discurso de posse de Edgard Roquette-Pinto na Academia Brasileira de Letras, pronunciado em 03/03/1928. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=8456&sid=198>

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. 8º Ciclo de Conferência, Memória Referenciada. 14/10/2014. Nísia Trindade de Lima, *Ciência brasileira: conhecimento e nacionalidade na*

*obra de Roquette-Pinto*, disponível em:

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=16721&sid=1025>

ARQUIVO NACIONAL: Sobre o Programa Memória do Mundo (UNESCO), disponível em:

<http://www.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=91>

CASA DE OSWALDO CRUZ/FIOCRUZ: Entrevista com Vanderlei Sebastião de Souza, em 16/10/2013, disponível em: <http://www.coc.fiocruz.br/index.php/todas-as-noticias/692-roquette-pinto-buscou-demonstrar-que-a-miscigenacao-nao-era-um-problema#.VUrcQZVFDIU>

### **Artigos e livros**

ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: Memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1996.

ARTIÈRES, Philippe. *Arquivar a própria vida*. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21, p. 9 – 34, 1998.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: FERREIRA, Marieta M. & AMADO, Janaina (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

BRANDI, Felipe. *Arquivos privados e história dos historiadores: sobrevoos no acervo pessoal de Georges Duby*. In.: Arquivos Pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Isabel Travancas, Joëlle Rouchou, Luciana Heymann (orgs.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida & GOULART, Silvana. *Tempo e circunstância: a abordagem contextual dos arquivos pessoais: procedimentos metodológicos adotados na organização dos documentos de Fernando Henrique Cardoso* – São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2007.

CAMPOS, Humberto de. *Diário Secreto*. 2 v. p. 396. Edições O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1954.

COELHO, Patrícia. *Intelectuais em defesa da radiocultura (1920 - 1930)*. Intercom – RBCC. v. 37, n. 2, p. 51- 70. jul/dez 2014 São Paulo, 2014.

COIMBRA JR, Carlos E. A.; LIMA, Nísia Trindade; SANTOS, Ricardo Ventura. *Rondonia de Edgard Roquette-Pinto: antropologia e projeto nacional*. In: *Rondonia: anthropology and ethnographia*. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, p. 99-121, 2005.

COOK, Terry & SCHWARTZ, Joan M. *Archives, records, and power: from (postmodern) theory to (archival) performance*. *Archival Science*, vol. 2, n. 1-2, Dordrecht, p. 171-185. 2002.

COUTURE, Carol. *Les fonctions de l'archivistique contemporaine*. Canadá: Presses de l'Université du Québec. 2003.

EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

FRAIZ, Priscila. *A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo Gustavo Capanema*. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21, p. 59-87, 1998.

GOMES, Angela de Castro. *Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados*. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21, p. 121-127, 1998.

HEYMANN, Luciana Quillet. *De “arquivo pessoal” a “patrimônio nacional”*: reflexões acerca da produção de “legados”. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. Trabalho apresentado no I Seminário PRONEX Direitos e Cidadania apresentado no CPDOC/FGV, 2-4 de agosto de 2005.

\_\_\_\_\_. *Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller*. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.19, p. 41-66, 1997.

\_\_\_\_\_. *Memórias de presidente: reflexões acerca da construção do legado de FHC*. In: Rachel Soihet; Maria Regina Celestino de Almeida; Cecília Azevedo; Rebeca Gontijo. (Org). *Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v., p. 51-65, 2009.

\_\_\_\_\_. *O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: Contra Capa/ FAPERJ, 2012.

\_\_\_\_\_. Procedimentos metodológicos adotados na organização dos documentos de FHC: alguns comentários. In: *Seminário Internacional de Arquivos Pessoais de Titulares de Cargos Públicos*: Curadoria e Tratamento Técnico, Rio de Janeiro, 2007.

HOBSBAWM, Eric. *Introdução: A invenção das tradições*. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, T. (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

JORGE, Adriana Duarte Ferreira. *Roquette-Pinto e a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*. Dissertação FGV/CPDOC, 2008.

KETELAAR, Eric. “(Dé)Construire l’archive”, *Matériaux pour l’Histoire de Notre Temps*, n. 82, Nanterre, avr. - juin, p. 63-69. 2006.

LEITE, Bruno Ferreira. *Percepções sobre a produção, custódia e uso do arquivo pessoal de Dom Adriano Mandarino Hypóllito*. Dissertação (Mestrado em Gestão de Documentos e Arquivos) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2014.

LIMA, Antonio Carlos de Souza. *Apresentação*. In: Rondonia: anthropology e ethnographia. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, p. 7 - 8, 2005.

LIMA, Nísia Trindade & Sá, Dominichi Miranda de (orgs.). *Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2008.

LIMA, Nísia Trindade. *Ciência brasileira: sensibilidade e narrativa da história da ciência na obra de Edgard Roquette-Pinto*. XXVII Simpósio Nacional de História, p. 20-34, Natal, Rio Grande do Norte, 2013.

NEVES, Fernão. *A Academia Brasileira de Letras: notas e documentos para a sua história (1896-1940)*. Rio de Janeiro: Publicações da ABL, 1940.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: Projeto História. São Paulo, n. 10, p. 7 – 28, 1993.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. *Descrição e pesquisa: Reflexões em torno dos arquivos pessoais*. Rio de Janeiro: Móbile, 2012.

OLIVEIRA, Maria do Socorro dos Santos. *A memória dos imortais no arquivo da Academia Brasileira de Letras*. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais), Fundação Getúlio Vargas, CPDOC, Rio de Janeiro, 2009.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, vol. 2, n.3, Rio de Janeiro, p. 3 – 15, 1989.

POMIAN, Krzysztof. *Coleção*. In: Enciclopédia Einaudi, vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, p. 51 – 86, 1984.

RANGEL, Jorge Antonio. *Edgard Roquette-Pinto*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. *Rondonia: antropologia – etnografia*. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.

ROUSSO, Henry. *O arquivo ou o indício de uma falta*. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 17, 1996.

SANTOS, Ricardo Ventura. *Mestiçagem, degeneração e a viabilidade de uma nação: debates em antropologia física no Brasil (1870-1930)*, In: PENA, Sérgio D. J. Homo Brasilis: aspectos genéticos, linguísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2002.

SCHVARZMAN, Sheila. *Edgard Roquette-Pinto e o cinema*. In: Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, p. 295-324. 2008.

VENANCIO FILHO, Alberto. *Prefácio à sétima edição*. In: Rondonia: antropologia e ethnographia. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, p. 9 - 24, 2005.

VENANCIO FILHO, Alberto. *50 anos sem Roquette-Pinto*. In: Academia Brasileira de Letras. Revista Brasileira, n. 46, 2006.

## **Periódicos**

*A Noite*. Rio de Janeiro. Data: 04/01/1945.

*Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. Data: 20/10/1954.

*O Globo*. Rio de Janeiro. Data: 02/03/1997.



## **ANEXO**

Ata da sessão acadêmica do dia 24 de setembro de 1964.

(Efeméride pela memória dos 10 anos de falecimento de Roquette-Pinto, registrada na véspera do seu aniversário natalício, no qual completaria 80 anos)

## **Ata da sessão de 24 de setembro de 1964**

**Aniversário de morte de Roquette-Pinto – O Sr. Peregrino Júnior** – Sr. Presidente, é grato recordar nesta hora a figura realmente grande, poderosa de Roquette-Pinto. Roquette-Pinto que já encontrei nesta casa, sentava-se exatamente nesta bancada que era das mais ilustres – Aloyzio de Castro, Levi Carneiro, Miguel Ozório, Roquette-Pinto. De sorte que foi uma bancada que honrou com a vizinhança de Roquette-Pinto. E este homem admirável conseguiu ser no Brasil uma das maiores culminâncias da nossa cultura científica. Era pesquisador, fisiologista, antropologista, precursor e pioneiro de vocação. Foi um escritor primoroso. O lado pioneiro da obra de Roquette-Pinto é extraordinário. Foi o homem que trouxe o Rádio para o Brasil. Foi o homem que implantou no Brasil o Cinema Educativo. Foi o homem que implantou no Brasil os novos processos de educação tendo sido um dos fundadores da Associação Brasileira de Educação. Foi um homem que teve sempre à frente a grandes iniciativas, não só no Brasil. Ainda muito jovem, aquele velho homem de sociedade deixou tudo no Rio de Janeiro, a bela paisagem, a sociedade em que vivia, o conforto para ir ensinar fisiologia no Paraguai, no Paraguai fundou uma legião de pesquisadores que ainda hoje recordam o seu nome e a sua obra com grande carinho e grande admiração. Este homem foi o precursor da Antropologia do Brasil. Foi quem fez os primeiros estudos sérios, bem feitos, sobre a Antropologia Física no Brasil. O seu estudo de Antropologia Brasileira, é um livro primoroso. Eu que ensinei Antropologia bem posso imaginar o valor da obra antropológica de Roquette-Pinto. E não era só o antropólogo de ordem, é o antropólogo que saiu daqui com Rondon, incorporou-se à Missão Rondon, e foi para a floresta conhecer de perto a língua, os costumes, as medidas antropométricas dos índios brasileiros, sem Roquette-Pinto e sem a Rondônia talvez Rondon não fosse o grande nome que é hoje internacionalmente conhecido, porque foi ele inegavelmente o homem que fez a história, o homem que situou Rondon na história da cultura brasileira, com um livro admiravelmente bem escrito, um livro pensado, um livro que ainda hoje é um livro válido para leitura. Este homem era admirável porque era poeta, era músico, era pintor, era mecânico, era um homem que tinha grande orgulho de saber lidar com as mãos, de saber pegar nos instrumentos e fazer um rádio e fazer uma televisão e fazer um gramofone e fazer um instrumento qualquer. Ele dizia que homem precisava voltar a conhecer a dignidade de trabalho manual. E a dignidade do trabalho manual ele a conhecia bastante. Este homem extraordinário era poeta era contista era ficcionista, e tudo que ele fez foi muito bem feito. Era orador primoroso. Como ele sabia dizer, um pouco enfático como se usava naquele tempo, mas com uma bela presença e com uma voz muito bonita e sabendo dizer as coisas muito bem com elegância, graça e correção. Foi

realmente um companheiro além de tudo cordial muito bem admirado. Quando chegava aqui um visitante estrangeiro Roquette-Pinto o recebia na sua língua. Era um humanista completo dos maiores que o Brasil tem conhecido e realmente um homem que honrou a cultura brasileira e honrou esta Casa. Foi um companheiro admirável pela bondade, pela modéstia, pela compreensão. Guardo dele uma recordação dos últimos tempos. Ele já vinha pouco à Academia e conversando comigo ele me disse: tudo o que fizeram nos últimos anos deve-se à aspirina. A aspirina é a cortisona dos pobres, afinal de contas ele não sabia ainda que isto era verdade. Nós, que conhecemos hoje o mecanismo da aspirina e o mecanismo da cortisona, sabemos que elas agem de maneira semelhante na repressão de certas dores. Roquette-Pinto numa das últimas vezes que veio à Academia, ainda muito bem apresentado, lúcido, andando muito bem, eu o encontrei e o saudei com respeito e a cortesia que ele merecia e lhe perguntei: como tem passado? Ele me disse: Peregrino, a velhice é uma coisa triste, só lhe digo isto. Pouco tempo depois ele morreu. E realmente a velhice era uma coisa triste para aquele que foi de uma mocidade radiosa, um homem amado das mulheres, um homem cheio de aventuras, um homem respeitado dos outros homens, um homem invejado dos seus companheiros, um homem que foi poeta, um homem que foi pianista, um homem que foi compositor, um homem que foi antropólogo, um professor de ciências, foi fisiologista, exerceu missões internacionais e que desapareceu tranquilamente e se apagou em silêncio num modesto apartamento no Castelo. Mas ainda trabalhando.

- **O Sr. Josué Montello** – Morreu escrevendo sobre educação, preocupado ainda com os problemas fundamentais de sua vida que eram o rádio, a televisão e o cinema educativo.

- **O Sr. Peregrino Júnior** – Eu vi nascer a sua obra do cinema educativo porque eu fazia parte do gabinete de Gustavo Capanema que conversando comigo me perguntou quais eram as pessoas que poderiam dirigir o Cinema Educativo. Então eu citei o nome de Roquette-Pinto. Ele mandou chamar Roquette e ficou impressionado com o domínio que Roquette-Pinto tinha dos problemas brasileiros, dos problemas educativos pedagógicos e particulares e, sobretudo, do problema do cinema educativo que ele realizou de uma maneira perfeita e admirável, que ainda hoje é válida para o Brasil e para a cultura brasileira. É recordando este grande brasileiro, grande acadêmico que foi Roquette-Pinto, que quero encerrar as minhas palavras comovidamente.

- **O Sr. Rodrigo Octavio** – Sr. Presidente, eu quero contar apenas um episódio sobre Roquette-Pinto. Eu não o conhecia. Era ainda solteiro e uma vez estando nos jardins da minha casa com

o meu pai passou na calçada um rapaz de chapéu de palha. Eu então perguntei ao meu pai: que é esse rapaz que o cumprimentou. Ele me disse: tome nota – no momento é um simples rapaz que se chama Roquette-Pinto, mas dentro de pouco tempo será um dos homens maiores do País.

- **O Sr. Levi Carneiro** – Eu já falei aqui uma vez sobre Roquette-Pinto. Agora eu queria recordar um episódio do que se mostra a fina responsabilidade do amigo extraordinário que era Roquette-Pinto. Quando eu fui para a Europa, Roquette-Pinto me fez presente de um relógio. Eu achei estranho mas ele me recomendou – você nunca ajuste este relógio à hora do Rio de Janeiro, viver por um momento a vida que você a essas horas vivia aqui. Isto é um requinte de sensibilidade que me comoveu naquele momento e de que guardo uma recordação inapagável.

- **O Sr. Múcio Leão** – Sr. Presidente, Peregrino falou sobre vários aspectos da personalidade de Roquette-Pinto, mas esqueceu de um aspecto que eu acho muito primordial, muito importante – é o de jornalista. Quando morreu João Ribeiro, o nosso mestre Aníbal Freire queria um colaborador que correspondesse àquela tendência puramente literária e muitas vezes científica e lembrou-se do nome de Roquette-Pinto. Então Roquette-Pinto foi para o Jornal do Brasil e dirigiu uma seção que eu creio que se chamava “Notas e informações”, e publicou mais de trezentos artigos. Eu quero comunicar a V. Excia, e isso vem de encontro ao que Ivan Lins falava há pouco, que eu coordenei vários desses trabalhos de Roquette-Pinto, classifiquei-os em ordem alfabéticas e que eu consultei, sempre quando quero encontrar alguns daqueles assuntos. Eu ponho à disposição da Academia esse trabalho. Esse trabalho de que falava há pouco Ivan Lins relativamente a Constâncio Alves podia ser talvez iniciado com esse trabalho de Roquette-Pinto porque tem mais importância do que Constâncio Alves pelo fato de Roquette-Pinto estar mais próximo de nós.

- **O Sr. Ivan Lins** – Há ainda dois aspectos de Roquette-Pinto que quero assinalar: um, é a sua contribuição no sentido de valorizar-se o homem brasileiro. Insurgia-se o autor de “Rondonia” contra a teoria, muito em voga em seu tempo, de que a miscigenação é um mal, acarretando a degenerescência da espécie. Roquette-Pinto, através de numerosos trabalhos, pôs em relevo as altas qualidades do nosso mestiço, quer proveniente da miscigenação do português com o índio, quer com o negro. A inferioridade de que se acusa o nosso sertanejo – dizia Roquette-Pinto – é exclusivamente econômico, decorrente das condições climáticas desfavoráveis com que luta, ao desamparo de qualquer assistência oficial, e não, de modo algum, intrínseca ou biológica, pois o próprio Euclides da Cunha, vítima das teorias em voga em seu tempo, viu-se obrigado a confessar, diante da bravura e resistência dos componentes do reduto de Canudos, que “o

sertanejo é um forte”. Protestava por isso, Roquette-Pinto, com veemência, contra a discriminação racial e chegava a gabar a beleza de uma de suas tias, que ele considerava um perfeito exemplo da nossa mestiçagem. O outro aspecto muito nobre de Roquette-Pinto, a que quero aludir, é que, sendo um patriota entusiasta, nunca deixou que o sentimento nativista, nele muito exaltado, o cegasse a ponto de não reconhecer os extravios dos nossos governantes mesmo na órbita internacional, como no caso das intervenções do Brasil no Prata durante o Império. Discursando na Academia, em 3 de março de 1928, ao suceder a Osório Duque-Estrada, teve Roquette-Pinto a coragem cívica de contrapor-se ao seu antecessor e a Afonso Arinos na apreciação que haviam feito, em manifestações dentro da própria Academia, a propósito da Guerra com o Paraguai. Esposando a tese defendida por Teixeira Mendes no “Esboço Biográfico de Benjamin Constant”, Roquette-Pinto sustentou que, “em relação às origens daquele triste episódio, os moços aprendem uma história injusta... Não se diminui a glória dos nossos antepassados ainda quando se demonstra que o seu luminoso sacrifício poderia ter sido evitado... Equidade não é sentimentalismo – frisava ele. Só compreendo patriotismo que não precisa de mentiras para manter a sua existência... Amor da pátria que não tine como o ouro da verdade é moeda falsa de patriotismo.” Eram estes dois aspectos que tanto engrandeciam a personalidade de Roquette-Pinto, realçando-lhe a adamantina têmpera do caráter, que eu desejava, neste momento, recordar.

- **O Sr. Austregésilo de Athayde** – Declaro encerrada a sessão e convido os Senhores Acadêmicos para assistirem, no Salão Nobre, a conferência do nosso confrade Afrânio Coutinho sobre “A evolução da crítica shakespeariana”, do curso dos Centenários.